



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,
CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

**MEMÓRIAS E BIOGRAFIA DE NAIR THEODORO DE
ARAÚJO NO CONTEXTO PAULISTANO NO PERÍODO DE
(1950 a 1980)**

ÉRICA APARECIDA PIRES DOS ANJOS

Sob a Orientação da Professora
Joyce Alves da Silva

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestra em Educação**, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

Seropédica/Nova Iguaçu, RJ
Dezembro de 2024

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro Biblioteca
Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A613m Anjos, Érica Aparecida Pires dos, 1979-
Memórias e Biografia de Nair Theodoro de Araújo no
Contexto Paulistano no Período de (1950 a 1980) Érica
Aparecida Pires dos Anjos. - Seropédica; Nova Iguaçu,
2024.
115 f.: il.
Orientadora: Joyce Alves da Silva.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em
Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas
Populares, 2024.
1. Conhecendo Nair Theodoro de Araujo: Trajetória e
Desafios. I. Silva, Joyce Alves da, 1978-, orient.
II Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos
Contemporâneos e Demandas Populares III. Título.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento
e Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001"

"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal
de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES



TERMO Nº 97/2025 - PPGEDUC (12.28.01.00.00.00.20)

Nº do Protocolo: 23083.008447/2025-16

Seropédica-RJ, 20 de fevereiro de 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E
DEMANDAS POPULARES

ERICA APARECIDA PIRES DOS ANJOS

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestra**, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 18/12/2024

Membros da banca:

JOYCE ALVES DA SILVA. Dra. UFRRJ (Orientadora/Presidente da Banca).

ALMUNITA DOS SANTOS FERREIRA PEREIRA. Dra. (Examinadora Externa à Instituição).

MARIA DA GLÓRIA CALADO. Dra. USP (Examinadora Externa à Instituição).

SANDRA REGINA DE OLIVEIRA FAUSTINO. Dra. SME (Examinadora Externa à Instituição).

Documento não acessível publicamente

(Assinado digitalmente em 21/02/2025 11:57)

JOYCE ALVES DA SILVA
PRO-REITOR(A) ADJUNTO(A)
PROAES (12.28.01.19)
Matrícula: ###427##

(Assinado digitalmente em 20/02/2025 22:10)

ALMUNITA DOS SANTOS FERREIRA PEREIRA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: ###.###.054-##

(Assinado digitalmente em 07/04/2025 11:02)

MARIA DA GLÓRIA CALADO
ASSINANTE EXTERNO
CPF: ###.###.321-##

(Assinado digitalmente em 20/02/2025 19:27)

SANDRA REGINA DE OLIVEIRA FAUSTINO
ASSINANTE EXTERNO
CPF: ###.###.127-##

DEDICATÓRIA

À colega de turma Saimita Diniz que voltou à casa do pai! Que brilhe para ela a luz eterna!

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida!

Aos meus pais pela escolha da vida, nossa família, valores e saberes compartilhados.

À minha filha pela honra de ser sua mãe e de aprender todos os dias com você.

Ao meu marido por ser essa pessoa presente que me apoia e torna a vida mais saborosa.

À Sílvia Maria de Oliveira pelas trocas de ideias e incentivo.

À minha orientadora Professora Doutora Joyce Alves da Silva pelo apoio, generosidade e por acreditar na minha competência acadêmica.

À Professora Doutora Almunita dos Santos Ferreira Pereira pela acolhida e contribuições valiosas para o desenvolvimento da minha pesquisa.

Às Professoras Doutoras Maria da Glória Calado e Sandra Regina de Oliveira Faustino pela gentileza na avaliação da minha dissertação.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, área de Concentração em Educação Étnico-Racial e de Gênero: linguagens e estudos afro-diaspórico, pela acolhida e participação.

À minha amiga Vanessa Campos pelo apoio e palavra amiga para continuar na caminhada rumo ao título.

Ao amigo Webber do Prado pelo incentivo e gentileza nas leituras do meu material.

À minha amiga Fernanda Yoshino pela parceria, paciência e incentivo no desenvolvimento da minha pesquisa.

Aos primos Evandro Passos e Natália Regina pelas trocas de conhecimentos e incentivo no Mestrado.

Aos Professores Renato Nogueira e Fábio Rosa pela compreensão e respeito à minha pessoa.

À Carla Figueira de Souza pelas trocas e incentivo no processo de construção da minha dissertação.

EPÍGRAFE

E, como a memória esquece, surge a necessidade da invenção.

- Conceição Evaristo -

ANJOS, Érica Aparecida Pires dos. **Memórias e Biografia de Nair Theodoro de Araújo no contexto paulistano no período de (1950-1980)**. 2024. 115p. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2024.

RESUMO

A presente dissertação analisa as memórias e biografia de Nair Theodoro de Araújo por meio de reflexões sobre sua autonomia como mulher negra, migrante do interior de Minas Gerais, atriz, declamadora, ativista negra, empregada doméstica, mãe, mezzo soprano, membro da Associação Cultural do Negro (ACN), do Teatro Experimental do Negro de São Paulo (TEN-SP), pioneira no ramo de livraria e empresária. Nair Araújo buscou alternativas para se reinventar e enfrentar as barreiras existentes em uma sociedade marcada por desigualdades raciais, sociais, educacionais, culturais, de gênero, bem como, o momento político que vivia o país em plena ditadura militar. Partindo desse pressuposto, a pergunta da pesquisa que é - Quais indicadores contribuíram para que Nair Theodoro de Araújo, não integre a galeria paulistana de personalidades negras, cujas histórias permanecem no anonimato? Para responder tal pergunta foram traçados os seguintes objetivos Geral: -Analisar a partir do resgate e registro das memórias, as contribuições deixadas por Nair Theodoro de Araújo no contexto sociocultural paulistano entre o período de 1950-1980. E os objetivos Específicos:- Conhecer por meio dos registros de memórias e bibliográficos, a história de vida de Nair Theodoro de Araújo; - Examinar e reconhecer as ações de Nair Theodoro de Araújo no movimento sociocultural e intelectual na Associação Cultural do Negro (ACN) e no Teatro Experimental do Negro de São Paulo (TEN-SP); - Identificar e descrever os eventos realizados na Livraria Contexto promovidos por Nair com a participação efetiva da comunidade negra formada por intelectuais, artistas e demais cidadãos da época. Optou-se pela realização da Análise Documental como percurso metodológico para o desenvolvimento da pesquisa de abordagem qualitativa e, para a coleta de dados, usou-se várias técnicas como: entrevista, escuta de podcast, leitura de blog, revista, consulta de artigos, dissertações, teses, livros, novela e enciclopédia. O recorte temporal transita entre o período de destaque de Nair na cidade de São Paulo nos anos de (1950-1980), momento em que atua como empresária abrindo a livraria Contexto que perdura até a atualidade. A Dissertação está estruturada em três capítulos; O primeiro, intitulado - Conhecendo Nair Theodoro de Araújo: trajetória e desafios, explorou-se a biografia de Nair Araújo, a sua chegada na cidade de São Paulo, o processo de Educação e o seu protagonismo na sociedade paulistana, a importância da memória como base teórica para o estudo e a construção da identidade, a memória coletiva e a representação da mulher negra. No segundo, intitulado - O Ingresso de Nair Theodoro de Araújo no Mundo das Artes, analisou-se o seu percurso no Teatro Experimental do Negro (TEN-SP), incluindo suas contribuições para o movimento negro e seu impacto na representação negra no teatro paulistano. No terceiro, intitulado Levantamento Bibliográfico dos Registros sobre Nair Theodoro de Araújo (Nair Araújo), investigou-se as publicações acadêmicas e não acadêmicas que a referenciavam. Nas considerações finais traz-se a resposta para a pergunta da pesquisa e o alcance dos objetivos, mediante a interpretação dos materiais que contribuíram para a concretização deste estudo refletindo sobre os desafios, trajetórias e resistências.

Palavras chave: Nair Theodoro de Araújo, Biografia, Memórias, Gênero, Raça.

ANJOS, Erica Aparecida Pires dos. **Memories and Biography of Nair Theodoro de Araújo in the context of paulista in the period (1950 to 1980)**. 2024. 115p. Dissertation (Master in Education, Contemporary Contexts and Popular Demands). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2024.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the memories and biography of Nair Theodoro de Araújo through reflections on her autonomy as a black woman, migrant from the interior of Minas Gerais, actress, reciter, black activist, maid, mother, mezzo soprano, member of the Black Cultural Association (ACN), of the Experimental Black Theater of São Paulo (TEN-SP), Pioneer in the bookstore business and businesswoman. Nair Araújo sought alternatives to reinvent herself and face the barriers that existed in a society marked by racial, social, educational, cultural and gender inequalities, as well as the political moment that the country was experiencing in the midst of a military dictatorship. Based on this assumption, the research question is - What indicators contributed to Nair Theodoro de Araújo not being part of the gallery of black personalities from São Paulo, whose stories remain anonymous? To answer this question, the following General objectives were outlined: - To analyze, based on the recovery and recording of memories, the contributions left by Nair Theodoro de Araújo in the sociocultural context of São Paulo between the period 1950 and 1980. And the Specific Objectives:- To know through the records of memories and bibliographies, the life story of Nair Theodoro de Araújo.- To examine and recognize the actions of Nair Theodoro de Araújo in the sociocultural and intellectual movement through the Black Cultural Association (ACN) and the Experimental Black Theater of São Paulo (TEN-SP).-Identify and describe the events held at Contexto bookstore promoted by Nair Theodoro de Araújo with the effective participation of the black community formed by intellectuals, artists and other citizens of the time. It was decided to carry out Documentary Analysis as a methodological path for the development of qualitative research and, for data collection, several techniques were used, such as: interview, podcast listening, blog reading, magazine, consultation of articles, dissertations, theses, books, novelettes and encyclopedia. The time frame transits between Nair's prominent period in the city of São Paulo, which was between the years (1950 and 1980), moment in which she works as a businesswoman opening the Contexto bookstore that lasts until today. The Dissertation is structured in three chapters; The first, entitled - Knowing Nair Theodoro de Araújo: trajectory and challenges, explored the biography (life trajectory) of Nair Araújo, her arrival in the city of São Paulo, the process of Education and her protagonism in São Paulo society, the importance of memory as a theoretical basis for the study and construction of identity, collective memory and the representation of black women. In the second entitled, The Entry of Nair Theodoro de Araújo into the World of Arts, her career in the Experimental Black Theater of São Paulo (TEN-SP) was analyzed, including her contributions to the black movement and her impact on black representation in São Paulo theater. In the third entitled, Bibliographic Survey of Records on Nair Theodoro de Araújo (Nair Araújo), investigated the academic and non-academic publications that referenced to her. In the Final Considerations, the answer to the research question and the achievement of the objectives are brought from the interpretation of the materials that contributed to the realization of this study, reflecting on the challenges, trajectories and resistances.

Keywords: Nair Theodoro de Araújo, Biography, Memories, Gender, Race.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 - VISTA PANORÂMICA DA CIDADE DIAMANTINA – MG.....	15
IMAGEM 2 - VESPERATA - CHICA DA SILVA E O CONTRATADOR.....	16
IMAGEM 3 - MENINA PRETA SOLITÁRIA.....	16
IMAGEM 4 - SABEDORIA ANCESTRAL.....	18
IMAGEM 5 - FESTA DO ROSÁRIO.....	19
IMAGEM 6 - MÃE DE SANTO.....	20
IMAGEM 7 - SOLIDÃO DA MULHER NEGRA.....	22
IMAGEM 8 - SALA DE LEITURA ONDE TRABALHO.....	23
IMAGEM 9 - APRESENTAÇÃO DE SEMINÁRIO NO MESTRADO NA UFRRJ.....	24
IMAGEM 10 - V SEMINÁRIO DO ERÊ YA INTELLECTUALIDADES NEGRAS E AS EPISTEMOLOGIAS QUE A HISTÓRIA (NÃO) CONTA	26
IMAGEM 11 - AULA SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DAS MULHERES NEGRAS NA LITERATURA BRASILEIRA.....	30
IMAGEM 12 - NAIR THEODORO DE ARAÚJO.....	34
IMAGEM 13 -VISTA PANORÂMICA DA CIDADE DORES DO INDAIÁ – MG.....	35
IMAGEM 14 - NAIR NA DÉCADA DE 1950.....	36
IMAGEM 15 – CONCEIÇÃO EVARISTO.....	48
IMAGEM 16 - O MAESTRO ESTEVÃO MAYA MAYA.....	51
IMAGEM 17 - ABDIAS NASCIMENTO, FUNDADOR DO TEN- RIO DE JANEIRO.....	54
IMAGEM 18 - GERALDO CAMPOS, FUNDADOR DO TEN-SÃO PAULO.....	55
IMAGEM 19 - POETA OSWALDO CAMARGO.....	57
IMAGEM 20 - DIRETOR TEATRAL DALMO FERREIRA.....	58
IMAGEM 21 - ATRIZ TEATRAL RUTH DE SOUZA.....	59
IMAGEM 22 - PARTICIPAÇÃO DE NAIR NA PEÇA TEATRAL VEREDAS DA SALVAÇÃO EM 1964 - TEN-SP.....	61

IMAGEM 23 - POETA CARLOS ASSUMPÇÃO, AMIGO DE NAIR.....	63
IMAGEM 24 - TEDA PELEGRINI.....	67
IMAGEM 25 - NAIR THEODORO DE ARAÚJO EM 1975.....	104

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

FIGURA 1 - CARTÃO DA LIVRARIA CULTURA.....	37
FIGURA 2 - PUBLICAÇÃO DO PRIMEIRO VOLUME DA SÉRIE "CULTURA NEGRA", ACN, SÃO PAULO, 13/12/1958.....	42
FIGURA 3 - A FUNDAÇÃO DA LIVRARIA CONTEXTO.....	72
FIGURA 4 - A LIVRARIA POLO AGREGADOR.....	74
FIGURA 5 - MOVIMENTO NEGRO E COMUNIDADE JUDAICA.....	75
FIGURA 6 - A LIVREIRA PIONEIRA.....	76
FIGURA 7 - REVISTA NIGER, Nº 1, 1960.....	87
FIGURA 8 - O NEGRO GRITO E NAIR.....	88
FIGURA 9 - LIVRO QUEM É QUEM NA NEGRITUDE BRASILEIRA, 1988.....	88
FIGURA 10 - CAPA DO LIVRO DO CUTI.....	89
FIGURA 11 - ENCICLOPÉDIA BRASILEIRA DA DIÁSPORA AFRICANA, 2014.....	91
FIGURA 12 - REVISTA DA ABPN, V. 9, N. 22 MAR-JUN, 2017.....	91
FIGURA 13 - LIVRO O LIVREIRO, 2017.....	92
FIGURA 14 - REVISTA CIÊNCIAS SOCIAIS 61 (1) • JAN-MAR 2018.....	93
FIGURA 15 - LIVRO NEGRO DISFARCE DO POETA OSWALDO CAMARGO.....	94
FIGURA 16 - REVISTA NIGER, ANO 1, SETEMBRO (1960)	95
FIGURA 17 - REVISTA ESPAÇO ACADÊMICO, 2021.....	96
FIGURA 18 - A DESCOBERTA DO INSÓLITO: LITERATURA NEGRA E LITERATURA PERIFÉRICA (1960-2020)	98
FIGURA 19 - PÁGINA QUE REGISTRA A PARTICIPAÇÃO DA ATRIZ NAIR ARAÚJO....	105
FIGURA 20 - PROGRAMA TUSP DE LEITURAS PÚBLICA.....	106
FIGURA 21 - A LIVREIRA PIONEIRA	106
FIGURA 22 - A LIVRARIA CONTEXTO.....	106

LISTA DE TABELAS E QUADROS

TABELA1- PESQUISAS SOBRE NAIR THEODORO DE ARAÚJO.....	78
QUADRO1- TESES E DISSERTAÇÕES QUE CITAM NAIR THEODORO DE ARAÚJO...	79
QUADRO 2- ARTIGOS E LIVROS QUE CITAM NAIR THEODORO DE ARAÚJO.....	84
QUADRO 3- MATERIAIS AUDIOVISUAIS QUE CITAM NAIR THEODORO DE ARAÚJO	101

LISTAS DE ABREVIATURAS, SIGLAS OU SÍMBOLOS

ABI - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA

ACN - ASSOCIAÇÃO CULTURAL DO NEGRO

AI-5 – ATO INSTITUCIONAL NÚMERO CINCO

CODI - CENTRO DE OPERAÇÕES DE DEFESA INTERNA

COHAB - CONJUNTO HABITACIONAL

DOI - DESTACAMENTO DE OPERAÇÕES DE INFORMAÇÕES

EUA - ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

IPCN - INSTITUTO DE PESQUISAS DAS CULTURAS NEGRAS

MDB - MOVIMENTO DEMOCRÁTICO BRASILEIRO

MG - MINAS GERAIS

MNU - MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO

MNUCDR- MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL

ONU - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS

PPGEDUC - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

SNI - SISTEMA NACIONAL DE INFORMAÇÕES

SP - SÃO PAULO

TEN - TEATRO EXPERIMENTAL NEGRO

TEN-RJ - TEATRO EXPERIMENTAL NEGRO DE RIO DE JANEIRO

TEN-SP - TEATRO EXPERIMENTAL NEGRO DE SÃO PAULO

TCC - TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TFB - TEATRO FOLCLÓRICO BRASILEIRO

TPB - TEATRO POPULAR BRASILEIRO

UBE - UNIÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES

UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	15
INTRODUÇÃO	27
ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	31
CAPÍTULO I – CONHECENDO NAIR THEODORO DE ARAÚJO: TRAJETÓRIA E DESAFIOS.....	35
1.1 - Biografia de Nair Theodoro de Araújo.....	35
1.1.2 - A Interseccionalidade como Condicionante na Vida da Mulher Negra.....	39
1.2 - O Protagonismo de Nair no Contexto da Sociedade Paulistana.....	41
1.3 - Memória e Construção de Identidade.....	43
1.3.1 - Reflexões sobre Identidade.....	46
1.4 - Memória Coletiva e a Mulher Negra: uma reflexão.....	47
CAPÍTULO II - O INGRESSO DE NAIR THEODORO DE ARAÚJO NAS ARTES PAULISTANAS.....	53
2.1 - O Teatro Experimental do Negro de São Paulo (TEM-SP)	53
2.2 - A Participação na Associação Cultural do Negro (ACN).....	62
2.3 - Exemplos de resistências promovidas por mulheres negras como Nair Theodoro de Araújo	69
2.4 - A Inauguração da Livraria Contexto.....	72
2.5 - A Livraria como um Espaço de Aquilombamento Sociocultural.....	74
CAPÍTULO III - LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO DOS REGISTROS SOBRE NAIR THEODORO DE ARAÚJO (NAIR ARAÚJO)	77
3.1 - O Mapeamento das teses e dissertações que citam Nair Theodoro de Araújo.....	77
3.1.1 - Quadro 1 das teses e dissertações que citam Nair Theodoro de Araújo.....	79
3.1.2 - Breve resumo das teses e dissertações mapeadas que citam Nair Theodoro de Araújo.....	80
3.2 - Quadro 2 dos artigos e livros que citam Nair Theodoro de Araújo.....	84
3.2.1 - Breve resumo dos artigos e livros mapeados que citam Nair Theodoro de Araújo.....	86
3.3 - Quadro 3 dos materiais audiovisuais que citam Nair Theodoro de Araújo.....	101
3.3.1 - Breve resumo dos materiais audiovisuais que citam Nair Theodoro de Araújo.....	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	109

APRESENTAÇÃO

Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro (SOUZA, 1983, p.77).

Sabemos que as histórias de mulheres negras que resistem se cruzam, e a minha história não é diferente. Minha narrativa inicia-se ora como resistência, ora como silêncio e determinação no combate ao preconceito de raça e gênero, bem como no empoderamento. A minha família veio do interior de Minas Gerais, de Diamantina (Imagem 1), cidade em que nasceu Chica da Silva e o ex-presidente Juscelino Kubitschek, que foi colega de escola do meu avô materno, o Senhor Manuel Anjos Oliveira.

IMAGEM 1 -VISTA PANORÂMICA DA CIDADE DIAMANTINA – MG



Fonte - Simião Castro.

O meu pai veio para São Paulo na década de 70, ele e minha mãe são primos e essa relação é responsável pela tradição oral muito forte na minha família. Sempre soube histórias dos que vieram antes de mim, o respeito à minha ancestralidade faz com que o meu olhar seja mais cuidadoso para as histórias e narrativas de pessoas que venceram os obstáculos da/na vida.

IMAGEM 2 - VESPERATA - CHICA DA SILVA E O CONTRATADOR



Fonte: Arquivo pessoal da autora - (julho, 2024).

Minha construção pessoal, identitária e social se deu baseada nestas histórias e das viagens à Diamantina. Tive o privilégio de realizar muitas visitas a Minas Gerais, conhecendo com profundidade os casos, histórias, vesperatas, culinária e cultura de modo geral.

IMAGEM 3 - MENINA PRETA SOLITÁRIA



Autora: Clarice Menezes.

Muito cedo, vivi episódios marcantes de rejeição docente e de outras crianças. Óbvio que não escapei da solidão que crianças negras enfrentam no dia a dia do cotidiano escolar, como ilustra a Imagem 3. Nesse contexto, o embate pouco mudou. Com o passar do tempo, já na adolescência, enfrentei situações racistas que abalaram emocionalmente a minha autoestima naquele momento. Pois sentir-me bonita, forte e segura com meu corpo foi uma conquista diária de muitas reflexões. Fazia sempre questão de ser muito simpática e legal com todos porque demorei para perceber a minha beleza tanto interna como externa.

Cresci ouvindo principalmente da minha mãe que não podia errar porque eu já era negra e que os erros para nós negros são imperdoáveis. Muitas vezes sentia que ela queria dizer que eu deveria ficar no meu lugar e ponto final. Uma realidade comum na vida de muitas meninas negras da minha geração. Quantas crianças dos anos 80 e de gerações anteriores à minha apanharam dos pais ouvindo “antes eu bater do que a polícia”. Meus pais e outros pais de crianças pretas estavam em busca de perfeição e controle dos seus filhos, mas existia amor e respeito nessa relação. Ao contrário da relação que nós temos com a sociedade, onde somos cobrados, desumanizados e dizimados o tempo todo. Assim, como Souza (1983) descreve:

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas expectativas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades (SOUZA, 1983, p. 18).

Dessa forma, minha mãe e eu, ou qualquer outra adolescente preta do passado, fomos criadas em uma estrutura social que não mostrava o quanto a nossa pele negra era bonita. Ainda, infelizmente, o cabelo de uma mulher negra não é visto como normal, a sociedade não entende e não reconhece que nosso cabelo crespo existe para mostrar que existe mais de um tipo de beleza. Eu fui uma adolescente que teve os cabelos alisados a pente quente, usava bobes no cabelo e touca de meia calça para dormir.

No passado, não muito distante, não nos víamos na TV e revistas. Os papéis secundários para pessoas negras em novelas, desempenhando personagens de subserviência, nos fizeram acreditar que uma mulher negra não possui beleza.

Cada desejo, plano, propósito e, principalmente, direito de nosso povo tem que ser escutado, compartilhado e reconhecido. Carregamos muitas histórias herdadas de nossos antepassados/ancestrais e, também, as nossas, que devem ser sempre estimuladas e aconselhadas para podermos dar voz aos nossos sonhos e se materializar nas conquistas do dia-a-dia.

IMAGEM 4 - SABEDORIA ANCESTRAL



Fonte - Arquivo pessoal da Autora.

A aparência original de certas senhoras mineiras de lenço na cabeça me faz lembrar as Pretas – Velhas dos terreiros, sábias senhoras que carregam consigo lembranças dos antepassados das vovós e vovôs dos cativeiros, conforme ilustra a Imagem 4. A minha vó Talícia mesmo morando muito distante, lá em Diamantina e eu em São Paulo, foi muito presente na minha vida. Suas visitas, a minha casa e as minhas visitas à casa dela são sempre presentes nas minhas memórias.

Dessa forma, descreve Souza (1983):

A possibilidade de construir uma identidade negra – tarefa eminentemente política – exige como condição imprescindível, a contestação do modelo advindo das figuras primeiras – pais ou substitutos – que lhe ensinam a ser uma caricatura do branco. Rompendo com existe modelo, o negro organiza as condições de possibilidade que lhe permitirão ter um rosto próprio” (SOUZA, 1983, p. 77).

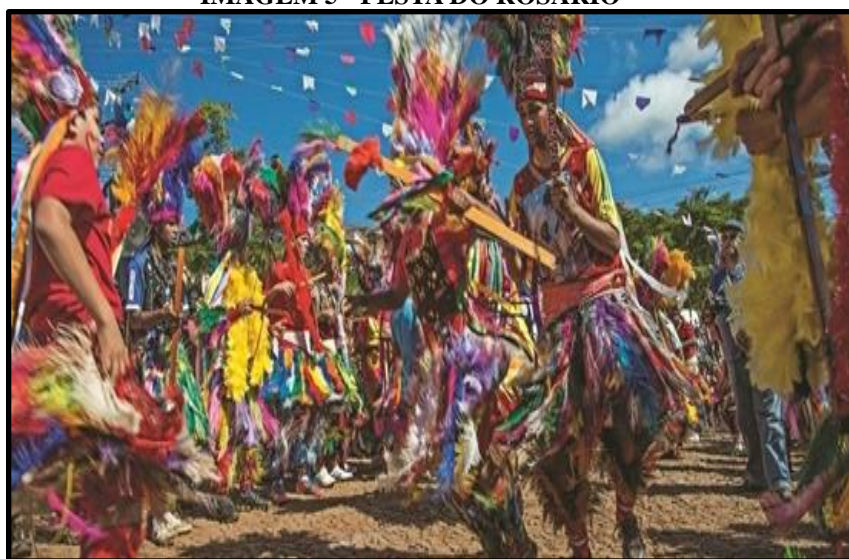
A minha referência negra vem da minha própria família. Meus pais sempre foram e ainda são meus heróis. Mesmo com minha mãe já falecida, a importância dos meus pais em minha vida é muito grande. Eu nunca seria nada sem meus pais. Meus pais criaram três filhas em um Conjunto Habitacional muito conhecido aqui em São Paulo, na zona leste, a Cohab Teotônio Vilela. Meus pais são as pessoas mais íntegras e dignas que conheço, Leandro Pires e Ana Conceição. Eu e minhas irmãs somos muito gratas à vida que nossos heróis proporcionaram. Mesmo sendo casada com o Cosmo, os meus pais sempre permaneceram na

mesma posição na minha vida e no meu coração. Todos os momentos que vivi, eles estão bem presentes e ativamente inseridos na situação. Mesmo não tendo mais minha mãe, Ninica Pires, fisicamente ainda falo, penso e ajo como se ela estivesse aqui do meu lado porque é assim que a vejo e sinto.

Perder a minha mãe foi a pior coisa que me aconteceu. Nunca mais fui a mesma e sei que nunca mais serei. A impressão que tenho é que sem minha mãe não há visibilidade aos feitos de minha família. Pensamento totalmente errado porque minha família existe e resiste bravamente sobre as orientações, pensamentos e gestos deixados e ensinados por minha mãe. Sigo a vida, mas a falta que ela faz é gigantesca. Costumo dizer que sem ela nada mais tem graça nesse mundo. Pela Dandara, minha única filha, insisto em sonhos e projetos. Resisto e insisto por ela, mas não está sendo nada fácil sem a minha mãe. Como qualquer outra mulher negra, não tive tempo de me entregar ao luto. Era chorando e estudando para a prova do mestrado, chorando e colocando roupas no varal, chorando e dando aula, chorando e correndo para dar conta de trabalhar em duas escolas.

Cresci em uma família tradicionalmente católica, fui batizada no catolicismo, mas escapei de ter padrinhos brancos e pertencentes à classe média, fato comum nas famílias pretas pobres. Terços e novenas estão presentes até hoje na minha família e participar da Festa do Rosário também. Uma tradição que atravessou gerações. A Festa do Rosário em Diamantina, no Serro e nas demais cidades brasileiras é um evento religioso que traz visibilidade cultural negra.

IMAGEM 5 - FESTA DO ROSÁRIO



Fonte: Miguel Aun

Catopés, marujos, reis e rainhas, louvar e reverenciar a Nossa Senhora do Rosário é tarefa de muitos mineiros até os dias atuais. Essas histórias chegavam até a mim sempre nos

almoços de família em que saboreava um bom prato mineiro preparado pela minha honrada mãe Ninica Pires. Não faltavam pratos feitos com jiló, quiabo, fubá e abóbora, pura culinária mineira.

Agora a saudade bateu forte! Pois não me foi herdado o dom de cozinhar, como fazia a minha mãe e tantas outras mulheres negras. Na minha família, a cozinha sempre foi um lugar importante para conversar. A cozinha da casa da minha mãe e a cozinha da casa da minha outra avó, Maria das Dores, eram espaços cheios de afetos, discussões, debates e de pensarmos a vida buscando resolver nossos problemas. Muitas das histórias de minha família, do povo de Diamantina, foram contadas neste espaço tão especial, saboreando pratos ancestrais regados de muita fartura.

A cozinha da casa dos meus pais era cheia de risos, de compartilhamentos de segredos entre minhas irmãs Cintia e Vanessa comigo. O cheiro do feijão da minha mãe era sempre apreciado com a história de vida dela, do meu pai ou outro antepassado. Histórias maravilhosas tiradas de um acervo precioso que conto com riquezas de detalhes para minha filha Dandara, do mesmo jeito que meus pais me contavam.

Ainda sobre religião, quero contar um pouco sobre a minha escolha em ser do candomblé.

IMAGEM 6 - MÃE DE SANTO



Fonte: SALEM

Uma escolha tardia porque somente na vida adulta é que tive um contato apaixonante com a religião, ilustrada na Imagem 6. Muito relutei em conhecer casas de candomblé e o motivo foi achar que nas religiões de matriz africana não cabiam brancos por lá. Branco no

candomblé era abominável e não deveria ser permitida a presença deles em hipótese nenhuma. Esse pensamento só foi mudado quando passei a frequentar a religião, conhecendo-a e me apaixonando ao lidar com os irmãos do terreiro. Hoje penso e acredito que todos nós de religião afro devemos juntos combater a intolerância que nossos corpos sofrem quando estamos usando qualquer adorno que retrate ou represente a nossa religião e/ou quando nos declaramos “macumbeiro”.

Nessa perspectiva, tive que esconder por muitos anos da minha família que tinha deixado o catolicismo, bem sei que para cada escolha existe uma renúncia. Assumir ser praticante do candomblé para meus pais e pessoas próximas foi acontecendo suavemente e também fui me fortalecendo. Esse processo contribuiu para o fortalecimento da minha identidade como mulher negra. Deixar o catolicismo me deu a oportunidade de ser eu mesma, de assumir meus cabelos crespos, usar tranças, conhecer e trazer os orixás para mais perto de mim, desmistificar ideias e abrir espaços para discussões junto ao povo de santo e quem não o é também.

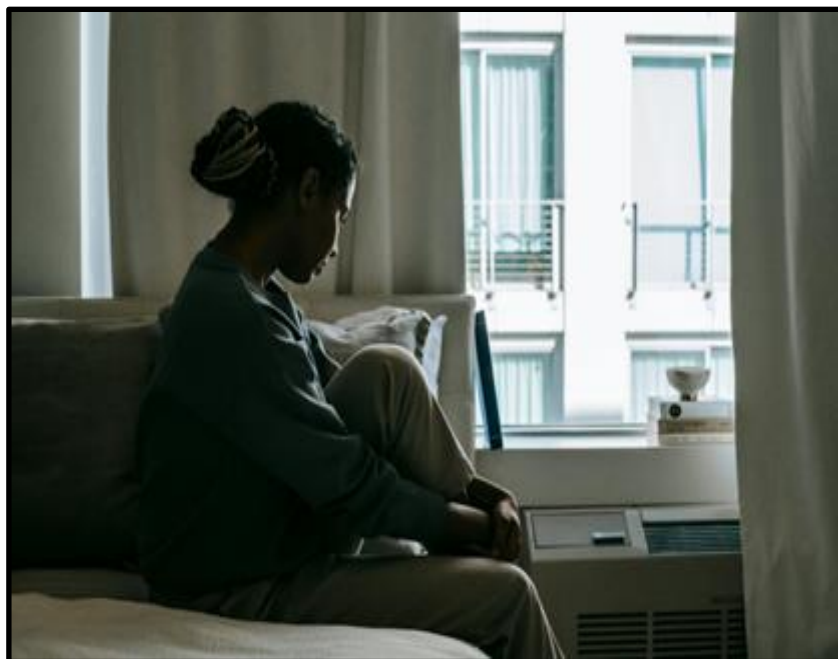
Posto isto, saliento que tive na graduação a experiência de conhecer novos mundos, mas também a de vivenciar o racismo acadêmico. Como muitas outras mulheres negras, fui a primeira a ter um diploma universitário em minha família. Um pouco mais tarde, minha irmã Vanessa Pires formou-se em Psicologia. Confesso que História não era a minha primeira opção, mas ouvi de muitos que o curso de Direito era caro e resolvi cursar História mesmo e colocar em prática o desejo de ser professora. Resolvi colocar toda a minha força, determinação e resistência neste curso para alcançar o meu título e consequentemente alcançar uma carreira profissional.

Entretanto, minha experiência acadêmica na graduação foi um pouco chocante ao me deparar com a triste realidade de somente eu e outro aluno sermos os negros no curso de História. Sentia uma solidão terrível, vivi acontecimentos racistas dolorosos e inesquecíveis de difícil compreensão, mas que configuram um racismo velado onde as pessoas negras passam cotidianamente em diferentes esferas. Tive muito pouca ou nenhuma visibilidade no curso de quatro anos e o reconhecimento só veio com o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que passou a ser obrigatório no ano de minha formatura para todos os cursos universitários. Fui pega de surpresa no quarto ano, já trabalhava como professora eventual/substituta e, mesmo assim, tive que escrever o temido TCC. Diante desse desafio e aproveitando que Diamantina tinha passado a ser Patrimônio Cultural da Humanidade, resolvi escrever sobre esse tema.

O título de meu TCC foi - *Diamantina de Arraial, a Patrimônio da Humanidade*. Novamente a cidade de Diamantina presente na minha vida, escrevi um excelente trabalho com o auxílio de minha orientadora, Professora Leda Silva, isso foi no ano 2000. Definitivamente, a faculdade foi um momento desafiador que necessitava de um enfrentamento diário, e mesmo diante desse cenário, consegui terminar o curso com maestria e continuei buscando o enriquecimento acadêmico e profissional. Posteriormente, conquistei passar na seleção do curso de pós-graduação stricto sensu em uma universidade federal.

Considerando as desigualdades impostas pelo racismo, quero passar a abordar agora as pressões que o mundo impõe a nós mulheres negras, que nos obriga a sermos fortes o tempo todo. Essa obrigação dialoga com as demandas e dilemas femininos. E faz com que diariamente se resista à continuidade de um pensamento de normatização de aspectos econômicos e culturais provenientes do tempo da escravidão.

IMAGEM 7 - SOLIDÃO DA MULHER NEGRA



Fonte: Alex Green.

Embora não pareça, não nos é permitido sermos frágeis, ficarmos tristes, sentirmos raiva, descobrirmos o amor e precisarmos de carinho. A Imagem 7 ilustra esses momentos. Quantas vezes ouvi das pessoas a seguinte frase ofensiva: “*uma negrona desse tamanho chorando*”. Como se meu tamanho e minha cor de pele fossem me fazer forte, insensível aos meus problemas pessoais. É extremamente possível para uma mulher negra hoje desfrutar de atividades como ler um livro, assistir a um filme e cuidar da beleza tanto quanto para uma mulher branca. Sinalizo que ainda me assusta e incomoda ter que cotidianamente me afirmar

como um ser social com direitos e deveres, independentemente de todas as conquistas para as garantias de direitos legalmente alcançadas.

Reafirmo que o espaço da mulher negra é definido por sua própria vontade, e eu decidi dedicar-me ao avanço da Educação em relações étnico-raciais e à luta pela igualdade de gênero. Empenho-me em enfrentar as desigualdades de raça e gênero em minhas aulas, pois vejo isso como uma necessidade constante, pois infelizmente na escola pública paulistana, ainda persistem problemas que vão desde a falta de recursos, a sobrecarga de trabalho dos professores até a desigualdade de oportunidades para os alunos e alunas. É fundamental olhar para a escola pública além dos desafios que enfrentamos.

Atualmente, desempenho a minha prática pedagógica como professora da Sala de Leitura (Imagem 8) e tenho o compromisso e oportunidade de promover uma educação antirracista nesse espaço.

IMAGEM 8 - SALA DE LEITURA ONDE TRABALHO



Fonte: Acervo da Autora.

Na minha atuação, busco criar um ambiente inclusivo, onde todos os alunos se sintam representados e valorizados, independentemente de sua origem étnico-racial. Utilizo livros e recursos que abordam a diversidade e a cultura afro-brasileira, incentivando a reflexão sobre temas como: racismo, xenofobia, preconceito e identidade. Além disso, promover discussões e atividades que estimulem o respeito mútuo e a valorização das diferenças, buscando contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, humanizada e igualitária.

Essa experiência na Sala de Leitura fortaleceu meu interesse em aprofundar meus estudos sobre Educação Antirracista, trabalhar com os alunos os fundamentos da Lei n.º10.639/2003 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. Diante disso, me senti motivada e decidi me inscrever na seleção para o Mestrado em Educação e, para minha alegria, fui aprovada para a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

**IMAGEM 9 - APRESENTAÇÃO DE SEMINÁRIO NO
MESTRADO NA UFRRJ**



Fonte: Acervo da Autora.

Com a pandemia da COVID-19 que assolou os seis continentes que existem no mundo, iniciei uma busca por processos seletivos abertos, com o intuito de desenvolver estratégias ainda mais eficazes para combater o racismo e promover a equidade racial no ambiente escolar. O contexto do ensino remoto e todas as questões decorrentes do período de reclusão social me levaram a questionar - O porquê de nós mulheres negras sermos as mais afetadas por essa situação? Um dia, enquanto navegava pelo Facebook, me deparei com a notícia de que as inscrições para o Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e

Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGEDUC - UFRRJ) estavam abertas, o que me deixou em estado de graça.

Essa oportunidade despertou em mim um profundo interesse, pois percebi que poderia ser uma porta de entrada para aprofundar meus estudos, ter mais instrução, me apropriar de mais conhecimentos e contribuir efetivamente na luta pela Educação Antirracista. Mesmo morando em São Paulo, fui aprovada e, em detrimento das questões sanitárias, as aulas foram ministradas em modalidade de ensino remoto. Saímos do ensino presencial em que os debates teóricos são mais profundos e, em um curto prazo de tempo, aprendemos a lidar cotidianamente com a tecnologia que passou a ser nossa principal fonte de diálogo com o mundo.

No decorrer do curso mediante uma conversa com uma professora que já havia realizado uma pesquisa inicial sobre a história de vida da atriz, declamadora e livreira Nair Theodoro de Araújo fiquei encantada e muito interessada em querer saber mais sobre essa personalidade negra e muito à frente de sua época.

Comecei a buscar na internet o que havia de publicação sobre ela e me deparei com o ínfimo número de registros históricos. Pensei na alternativa de investigar sobre a família dela e encontrei registros em que ela tinha uma filha que está viva e dá continuidade ao trabalho de microempresária do ramo de livraria como a mãe. Em seguida, consegui o endereço e fui conhecer a Martha Helena Araújo Ferreira, filha de Nair Theodoro e atual proprietária da livraria Contexto. Nos apresentamos e passamos a desenvolver uma discreta amizade que me possibilita conhecer com certa intimidade a biografia de Nair Araújo e interpretar os valiosos dados coletados para a construção da minha pesquisa.

Dando continuidade ao meu processo de formação e de finalização da escrita da dissertação me inscrevi em no V *Seminário do Erê Ya Intelectualidades Negras e as Epistemologias que a História (Não) Conta*, realizado na Universidade Federal do Paraná (UFPR), em Curitiba, onde apresentei um resumo da minha dissertação no grupo de trabalho (*GT-Mulheres Negras*). Minha apresentação ressaltou a importância de se recuperar as experiências de mulheres negras, frequentemente invisibilizadas pela historiografia oficial, e analisou a resistência cultural e política da mulher negra no Brasil. A apresentação destacou a representação de Nair Araújo na promoção da cultura afro-brasileira e na criação de espaços de representatividade e valorização da identidade negra no contexto sociocultural de São Paulo.

Durante minha fala no GT, também estabeleci um diálogo com discussões contemporâneas sobre desigualdades de gênero e raça, abordando as condições de inserção das mulheres negras no mercado de trabalho. Ao articular a memória coletiva como uma forma de

resistência, busquei ampliar o entendimento sobre as dinâmicas de luta contra as opressões. Minha participação no seminário contribuiu para fortalecer o debate acadêmico sobre o papel e a representação das mulheres negras, ampliando as discussões sobre suas estratégias de atuação sociocultural e política.

IMAGEM 10 - V SEMINÁRIO DO ERÊ YA INTELECTUALIDADES NEGRAS E AS EPISTEMOLOGIAS QUE A HISTÓRIA (NÃO) CONTA



Fonte: Acervo da autora, - UFPR - Curitiba - 17/10/2024.

INTRODUÇÃO

“Nair Theodoro de Araújo nasceu no dia 21 de junho de 1931, na Cidade de Dolores de Indaiá, Estado de Minas Gerais. Como sua especialidade era a declamação, Nair Araújo sabia fazer desse gênero uma autêntica obra de arte, como poucos conseguiram em sua época” (OLIVEIRA, 1988, p. 208).

A escolha de iniciar esta pesquisa com uma epígrafe é uma consideração importante que busco justificar. Durante uma reunião de orientação, minha ex-orientadora sugeriu o texto do livro *‘Quem é quem na negritude brasileira: volume 1*, de Eduardo Oliveira, apresentando-o como um referencial bibliográfico para a delimitação do escopo. Inicialmente, essa epígrafe representava minha única informação sobre Nair Theodoro de Araújo, destacando-a como mais uma personalidade feminina negra importante a ser conhecida no Brasil.

No entanto, percebi que a epígrafe, escolhida pela minha ex-orientadora, ia além de uma simples introdução aos estudos sobre Nair Araújo, ela provocou uma reflexão mais ampla sobre as personalidades negras que são silenciadas, esquecidas e desconhecidas ao longo da história. Dessa forma, ainda temos poucos estudos publicados sobre personalidades negras na luta contra a democracia racial é atribuída por Henrique Cunha Junior (2003) à conjunção do racismo e do escravismo, que nos ensinaram a desvalorizar as questões relacionadas à população negra, conforme ele expressa na obra *Coisas de Negro* (p. 50).

Diante dessa realidade, sinto a necessidade de solicitar humildemente a permissão, a bênção e a licença de todos os meus antepassados, especialmente das mulheres negras que vieram antes de mim, como Nair Theodoro de Araújo. Reconheço que sou herdeira de sua força, resiliência e sabedoria, elementos essenciais que têm orientado minha jornada acadêmica e continuam a inspirar e capacitar-me neste momento tão significativo do meu mestrado.

Que a voz da declamadora Nair Araújo, como era conhecida, continue ecoando e, além disso, se transforme em um “negritar”, fortalecendo ainda mais o meu propósito de divulgar sua história. Consequentemente, entendo o termo negrita como expressão de luta dos nossos corpos pretos, clamando por liberdade desde os tempos da escravização até os dias atuais. Um grito que busca ressaltar a nossa história e identidade preta. Embora o termo não seja encontrado nos dicionários, ele está sempre presente em manifestações artísticas, culturais, políticas, como também nas publicações acadêmicas e redes sociais.

Com base na diáspora africana, a exclusão dos corpos negros em todos os setores da sociedade é uma realidade presente. Como destacado por Almeida (2021, p. 63), “o racismo não é apenas um processo político e histórico, mas também um processo de constituição de subjetividades, moldando a consciência e os afetos de indivíduos”. Nessa perspectiva, como mulher negra retinta e pesquisadora das relações étnico-raciais, falo fundamentada na minha experiência pessoal de quem vivencia e enfrenta o racismo. Expresso a voz de muitas mulheres negras brasileiras que não veem suas experiências devidamente representadas e têm consciência da inexistência da 'democracia racial' em nosso país.

Neste estudo, investigou-se a trajetória de Nair Araújo, que como eu, carrega a identidade negra em uma sociedade permeada pelo supremacismo branco. Analiso sua experiência como um reflexo da minha própria jornada e das lutas enfrentadas por mulheres negras em um contexto dominado pela hegemonia branca.

Para Silva (2023, p. 521), “a falta de informações sobre pessoas negras e suas realizações é desconcertante e intrigante”. Carneiro (2011) afirma que a ausência de estudos sobre mulheres negras ocorre devido à longa exclusão delas do acesso ao conhecimento, à aprendizagem e à instrução. Complementando tal análise, citando os estudos de Lélia Gonzalez (2020) em que destaca que a negação desses direitos é resultado de um olhar colonizador sobre nossos corpos, saberes e produções, ressaltando a importância de abordar essas questões por meio de diferentes perspectivas (CARNEIRO, 2011; GONZALEZ, 2020). Portanto, a presente pesquisa visa contribuir a partir do estudo sobre a memória e biografia de Nair de Araújo com alternativas que possam corroborar com ideias inclusivas sobre os estudos de mulheres negras no Brasil, que reconheçam e celebrem a diversidade de suas trajetórias, saberes e realizações.

Deste modo, ao considerar que é fundamental respeitar as especificidades das vivências das mulheres negras, dentro desse contexto, para a realização desta pesquisa é essencial fazer uma análise da falta de reconhecimento das mulheres negras proeminentes, como Nair Theodoro de Araújo. De acordo com Feng et al. (2021):

A primeira legislação brasileira autorizando a educação pública feminina data de 1827. Antes, apenas nos conventos ou em casa, com professores particulares, mulheres eram alfabetizadas. Isso nos mostra o quanto ler e escrever foram atividades negadas às mulheres (FENG et al, 2021, p. 1).

Segundo a autora, isso demonstra o quanto o ato de ler e escrever foram atividades negadas às mulheres, além de ser privilégio de poucas, apenas brancas e de alta classe. Historicamente, no século XX a luta pelo direito ao voto, à educação superior e à inserção no mercado de trabalho com direitos iguais aos dos homens serve de pano de fundo para muitas

escritoras alçarem voo e nomes como os de Rosalina Coelho Lisboa (1900-1975) e Gilka Machado (1893-1980), destacam-se política e literariamente (FENG et al., 2021).

Embora as mulheres sempre tenham estado presentes em boa parte do mercado de trabalho e nas mais diversas áreas do “mundo dos livros”, em relação a este último, elas ainda são minoria nos postos de comando e nas prateleiras. Também não é de agora que as mulheres começaram a trabalhar com livros, presentes no mercado editorial como revisoras, preparadoras, tradutoras, mas sem estar à frente dos negócios, como livrarias e casas editoriais, ou seja, nos bastidores. Estas mulheres nem sempre tiveram a devida visibilidade ou ao menos alguma narrativa sobre elas e seus catálogos em virtude de seu incansável trabalho em prol da ciência.

Esta condição é confirmada por recente estudo da professora Regina Dalcastagnè, da UnB, mostrando que, entre 1990 e 2014, de todos os livros nacionais publicados no país pelas grandes editoras, trinta por cento eram assinados por mulheres. Às mulheres sempre foi negado o direito à escrita, embora isso venha mudando e o espaço dado às escritoras hoje seja maior, no âmbito acadêmico. Cenário que começa a mudar “desde os anos 1980 e, sobretudo, dos 1990 com a maior profissionalização das mulheres, mais presentes nas universidades a partir da década de 1970” (Maria do Rosário Pereira, Entrevista Jornal O Tempo, 19 jul. 2021).

Tomando como referência as experiências de algumas mulheres negras livreiras na contemporaneidade – Arlete Soares, Aparecida Nóbrega, Rina Ângulo, Lina Tâmega Peixoto, Rose Marie Muraro, Maria Mazarello Rodrigues, Zahidé Lupinacci Muzart, Sandra Espiloto e Rejane Dias, entrevistadas do livro “Prezada Editora: mulheres no mercado editorial brasileiro”, verificou que ainda hoje a maior presença como editores ainda é de homens brancos (RIBEIRO; PEREIRA; GOMES, 2021). Apesar das recentes modernizações, fruto das discussões sobre gênero e etnia dos últimos anos, ainda é pouco o número de mulheres citadas.

Esta pesquisa pretende conhecer a biografia e trajetória de vida da livreira Nair Theodoro de Araújo mediante levantamento bibliográfico, entrevistas, busca nas redes sociais como: blog, Instagram e Facebook, a visita à livraria Contexto. Deste modo, o estudo está embasado por aportes teóricos sobre raça, gênero, relações raciais e identidade.

No ano de 2022, tive a oportunidade de realizar uma entrevista com Martha Helena Araújo Ferreira, filha de Nair Araújo, e o poeta Oswaldo de Camargo, seu amigo de TEN-SP e ACN.

Portanto, como estudante e pesquisadora das relações étnico-raciais e professora de História na rede de ensino estadual de São Paulo, assumi o compromisso de promover o reconhecimento e a valorização das mulheres negras nas aulas que ministro, destacando suas

contribuições históricas e ressaltando sua importância na construção da sociedade fundamentadas tanto pelas leituras como pela Lei n.º 10.639/2003 sobre a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Como afirma Calado (2013, p. 14), "no Brasil ainda hoje persiste, o ideário do mito da democracia racial". Essa lei representa um marco importante na valorização e reconhecimento das contribuições dos afrodescendentes para a formação da sociedade brasileira, promovendo a inclusão e o combate ao racismo no ambiente educacional (BRASIL, 2003).

IMAGEM 11 - AULA SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DAS MULHERES NEGRAS NA LITERATURA BRASILEIRA



Fonte - Arquivo pessoal da autora, 2022.

Trabalho em consonância com a assertiva de Walter Benjamin (1994) que delineia a tarefa primordial dos historiadores como "escovar a história a contrapelo" ou me olhar para a história de forma crítica, questionando as versões, aceitas dos eventos eurocêntricos. Logo, busco sempre trazer em minhas aulas de História uma perspectiva feminina e discutir constantemente a superação das várias formas de opressão e os desafios do ser mulher. Principalmente por ser mulher negra. Dessa forma, conforme aponta Gomes (2012, p. 52), ao refletir sobre o papel de educadores na superação do racismo, é importante ressaltar que:

(...) não basta apenas falar. É importante saber como se fala, ter a compreensão do que se fala e mais: partir para a ação, para a construção de práticas e estratégias de superação do racismo e da desigualdade racial. Essa é uma tarefa cidadã de toda a sociedade brasileira e não só dos negros ou do movimento negro. E a nossa ação como educadores e educadoras, do ensino fundamental à Universidade, é de fundamental importância para a construção de uma sociedade mais justa e democrática, que repudie qualquer tipo de discriminação (GOMES, 2012, p. 52).

Essa perspectiva de ação coletiva e transformadora atrelada à educação ecoa também nas palavras de Paulo Freire em 1968, quando afirmou que “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (p. 71). As ideias de Freire, em sintonia com os princípios educativos e políticos do Movimento Negro, encontram ressonância no coletivo. Ele foi um incansável defensor da Educação como instrumento de emancipação para os oprimidos, fomentando o desenvolvimento da autonomia. Esses princípios não apenas são encontrados nos livros que estão expostos nas prateleiras da livraria de Araújo, como também permeiam sua trajetória de vida nos âmbitos pessoal e profissional.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Partindo desse pressuposto, elaborou-se a pergunta da pesquisa que é:

- Quais indicadores contribuíram para que Nair Theodoro de Araújo não integre a galeria paulistana de personalidades negras, cujas histórias permanecem no anonimato?

Para responder à tal pergunta, foram traçados os seguintes objetivos com a intenção de dar conta da presente pesquisa, objetivo geral:

- Analisar, a partir do resgate e registro das memórias, as contribuições deixadas por Nair Theodoro de Araújo no contexto sociocultural paulistano entre o período de 1950 a 1980.

E os objetivos específicos:

- Conhecer, por meio dos registros de memórias e bibliográficos, a história de vida de Nair Theodoro de Araújo;
- Examinar e reconhecer as ações de Nair Theodoro de Araújo no movimento sociocultural e intelectual através da Associação Cultural do Negro (ACN) e no Teatro Experimental do Negro de São Paulo (TEN-SP);
- Identificar e descrever os eventos realizados na Livraria Contexto promovidos por Nair Theodoro de Araújo com a participação efetiva da comunidade negra formada por intelectuais, artistas e demais cidadãos da época.

Optou-se pela realização da Análise Documental como percurso metodológico para o desenvolvimento de uma pesquisa de abordagem qualitativa, que dá maior possibilidade de imersão ao pesquisador(a) perante ao objeto de pesquisa no tratamento mais aproximado tanto da coleta de informações como da interpretação da variedade de materiais analisados. Como destacam Lüdke e André (1986, p. 38), a “Análise Documental pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja completando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema”. Já Minayo (2009, p. 21) ressalta que a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”.

Tendo em vista que o trabalho consistirá em analisar a biografia de Nair Theodoro de Araújo por meio de reflexões sobre suas práticas visando a investigação de sua autonomia como mulher negra, pioneira no ramo de livraria e agente social de transformação, a análise buscará compreender as estratégias adotadas por Nair Araújo para superar os desafios, tanto no âmbito profissional quanto no contexto social em que buscou alternativas para se reinventar e enfrentar as barreiras existentes em uma sociedade marcada por desigualdades raciais, sociais, educacionais e de gênero, bem como, o momento político que vivia o país em plena ditadura militar.

No recorte empírico, consideraremos basicamente a passagem de Nair tanto pelo Teatro Experimental Negro de São Paulo (TEN-SP) como pela Associação Cultural do Negro (ACN), contando desde a interação com os artistas e intelectuais negros do circuito sociocultural da cidade de São Paulo.

Já o recorte temporal transita entre o período de destaque de Nair na cidade de São Paulo, que é entre os anos de (1950 a 1980), período em que atua como empresária, abrindo a livraria Contexto, que perdura até a atualidade, sendo administrada pela sua filha Martha Helena Araújo Ferreira.

A coleta de dados aconteceu entre os anos de 2022 e 2023 e a ida ao campo para a realização de uma entrevista foi em setembro de 2022.

Na coleta de dados bibliográficos, em princípio, encontramos poucos materiais e com o decorrer da pesquisa fomos garimpando uma nota de rodapé, uma referência em um artigo, uma imagem de jornal entre outros, tais materiais começaram a nos dar fundamentos para construirmos os textos de cada capítulo. Porém, ainda estamos na busca de mais informações sobre a vida da pesquisada e nos deparamos com a indisponibilidade daqueles que conviveram, a conheceram e que não contribuíram com informações relevantes, diferentes das já encontradas.

A Dissertação está estruturada em três capítulos, em que cada um deles aborda aspectos específicos relacionados à vida e trajetória de Nair Theodoro de Araújo.

No primeiro capítulo, intitulado - Conhecendo Nair Theodoro de Araújo: trajetória e desafios, resgatamos as memórias da história de vida da protagonista Nair Theodoro de Araújo, bem como sua trajetória e desafios vencidos ao sair do interior de Minas Gerais e chegar no Estado de São Paulo, o seu processo de superação pessoal, educacional e o protagonismo ao fazer parte da sociedade paulistana entre os anos de 1950-1980, a interseccionalidade como

condicionante na vida da mulher negra, a importância da memória como base teórica para o estudo e a construção da identidade, a reflexão desde a memória coletiva e a mulher negra.

No segundo capítulo, O Ingresso de Nair Theodoro de Araújo nas Artes Paulistas, realizamos uma análise aprofundada sobre o seu ingresso no Teatro Experimental do Negro (TEN-SP), incluindo suas contribuições para o movimento negro e seu impacto na representação negra no teatro paulistano. Discutimos os desafios enfrentados por Nair Araújo e suas realizações no contexto do Teatro Experimental do Negro. A respeito da participação na Associação Cultural do Negro (ACN), suas atividades, objetivos e conquistas dentro dessa organização na promoção da Cultura Afro-Brasileira, luta contra o racismo, sexismo, discriminação e influência no cenário cultural feminino e negro paulistano. A abertura do estabelecimento comercial, a livraria Contexto, que com o passar do tempo se tornou um espaço singular de aquilombamento sociocultural no contexto paulistano, marcando sua presença como uma instituição emblemática no cenário do movimento negro e o processo de independência financeira da Nair como empresária do ramo de livros.

No terceiro capítulo, Levantamento Bibliográfico dos Registros sobre Nair Theodoro De Araújo (Nair Araújo), abordamos todo o percurso realizado no levantamento bibliográfico dos materiais pesquisados, analisados e interpretados que fazem menção a Nair Theodoro de Araújo ou apenas Nair Araújo como era conhecida no meio sociocultural. Constam os registros acadêmicos e não acadêmicos, como: teses de doutorado, dissertações de mestrado, capítulos de livros, artigos, sua participação no Teatro Experimental do Negro de São Paulo (TEN-SP), na Associação Cultural do Negro em São Paulo (ACN), blogs, enciclopédias, noveleta, notas de rodapé e podcast.

Nas Considerações Finais, estão registradas as reflexões conclusivas desta pesquisa oriundas dos materiais coletados e analisados.

IMAGEM 12 - NAIR THEODORO DE ARAÚJO (IN MEMORIAM)



(Mulher Negra, Migrante do interior de Minas Gerais, Declamadora, Atriz do Teatro Experimental do Negro de São Paulo (TEN-SP), Mãe, Empregada Doméstica, Mezzo Soprana, Dona de Livraria, Membro da Associação Cultural do Negro (ACN), Empresária e Ativista da Causa Feminina e dos Direitos da População Negra)

CAPÍTULO I

CONHECENDO NAIR THEODORO DE ARAÚJO: TRAJETÓRIA E DESAFIOS

O presente capítulo objetiva resgatar as memórias da história de vida da protagonista Nair Theodoro de Araújo, bem como sua trajetória e os desafios vencidos ao sair do interior de Minas Gerais e chegar ao Estado de São Paulo, seu processo de superação pessoal, educacional e o protagonismo ao fazer parte da sociedade paulistana.

1.1 - BIOGRAFIA DE NAIR THEODORO DE ARAÚJO

*Silenciada todos os dias, moradora da periferia,
batalhadora pouco instruída, invisibilizada quase nunca vista.
Traz no peito a força dos seus ancestrais, para lembrar de tudo que ela é capaz.
Base da pirâmide social, a vida com ela não é cordial.
Mulher preta, mulher preta.
Vá e mostre ao mundo a sua grandeza.
Mulher preta, mulher preta.
Racismo e machismo não se submeta.*

- Mulher Preta - (Sil Oléa) –

IMAGEM 13 - VISTA PANORÂMICA DA CIDADE DORES DO INDAIÁ – MG

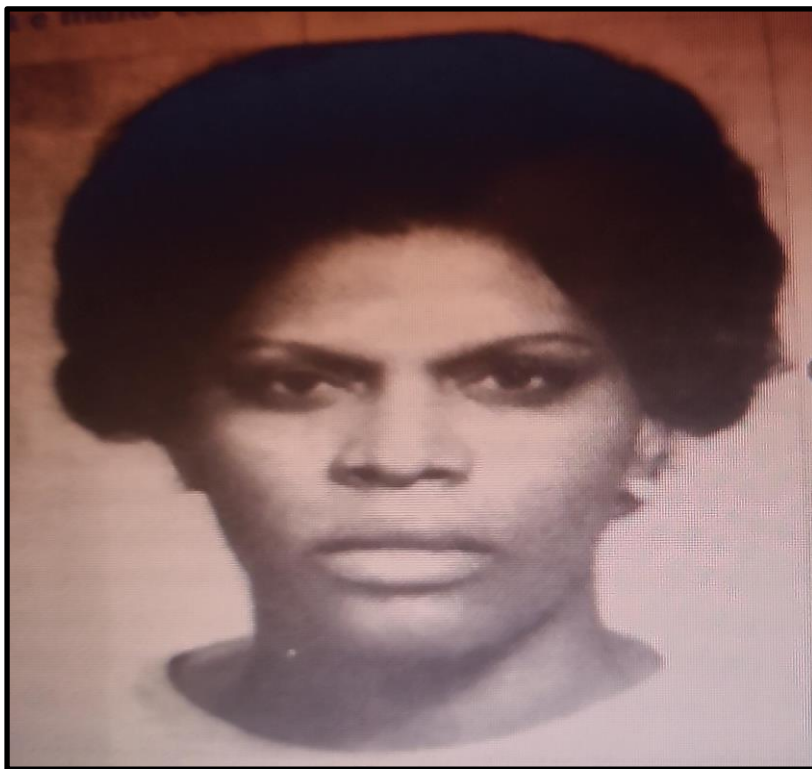


Fonte: Christyam Lima

Nascida na cidade interiorana de Dolores do Indaiá, localizada no Estado de Minas Gerais, Nair Theodoro de Araújo ainda criança saiu de sua cidade natal aos 7 anos de idade, com seu pai, José Theodoro de Araújo, e suas duas irmãs, Nazir e Olinda, e o irmão José.

Eles chegaram a São Vicente, no litoral de São Paulo, por volta de 1938, devido ao desejo de seu pai em conhecer o mar. Como um homem negro, pobre, chefe de família e com quatro filhos, para sobreviver e manter a todos, ele trabalhou como vendedor ambulante nas ruas e no Porto de Santos. Lá permaneceram até meados do ano de 1948.

IMAGEM 14 - NAIR THEODORO DE ARAÚJO



Fonte - Fotografia retirada do livro “Quem é quem na negritude brasileira”, vol.1, 1998 do autor Eduardo de Oliveira.

Em 1948, Nair se mudou para a cidade de São Paulo aos 17 anos e residia na rua Fernão Dias, no bairro de Pinheiros, Zona Oeste da capital paulistana.

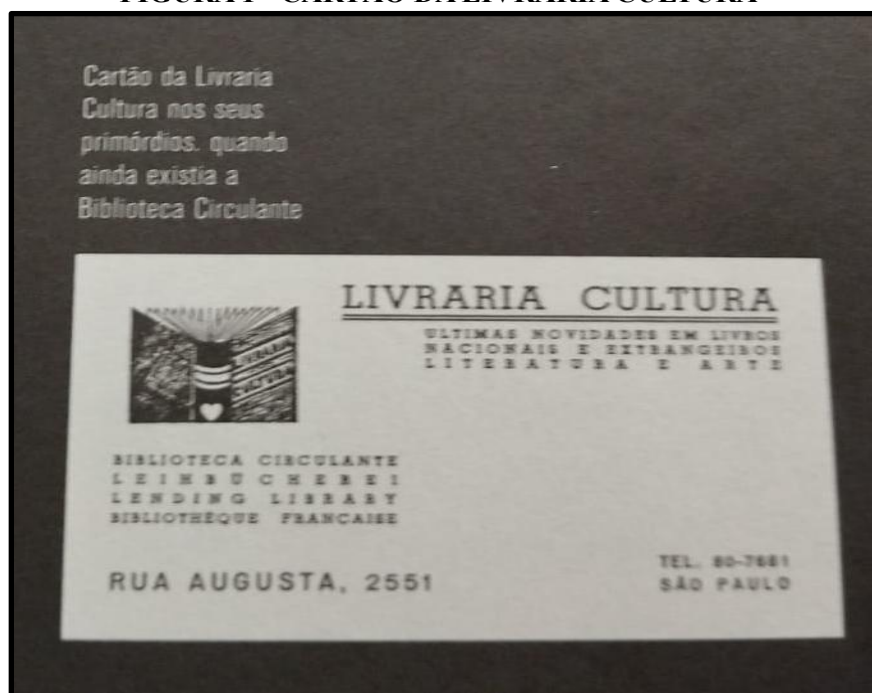
No final dos anos 40 e início dos 50, Nair Theodoro de Araújo surgia no Teatro Experimental do Negro em São Paulo (TEN-SP) como atriz e declamadora. Subia aos palcos uma mulher negra, mineira, de pouca escolaridade, mas que conseguiu com a sua determinação ser atriz. Essa conquista de Nair Araújo não é apenas dela, mas de todo o povo negro e de cada mulher negra que naquela época sonhava em ser atriz, artista e que encontrava muitos obstáculos que iam desde a cor da pele até todo o preconceito e machismo por parte daqueles que formavam a sociedade.

Buscou trabalho para poder se manter na cidade e conseguiu emprego como empregada doméstica na casa da família Herz.

Já nos anos de 1960, com idade adulta, passou a trabalhar como empregada doméstica na residência da família judaica alemã Herz e, também, realizava outras atividades para ter mais

dinheiro. Além do trabalho doméstico, Nair trabalhou na Biblioteca Circulante, pensada por Eva Herz. Sua jornada de trabalho era cansativa, extenuante, pois Nair trabalhava durante o dia na casa dos Herz e na Biblioteca Circulante por ter vasto conhecimento literário e falar corretamente o português, além de à noite ir para as reuniões na Associação Cultural do Negro (ACN) e também ao Teatro Experimental do Negro em São Paulo (TEN-SP). Onde foi se profissionalizando como declamadora.

FIGURA 1 - CARTÃO DA LIVRARIA CULTURA



Fonte - Livro: O Livreiro, Autor Pedro Herz, p. 37, 2017.

Segundo Silva (2024), a Biblioteca Circulante foi uma casa de aluguel de livros fundada pelos imigrantes judeus alemães, Eva e Curt Herz, em 1947, no endereço da Rua Augusta, na região da Avenida Paulista, com o objetivo de realizar prioritariamente o aluguel de livros importados escritos nos idiomas inglês e alemão, aos imigrantes que moravam em São Paulo e que não dominavam o idioma português (PEDRO HERZ, 2013).

Com base nessa experiência, Nair amplia o contato com a literatura e aprimora a sua leitura nas poesias e poemas, se tornando uma exímia declamadora, além de melhorar o seu português ao falar e escrever. Uma vez que já tinha experiência na Associação Cultural do Negro (ACN) como declamadora de textos clássicos de autores brasileiros.

Com o passar do tempo e a ascensão da Biblioteca Circulante, que no ano de 1960 passou a ser chamada de Livraria Cultura, onde Nair trabalhava como vendedora de livros. Ela ficou na Cultura até o ano de 1971, quando pediu demissão para iniciar o seu próprio negócio.

O processo de incorporação do enfoque biográfico em pesquisas acadêmicas pode ser uma maneira valiosa de destacar a importância das narrativas pessoais, possibilitando ao pesquisador mais liberdade para elencar as informações adequadas ao seu objeto de investigação. Dessa forma, a biografia talvez tenha o potencial de revelar aspectos que tenham sido negligenciados e nem registrados para a história cultural do país. Ao resgatar a trajetória de vida da mulher negra Nair Theodoro de Araújo, reconhecemos a complexidade das experiências negras, uma vez que, em muitas passagens da história brasileira, as contribuições da população negra foram e continuam sendo negadas, silenciadas e invisibilizadas.

Conforme observado por Priore (2009):

O tema do negro no pós-abolição vem assumindo diferentes contornos e direcionamentos. Um dos gêneros de pesquisa histórica de fecundas potencialidades é a biografia, neste caso a das “pessoas de cor”, suas experiências, idiossincrasias, paixões, utopias, constrangimentos e as representações que pesavam sobre suas condutas. Ultimamente, a revalorização da biografia permitiu examinar esses personagens como testemunhas, como reveladores de vários aspectos de uma época (PRIORE, 2009, p. 11).

Baseado nesse estudo, esperamos não apenas ressaltar a importância de Nair Theodoro de Araújo como uma personalidade cultural que, dentro do contexto da época em que viveu, lutou para conseguir algum destaque na sociedade paulistana, especificamente no entorno dos bairros em que transitava.

Como salienta Domingues (2019, p. 59), “a importância das mulheres na história do protagonismo negro no pós-abolição ainda não foi devidamente aquilatada”. O autor argumenta que, para remediar essa falha, é fundamental que o pesquisador adote uma nova perspectiva, desenvolva uma sensibilidade renovada e integre a categoria de gênero na análise de problemas existentes e na identificação de novas questões. Assim, Domingues (2019) faz referência a Thompson (2001) ao afirmar que:

(..) à medida que alguns atores principais da história, políticos, pensadores, empresários, gerais retiram-se da nossa atenção, um imenso elenco de suporte, que supúnhamos ser composto de simples figurantes, foca sua entrada em cena”. Se nos preocuparmos apenas com o plano dos resultados,” então há períodos históricos inteiros em que um sexo foi negligenciado pelo historiador, pois mulheres são raramente vistas como atores de primeira ordem na vida política, militar ou mesmo econômica “Se nos interessarmos pelo processo, então” a exclusão das mulheres reduziria a história à futilidade” (THOMPSON, 2001, p. 234).

Tomando como referência o pensamento de Thompson (2001), concordamos que reconhecer a influência de Nair Araújo não apenas valida a importância das mulheres na história, mas também desafia a narrativa convencional que minimiza suas contribuições,

destacando a necessidade de uma revisão histórico-cultural paulistana. Ela foi uma mulher que esteve à frente de sua época, pois boa parte das mulheres que nasceram na década de 1930 vivia para casar, construir família e poucas tinham a possibilidade de estudar e/ou ter um emprego com dignidade porque muitas permaneciam em atividades que não assegurava um rendimento financeiro suficiente perpetuando-as em um lugar subalterno.

Vale considerar o contexto sociopolítico-cultural neste período, era de uma sociedade altamente machista, autoritária, em que a figura feminina não tinha relevância no contexto social.

1.1.2 - A INTERSECCIONALIDADE COMO CONDICIONANTE NA VIDA DA MULHER NEGRA

Em busca de compreender melhor o conceito de interseccionalidade, trazendo para o contexto brasileiro, como já apontado na tese de doutorado de Pereira (2024) nos reportamos aos estudos da intelectual, assistente social e pesquisadora negra Carla Akotirene (2019, p. 19) que desenvolve pesquisas sobre racismo institucional e sexismo analisando e discutindo os temas interseccionais para não apenas apresentar o conceito, mas também desenvolvê-lo para abordar o uso acrítico e a universalização das experiências das mulheres negras. Para a pesquisadora, a interseccionalidade é como um “sistema de opressão interligado” que circunda a vida de mulheres negras no encontro de avenidas identitárias. Compreender essas interseccionalidades é entender as relações de poder e como essas se consolidam (p. 57).

A interseccionalidade amplia a compreensão de que as opressões referentes ao gênero, raça e classe apresentam-se diretamente interligados e se fortalecem reciprocamente, como ressalta Crenshaw (2002):

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Podemos identificar como as mulheres negras são marginalizadas no que se refere ao racismo e sexismo, enfrentando desafios específicos que se configuram como obstáculos cotidianos à sua cidadania.

Conforme afirmam Collins e Bilge (2020), A interseccionalidade reconhece que a percepção formas de preconceito, mas, como somos simultaneamente

membros de muitos grupos, nossas identidades complexas podem moldar as maneiras específicas como vivenciamos esse preconceito. Por exemplo, homens e mulheres frequentemente sofrem o racismo de maneiras diferentes, assim como mulheres de diferentes raças podem vivenciar o sexismo de maneiras bastante distintas, e assim por diante. A Interseccionalidade lança luz sobre esses aspectos da experiência individual que podemos não perceber (COLLINS; BILGE, 2020, p. 30).

Nesse contexto, a trajetória de Nair Theodoro de Araújo na busca por reconhecimento em diversas esferas da vida também ressalta a profundidade da racialização nas dinâmicas socioculturais brasileiras.

De acordo com o entendimento da interseccionalidade, podemos compreender como os atravessamentos de gênero, raça e classe se entrecruzaram na trajetória de vida de Nair Theodoro de Araújo, colocando-se como um véu que limitava o avanço e reconhecimento no meio ao qual pertencia.

Nessa mesma vertente, Collins (2019) destaca que:

“A ideia de interseccionalidade se refere a formas particulares de opressão interseccional, por exemplo, intersecções entre raça e gênero, ou entre sexualidade e nação. Os paradigmas interseccionais nos lembram que a opressão não é redutível a um tipo fundamental, e que as formas de opressão agem conjuntamente na produção da injustiça. Em contrapartida, a ideia de matriz de dominação se refere ao modo como essas opressões interseccionais são de fato organizadas. Independentemente das intersecções específicas em questão, domínios de poder estruturais, disciplinares, hegemônicos e interpessoais reaparecem em formas bastante diferentes de opressão” (COLLINS, 2019, p. 57).

É refletindo nessa perspectiva marginalizada em que as mulheres negras sofrem ao serem olhadas e tratadas como objetos, subserviência e inferioridade que ressaltamos a importância de se conhecer a biografia de Nair Theodoro de Araújo, cuja trajetória é traçada por garra, lutas e realizações mediante o trabalho digno como doméstica e, posteriormente, como empresária no universo das livrarias. É fundamental para compreender as contribuições das mulheres negras nas Artes e na Cultura, seja na cidade de São Paulo como em muitos outros lugares.

1.2 - O PROTAGONISMO PESSOAL DE NAIR NO CONTEXTO DA SOCIEDADE PAULISTANA

A atriz Nair Araújo tornou-se conhecida em alguns bairros da cidade de São Paulo devido ao seu envolvimento inicial nas atividades realizadas na Associação Cultural do Negro (ACN) em meados da década de 1950.

A Associação Cultural do Negro (ACN) surgiu em São Paulo no ano de 1948, fundada por alguns líderes participantes da Frente Negra dos anos 1930, fundamentada pelo Movimento Negro Unificado (MNU) (SILVA, 2005).

Como ressalta Andrews (1991), nessa época surgia um novo grupo de jovens atores que pertenciam a dois diferentes grupos teatrais intitulados: O Teatro Brasileiro do Povo (TBP) e o Teatro Experimental do Negro na versão paulista (TEN-SP).

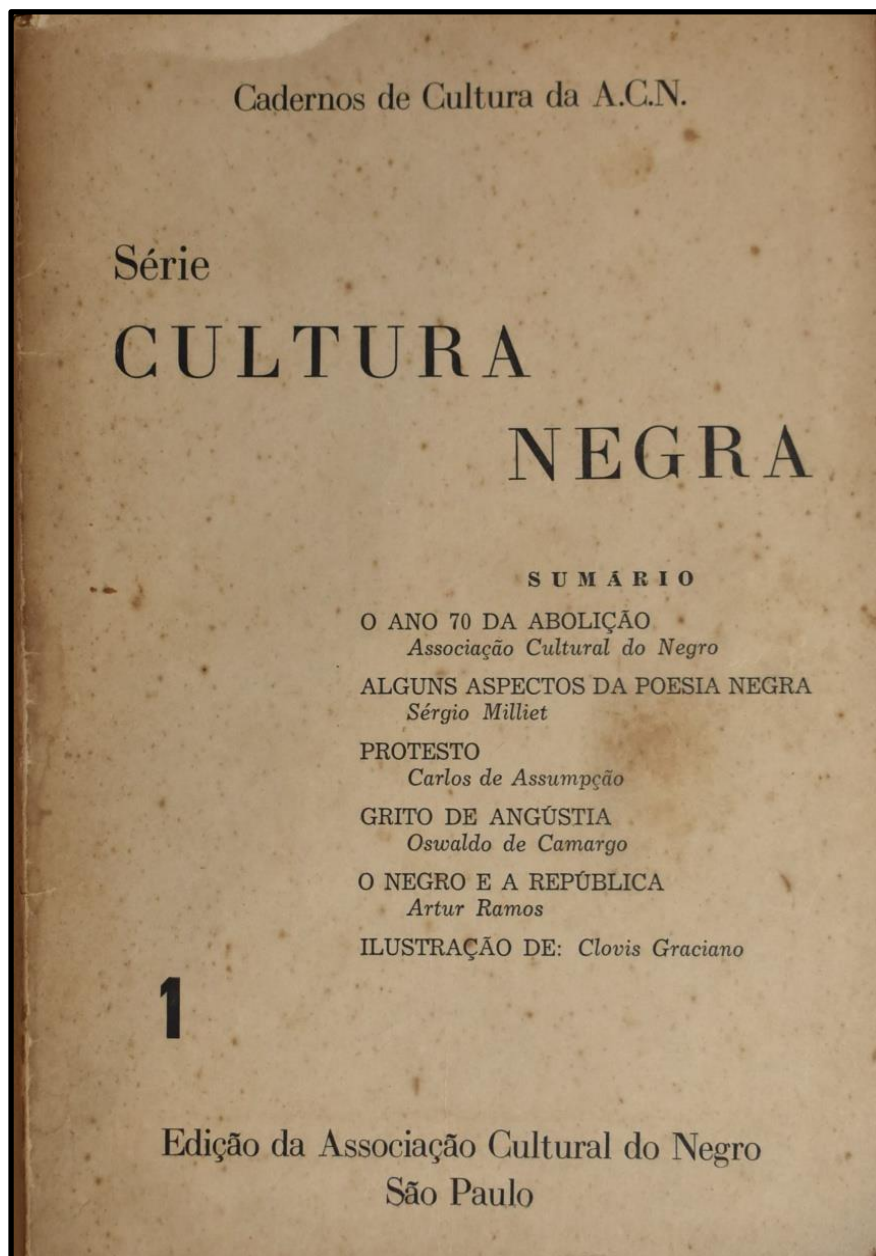
A Associação Cultural do Negro (ACN) era uma instituição que lutava pelos direitos dos cidadãos negros e condenava toda e qualquer atitude de discriminação e racismo.

Ressaltamos a atuação de Nair Theodoro de Araújo como membro do Departamento Cultural da Associação Cultural do Negro (ACN), entre outras mulheres negras neste grupo, que também agia de maneira a conscientizar as demais mulheres para não aceitarem os olhares e atitudes discriminatórias e subservientes que recebiam de algumas pessoas da sociedade. Nessa proposta, Nair foi uma ativista que, junto com outras mulheres e homens negros, contribuiu artisticamente com o Teatro Experimental do Negro em São Paulo (TEN-SP), fundado por Geraldo Campos.

Ela participou de um curso importante de oratória chamado Rui Barbosa, organizado pela União Brasileira de Escritores (UBE) em São Paulo. Tendo a oportunidade de atuar em várias peças no Teatro de Arena (fundado em 1956), uma das quais foi o grande sucesso Arena Canta Zumbi. Além disso, atuou na televisão.

Não obstante, a Associação Cultural do Negro (ACN) organizou a publicação do primeiro volume da Série "Cultura Negra", lançado em 13 de dezembro de 1958, e teve a contribuição financeira de Nair e de mais dois ativistas negros (SILVA, 2010). Neste evento participaram também o Governador do Estado de São Paulo, Jânio Quadros, dentre outras personalidades da época.

**Figura 2 - Publicação do Primeiro volume da série "Cultura Negra",
ACN, São Paulo, 13/12/1958.**



Fonte - <https://www.danielchaiebleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=6221936> .

Desde seus intensos esforços de ativismo, ela se tornou uma figura emblemática para as questões dos afro-brasileiros tanto nas reuniões organizadas na casa dos Herz como na Associação Cultural do Negro (ACN) e no Teatro Experimental do Negro de São Paulo (TEN-SP), em que discutia a cultura, os valores, a representação, a identidade, as contribuições e os saberes herdados de seus ancestrais para a formação da sociedade brasileira.

1.3 - A MEMÓRIA E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE

No texto *Memória, Esquecimento, Silêncio*, Michael Pollak (1989) explora a relevância do que é expresso e do que é silenciado na construção da memória, tanto individual quanto coletiva. Ele destaca a importância dos vestígios deixados por indivíduos, grupos ou nações ao longo do tempo, essenciais para a análise histórica. Esses vestígios, muitas vezes negligenciados ou esquecidos, podem oferecer alternativas às narrativas dominantes.

Em sua abordagem, Pollak (1989) propõe uma análise que considera tanto o visível quanto o invisível, incluindo omissões, mentiras, meias-verdades e silêncios.

Pollak (1992), ao citar Maurice Halbwachs (1990), argumenta que a compreensão da memória coletiva passou por uma significativa transformação ao longo do tempo. Anteriormente, estudava-se a memória coletiva como uma representação única e estável dos fatos históricos, presumindo que todos os grupos compartilhassem a mesma visão dos eventos. No entanto, a abordagem construtivista atual oferece uma nova perspectiva, concentrando-se em como e por quem os fatos sociais são moldados e solidificados na memória coletiva. Por exemplo, ao investigar a memória de eventos como a Revolução Industrial, a nova abordagem não apenas examina as conquistas tecnológicas celebradas na memória oficial, mas também analisa as memórias marginalizadas dos trabalhadores, que destacam as condições de trabalho adversas e as resistências enfrentadas.

A história oral, por sua vez, tem revelado a importância das memórias de grupos excluídos, como comunidades indígenas ou negras, frequentemente deixadas de lado pela narrativa predominante. Essas memórias, muitas vezes ocultas, podem emergir com força em momentos de crise, oferecendo uma visão crítica à memória oficial, que pode ser uniformizadora e opressiva. Desse modo, a disputa entre diferentes memórias e a escolha de focar em contextos de conflito e competição revelam como a memória coletiva é um campo dinâmico e contestado, refletindo a diversidade e complexidade das experiências humanas.

Um exemplo claro da complexidade da memória coletiva é o debate sobre o colonialismo. Para alguns grupos, o colonialismo é lembrado como uma época de progresso e desenvolvimento, destacando avanços tecnológicos e infraestrutura. Em contraste, outros grupos veem esse período como um tempo de exploração e opressão, sublinhando as injustiças e os abusos sofridos. Essa divergência nas lembranças evidencia como a memória coletiva pode ser contestada e disputada. Portanto, a escolha de pesquisa frequentemente se concentra em contextos onde diferentes narrativas competem, como no estudo de casos sobre a interpretação de eventos históricos controversos ou sobre o impacto de políticas públicas em grupos

minoritários. Esse enfoque permite entender melhor como diferentes memórias e experiências são moldadas e como elas entram em conflito na construção da história coletiva:

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum (POLLAK, 1989, p. 1-2).

Desse modo, Halbwachs (1968) sinaliza que as lembranças compartilhadas por outras pessoas podem ser reconstruídas de maneira a fazer sentido para nós. Ele afirma que “em vez de apenas ver os fatos sociais como coisas fixas, a abordagem construtivista analisa como esses fatos se tornam coisas fixas”. Ou seja, essa perspectiva se preocupa em entender como e por quem esses fatos são tornados estáveis e duradouros.

Aplicar essa perspectiva à análise da memória das mulheres negras permite enriquecer as narrativas existentes sobre suas experiências na sociedade. A integração das concepções de Pollak (1989) oferece uma abordagem mais crítica e inclusiva, possibilitando a construção de uma narrativa feminina mais completa e justa, que reconheça a importância das mulheres negras na história.

Conforme destaca Halbwachs (2004), só conseguimos lembrar ao adotar a perspectiva de um ou mais grupos e ao nos situar dentro de uma ou mais correntes de pensamento coletivo. Isso implica que nossa memória é moldada pelas interações sociais e pelo contexto em que estamos inseridos, reforçando a ideia de que a memória é um fenômeno coletivo e dinâmico.

Assim, se encontrarmos mais tarde membros de uma sociedade que se tornou para nós a tal ponto estranha, por mais que nos encontremos no meio deles, não conseguimos reconstituir com eles o grupo antigo. É como se abordássemos um caminho que percorremos outrora, mas de viés, como se o encarássemos de um ponto de onde nunca o vimos (HALBWACHS, 2004, p. 31).

Isso demonstra como, ao longo do tempo, as experiências e percepções das mulheres negras podem mudar e como elas podem sentir que não conseguem mais se conectar com a mesma comunidade ou grupo de antes, devido às mudanças nas suas próprias identidades e nas dinâmicas sociais. Uma mulher negra que trabalha em um setor predominantemente branco e enfrenta desafios relacionados ao racismo, sexismo e ao reconhecimento de seu potencial no ambiente de trabalho. Com o tempo, ela consegue alcançar um cargo de liderança e se torna uma defensora ativa da inclusão e diversidade no local de trabalho. Começa a perceber e viver experiências diferentes daquelas que vivia anteriormente em ambientes menos inclusivos. Essa nova posição pode levá-la a sentir que está se distanciando das experiências e desafios

enfrentados por suas colegas em situações similares, criando uma sensação de desconexão com as realidades anteriores em que vivia.

Para Halbwachs (2004), nossa memória pessoal não é isolada. Ela está entrelaçada com as diferentes redes de relações sociais e experiências das quais fazemos parte. Ou seja, nossas lembranças são influenciadas e moldadas pelos grupos sociais com os quais interagimos e pelas diversas experiências que vivemos.

A rememoração pessoal situa-se na encruzilhada das malhas de solidariedades múltiplas dentro das quais estamos engajados, nada escapa à trama sincrônica da existência social atual, e é da combinação destes diversos elementos que pode emergir esta forma que chamamos de lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem. [...] Somos arrastados em múltiplas direções, como se a lembrança fosse um ponto de referência que nos permitisse situar em meio à variação contínua dos quadros sociais e da experiência coletiva histórica (HALBWACHS, 2004, p. 14).

Portanto, Halbwachs (2004) compara o processo de lembrar a um ponto de referência que nos ajuda a nos situar em meio às contínuas mudanças em nossas vidas e na sociedade. Nossas memórias atuam como âncoras que nos ajudam a entender e nos orientam em meio a essas transformações constantes.

Martha Helena Araújo Ferreira (setembro de 2022) enfatiza, no resgate de suas memórias, a diversidade de religiosidade em que a sua mãe Nair Araújo transitava:

“Minha mãe tinha compromisso de segunda a segunda porque ela frequentava não só digamos o Teatro Experimental do Negro (TEN-SP).

Ela ia para uma loja maçônica na estação São Joaquim que tinha um dia da semana e uma sala que permitia a entrada de mulheres. Minha mãe frequentava com uma amiga dela israelita, para variar risos ...

Tinha um dia que ela ia com essa amiga para um Centro Espírita. Nessa época eu dava aula das 06 da manhã até às 10h da noite. Então, não me encontrava com a minha mãe. Minha mãe era messiânica de carteirinha ali perto da Sena Madureira, às vezes ela queria ir ao Seicho – no-iê. Mas acho assim, minha mãe era bem eclética e nunca se importou que eu mudasse de religião”.

Em complemento a essa perspectiva, Pollak (1992) explica que a memória, seja individual ou coletiva, é formada por três elementos principais: acontecimentos, pessoas e lugares. Primeiramente, a memória inclui as experiências que vivemos diretamente, bem como aquelas que não vivenciamos pessoalmente, mas que fazem parte do grupo ao qual pertencemos. Essas experiências transmitidas pelo grupo resultam em uma memória "herdada". Além disso, a memória é composta por pessoas, que podem não ter vivido na mesma época que nós, mas sobre as quais temos informações como se as conhecêssemos bem. Por fim, a memória

envolve lugares, como a casa da infância, que guarda recordações afetivas, ou ainda monumentos, documentos e arquivos.

Concomitante à memória herdada, Pollak (1992) refere-se às memórias e experiências que não vivenciamos pessoalmente, mas que aprendemos com o grupo ao qual pertencemos. Por exemplo, podemos conhecer histórias e tradições de nossos antepassados que moldam nossa compreensão do passado. Pollak destaca que essa memória herdada não é apenas uma recordação passiva, mas está profundamente conectada com nossa identidade. A identidade, nesse contexto, é como nos vemos e como queremos que os outros nos vejam. É a maneira como construímos nossa imagem pessoal com base em nossas memórias e experiências compartilhadas.

1.3.1 REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE

De acordo com Pollak (1992), a identidade é formada pela maneira como cada pessoa cria e mostra sua imagem tanto para si mesma quanto para os outros. Isso envolve o desejo de ser percebido de uma determinada forma, influenciado pelas memórias e pelas histórias que herdamos do grupo.

Fundamentada nos estudos de Pollak (1992), pode-se refletir sobre como a memória herdada não apenas configura a identidade pessoal, mas também serve como um ponto de resistência e afirmação cultural. As formas como as mulheres negras se conectam com suas memórias coletivas podem ser vistas como uma maneira de reivindicar e resgatar narrativas historicamente silenciadas.

Embora Hall (2000) não use especificamente o termo "memória herdada" como Pollak, ele discute a ideia de memória coletiva e sua contribuição para a formação da identidade cultural. Como afirma Stuart Hall, as identidades são moldadas por processos históricos, e o sujeito pós-moderno está sujeito a transformações constantes devido aos sistemas culturais com os quais interage. Hall destaca que essas identidades não são fixas, mas continuamente construídas e reconstruídas através das interações com diversas influências culturais e históricas.

[...] somos sempre diferentes e estamos sempre negociando diferentes tipos de diferenças – de gênero, sexualidade, classe. Trata-se também do fato de que esses antagonismos se recusam a ser alinhados; simplesmente não se reduzem um ao outro, se recusam a se aglutinar em torno de um eixo único de diferenciação. Estamos constantemente em negociação, não com um único conjunto de oposições que nos situe sempre na mesma relação com os outros, mas com uma série de posições diferentes. Cada uma delas tem para nós o seu ponto de profunda identificação subjetiva. Essa é a questão mais difícil da

proliferação no campo das identidades e antagonismos: elas frequentemente se deslocam entre si (HALL, 2011, p. 328).

Portanto, para Hall (2011), essas identidades e diferenças não são estáticas; elas mudam e se deslocam constantemente. Em outras palavras, as formas como nos identificamos e as diferenças que enfrentamos estão sempre se transformando e se ajustando.

Essa visão enfatiza que as identidades são dinâmicas e moldadas por contextos históricos, sociais e culturais em constantes mudanças. As experiências pessoais e coletivas, bem como as interações com diferentes grupos e culturas, influenciam continuamente a maneira como nos percebemos a nós mesmos e aos outros. Dessa forma, compreender a identidade como um processo em fluxo é crucial para reconhecer a complexidade e a diversidade das experiências humanas.

Desse modo Souza (1983) apud Pereira (2024, p. 149), ressalta que “a identidade é, por vezes, assinalada pela negação do seu eu, considerando ainda que a identidade se constrói também em um plano simbólico, mediado pelos valores e pelas crenças, por isso, também é uma construção política que emerge da constituição da configuração sócio-histórica”.

1.4 - MEMÓRIA COLETIVA E A MULHER NEGRA: UMA REFLEXÃO

Vozes-Mulheres

- Conceição Evaristo -

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela

A minha voz ainda
ecoou versos perplexos
com rimas de sangue

e fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.

O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

(In: Poemas de recordação e outros movimentos, 3.ed., p. 24-25).

IMAGEM 15 - CONCEIÇÃO EVARISTO



Fonte: "Paula A75/Commons", em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/conceicao-evaristo.htm>

No seu poema *Vozes-Mulheres*, Conceição Evaristo evoca a memória coletiva das mulheres negras, tecendo suas vozes e histórias em uma narrativa que resgata e celebra suas experiências e lutas ao longo das gerações. Nesse contexto, a memória coletiva das mulheres negras no mundo do trabalho é um importante recurso para resgatar e valorizar as experiências, lutas e conquistas que moldaram a trajetória dessas mulheres na sociedade brasileira, revelando

a resiliência e a força necessárias para superar as adversidades do racismo e do sexismo. No entanto, essa memória também está marcada por sua concentração nos trabalhos mais precários e mal remunerados, evidenciando as barreiras persistentes que enfrentam para alcançar igualdade de oportunidades no mercado de trabalho.

Assim, a obra de Evaristo serve como uma poderosa lembrança da necessidade de reconhecer e honrar essas histórias, destacando a importância de uma revisão crítica das narrativas tradicionais para incluir e celebrar as contribuições das mulheres negras. Como aduz Carneiro (2011):

São suficientemente conhecidas as condições históricas nas Américas que construíram a relação de coisificação dos negros em geral e das mulheres negras em particular. Sabemos, também, que em todo esse contexto de conquista e dominação, a apropriação social das mulheres do grupo derrotado é um dos momentos emblemáticos de afirmação de superioridade do vencedor (CARNEIRO, 2011, s.p.).

Nesse sentido, reconhecer essas dinâmicas é fundamental para compreender as raízes profundas das desigualdades atuais e para fomentar uma análise histórica que desafie as narrativas dominantes e valorize as experiências e contribuições das mulheres negras. A memória dessas vivências é essencial para evidenciar a resistência e a angústia dessas mulheres ao longo do tempo. Conforme Carneiro (2011), avança com assertividade ao afirmar que:

Quando falamos em romper com o mito da rainha do lar, da musa idolatrada dos poetas, de que mulheres estamos falando? As mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que não são rainhas de nada, que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca. Quando falamos em garantir as mesmas oportunidades para homens e mulheres no mercado de trabalho, estamos garantindo emprego para que tipo de mulher? Fazemos parte de um contingente de mulheres para as quais os anúncios de emprego destacam a frase: “Exige-se boa aparência” (CARNEIRO, 2011, p. 2).

Dessa forma, é importante entender que a falta de oportunidades para mulheres negras permeia todos os aspectos de suas vidas. O mercado de trabalho brasileiro reflete e reforça padrões de exclusão e discriminação que desconsideram a diversidade racial e de gênero. As oportunidades e representações no ambiente profissional são muitas vezes moldadas por critérios que privilegiam uma estética eurocêntrica e racialmente homogênea, o que marginaliza as mulheres negras e perpetua estereótipos prejudiciais.

De um lado, as mulheres negras são visibilizadas para trabalhos de posições de subalternidades. Ademais, Gonzalez (2020) observa que, quando não está trabalhando como doméstica, a mulher negra frequentemente se encontra na prestação de serviços de baixa remuneração. Ela atua em funções rotuladas como "serviços gerais" em supermercados, escolas

ou hospitalais, sob a denominação genérica de "servente", o que reflete as significações subjacentes a esse termo, em que perpetua os resquícios da ideia do amargo período colonial. E, por outro lado, são invisibilizadas para ocuparem cargos de chefia, políticos e de algum destaque em empresas, igrejas, universidades, hospitais, etc.

As complexidades envolvidas na recuperação da memória, bem como as lacunas e ausências, foram abordadas por Martha Helena Araújo (2022) e outros colaboradores que contribuíram para a narrativa sobre Nair Araújo. Sua infância humilde ao lado de sua família não impediu que ela se tornasse uma apaixonada pelas Artes e pelos livros. Nair Theodoro de Araújo, para além das dificuldades que vivenciou e encontrou como mulher negra, ousou seguir a carreira de atriz, declamadora, mezzo-soprano e livreira, empresária do ramo da venda de livros.

Decerto, Martha Helena Araújo Ferreira (2022) relata que:

- “Quando minha mãe chegou a São Paulo com a idade de sete anos, meu avô, que era fluente em Português e havia trabalhado muito na Baixada Santista. Meu avô, com quem eu tive mais convivência, dedicava-se a corrigir constantemente o vocabulário dos filhos, era a figura mais religiosa que conheci; sua esposa, minha avó, não teve contato significativo comigo.

Meu avô, José Theodoro de Araújo, era amplamente reconhecido por sua devoção religiosa. Usava um chapéu característico, e a comunidade local costumava cumprimentá-lo com um 'Bom dia!' ou 'Boa tarde!'. Morávamos em Pinheiros na época, e havia pessoas que pediam sua bênção, ao que ele respondia com 'Deus abençoe' e 'Vai com Deus'. A fé que ele demonstrava, especialmente em relação a Nossa Senhora da Aparecida, era imensurável e representa o tipo de fé que eu busco em minha vida.

Meus avós tiveram 4 filhos, 3 mulheres e um homem José que faleceu. Minhas tias Nasir e Olinda não tiveram filhos e eu não tenho primos”.

- “Minha mãe era uma mulher lindíssima! Eu falava assim pra minha mãe: - Você é tudo aquilo que eu quero ser quando crescer, lindíssima! Mente aberta, você pode conversar sobre qualquer assunto com ela.

Minha mãe, eu lembro que umas vezes nós fomos lá do outro lado da Dutra e tinha uma faculdade, ela ia lá com muita frequência, não lembro o nome da cidade, mas independentemente do local, lá eles faziam muitas tertúlias literárias, então eles pegavam as pessoas da faculdade de letras desta cidade que não me recordo e tinha uma parte que era declamação, a outra parte o cara lia um artigo e todo mundo opinava” (MARTHA HELENA ARAÚJO FERREIRA, 2022).

“O meu nome é Martha com “th” igual ao Theodoro da minha mãe que veio do meu avô” (MARTHA HELENA ARAÚJO FERREIRA, 2022).

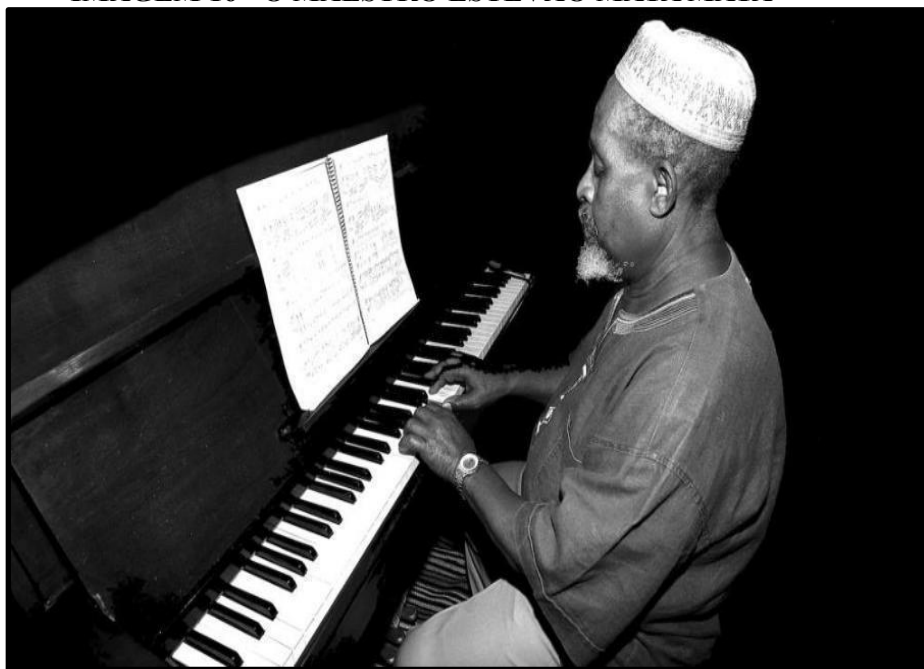
Martha Helena Araújo Ferreira, sua filha em entrevista realizada em setembro de 2022, nos narra que:

- “O conhecimento que possui sobre música clássica deve-se principalmente à sua mãe, que era mezzo-soprano. Ela utilizava as terminologias próprias da

área e tinha um amigo, que frequentemente visitava nossa livraria. Ele era um barítono de estatura baixa e era um homem negro. Infelizmente, ele já faleceu, mas recordo-me com carinho de sua presença. Seu nome completo era Estevão Maya Maya. Eu costumava ir à loja aos sábados exclusivamente para ouvir suas interpretações e frequentemente pedia para que ele cantasse algo. Sua voz era extraordinária e seu talento notável; sempre considerei Estevão uma pessoa muito especial” (MARTHA HELENA ARAÚJO FERREIRA, 2022).

Nas lembranças de Martha estão vivas as experiências e orgulho dos talentos da mãe.

IMAGEM 16 - O MAESTRO ESTEVÃO MAYA MAYA



Fonte: Imagem: Reprodução / Facebook

Nair e Estevão eram amigos e se entendiam bem segundo a musicalidade e a sensibilidade de ambos.

Sobre outro ponto, no cotidiano, muitas vezes pensamos nas vidas das pessoas como histórias que têm uma linha do tempo clara. Isso é, a vida tem um "começo" (nascimento), um "meio" (a vida adulta e os eventos que acontecem) e um "fim" (morte). Assim como em um livro, a vida é vista como uma trajetória que se desenvolve ao longo do tempo e em diferentes lugares, com vários eventos e fases. Porém, a respeito das biografias, Vieira (2011) traz outra consideração:

O “como” contar a trajetória de um indivíduo não é orientado por modelos prontos, pré-configurados em estruturas limitadoras, mas sim pelo fluxo singular dessa história de vida que, ao ser narrada, projeta-se como uma experiência suscetível a inúmeras interpretações (VIEIRA, 2011, p. 19).

Similarmente, a biografia é um dos gêneros textuais que podem ser usados como ferramenta pedagógica neste contexto, permitindo que os estudantes conheçam a vida e as realizações de personalidades afro-brasileiras históricas e contemporâneas. Portanto, a narrativa sobre a protagonista pode contribuir para a inclusão de histórias e perspectivas essenciais, promovendo uma compreensão da história de mulheres negras brasileiras.

CAPÍTULO II

O INGRESSO DE NAIR THEODORO DE ARAÚJO NAS ARTES PAULISTANAS

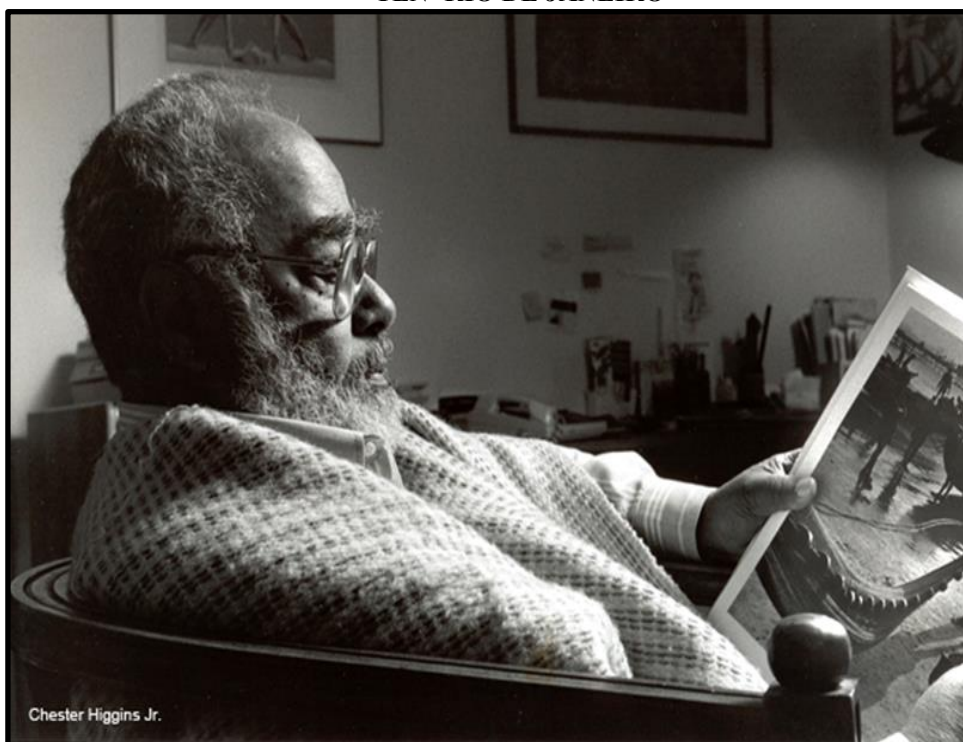
Este capítulo traz uma análise sobre o papel de Nair Araújo no Teatro Experimental do Negro de São Paulo (TEN-SP), incluindo suas contribuições para o movimento negro e seu impacto na representação negra no teatro paulistano, como a sua participação na Associação Cultural do Negro (ACN), a inauguração da sua Livraria Contexto como um espaço de aquilombamento sociocultural dos artistas, intelectuais e a população negra paulistana.

2.1 - O TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO (TEN)

“Ao sair da Penitenciária do Estado em 1944, Abdias Nascimento teria tentado fundar uma companhia de teatro negro na cidade de São Paulo. A Paulicéia, no entanto, foi indiferente aos seus objetivos. Na cidade, teria buscado apoio apresentando a proposta ao intelectual Mário de Andrade- poeta, romancista, musicólogo de grande influência que, nos anos 1930, criou e dirigiu o Departamento de Cultura da Municipalidade Paulistana. Contudo, essa tentativa não conseguiu mais do que ceticismo e indiferença (...) (NASCIMENTO, 2023, p. 73).

O episódio vivido por Abdias Nascimento ilustra as dificuldades enfrentadas por movimentos voltados para a inclusão e representação de artistas negros no cenário artístico brasileiro da época. A resistência encontrada por Abdias do Nascimento, grande ativista, artista e intelectual negro, revela como o racismo, presente na sociedade, se manifestava também nas esferas culturais e artísticas daquele período. Fundador do Teatro Experimental do Negro no Rio de Janeiro (TEN-RJ) e defensor incansável dos direitos da população negra, Abdias Nascimento lutou para transformar as estruturas racistas que limitavam o acesso e a participação de artistas negros nos espaços culturais. Essas barreiras estruturais não apenas restringiam a visibilidade dos artistas negros, também perpetuavam sua exclusão dentro do ambiente cultural da época.

**IMAGEM 17 - ABDIAS NASCIMENTO, FUNDADOR DO
TEN- RIO DE JANEIRO**



Fonte Ipeafro

A citação de Jessica Nascimento (2023) também ressalta a coragem e a determinação de Abdias do Nascimento em desafiar essa ordem na busca de influenciar o meio cultural paulistano por meio de ações artísticas, tomando como exemplo e ampliando o que acontecia e era sucesso no Rio de Janeiro. Sua tentativa de criar o Teatro Experimental do Negro (TEN - SP) na cidade de São Paulo foi um passo importante na luta por visibilidade e igualdade para os artistas negros paulistanos, inspirando futuros movimentos e iniciativas voltadas para a promoção da diversidade negra cultural no Brasil.

Além disso, a influência de Abdias do Nascimento foi fundamental para que Geraldo Campos Oliveira integrasse o mesmo compromisso com a resistência cultural e a valorização da identidade negra na cidade de São Paulo. Dessa forma, Jessica Nascimento (2023) destaca que Geraldo Campos Oliveira, amigo de infância de Abdias Nascimento, persistiu na visão teatral do amigo e fundou uma companhia de teatro negro. Essa iniciativa realizou uma intervenção cultural significativa, capaz de desafiar e transformar as bases sociais impostas à população negra.

De tal modo, Geraldo Campos Oliveira, ao fundar o Teatro Experimental do Negro em São Paulo, declarou à *Folha da Manhã* em 30 de setembro de 1945:

Acreditamos que a criação do Teatro Experimental do Negro atende à necessidade de atuar-se os negros nos meios artísticos do País, pois

consideramos não terem ainda os artistas da raça uma situação no teatro nacional que corresponda às suas possibilidades artísticas. É uma tentativa de alterar essa ordem de coisas o que marca o surgimento do Teatro Experimental do Negro, que como seu nome está indicando é um teatro de experiências, teatro de testes, de orientação - uma escola. Dele esperamos muito (NOVAS POSSIBILIDADES, 30/9/1945, p. 22).

IMAGEM 18 - GERALDO CAMPOS, FUNDADOR DO TEN-SP



Fonte: Ipeafro

O período pós-guerra se tornou um ponto de partida para um aprofundamento das discussões sobre a cultura, o racismo e as consequências da modernidade, que foram amplamente abordados pelos pensadores mencionados. No entanto, companhias de teatros formadas apenas por negros enfrentavam dificuldades e espanto no Brasil, que, apesar de promover a harmonia racial, era profundamente racista (maio, 1997; BASTIDE; FERNANDES, 2008; COSTA PINTO, 1998; SILVA, 2018). Contudo, a fundação do Teatro Experimental do Negro de São Paulo (TEN-SP) enfrentou grandes dificuldades nas mais diversas ordens, sejam financeiras como de organização com os artistas. Nascimento se reporta a Bastide (1966) para explicar as tamanhas dificuldades enfrentadas pelo TEN-SP:

“O projeto de criação do TEN-SP começou devagar. Não havia recursos, tampouco um elenco pronto. Geraldo Campos de Oliveira não dispunha de formação como diretor de teatro e, para levantar Todos os filhos de Deus tem asas, o primeiro espetáculo da companhia (...) (r) rodeou-se de um grupo de operários, de empregadas domésticas de gente humilde, ensinou-lhes a técnica segundo a descrição de Bastide” (BASTIDE, 1966, p. 101).

A esse respeito, das dificuldades existentes no TEN-SP, o jornal Folha da Manhã em 30 de setembro de 1945 trouxe a seguinte informação:

Ainda não conseguimos um lugar adequado para nossos ensaios [...]. Lutamos com grande escassez de peças que se coadunam com o objetivo dos trabalhos do nosso teatro. Estamos ensaiando a de Lino Guedes, Vigília de Pai João, e com ela faremos logo a nossa apresentação. Acha-se no Rio de Janeiro um nosso emissário com o fim de conseguir do maestro José Siqueira os direitos para encenarmos sua peça intitulada Senzala [...]. Tentaremos a teatralização de A vida continua, de Oliveira Ribeiro Neto. O mulato, de Aluísio Azevedo, e Jubiabá, de Jorge Amado. Envidaremos esforços para representar as peças programadas pelo Experimental do Negro do Rio - Imperador Jones, Todos os filhos de Deus têm asas, de Eugene O'Neill; Filho nativo, de Richard Wright [...]. Tudo faremos para interessar escritores e teatrólogos que escrevam trabalhos para o nosso teatro. Peças que tenham o negro, sua vida, seus dramas e suas tragédias, como ponto fundamental, em que a vida do negro seja a essência (NOVAS POSSIBILIDADES, 30/9/1945, p. 22).

Sendo assim, as coberturas midiáticas contribuíram para a visibilidade do TEN-SP e ajudaram a destacar a luta dos seus membros por reconhecimento e igualdade. No entanto, a resistência encontrada pelo grupo nos jornais da época refletia uma sociedade em que a inclusão cultural plena ainda estava distante. Nascimento (2023) afirma que foram essas pequenas menções em notas de jornais que nos possibilitaram reconhecer a trajetória do Teatro Experimental do Negro de São Paulo (TEN-SP), a qual se estendeu por mais de 15 anos na cidade.

A participação de maneira significativa de Nair Araújo no Teatro Experimental do Negro de São Paulo ocorreu durante o período em que o grupo esteve ativo. De acordo com Cuti (1992), o grupo conquistou o título de campeão em um festival realizado no Teatro João Caetano, em São Paulo. Neste evento, Nair Araújo foi premiada como Melhor Atriz. Além disso, o grupo se destacou por suas apresentações que incluíam música e poesia (CUTI, 1992).

Oswaldo de Camargo é escritor e poeta da literatura negra, sendo amplamente reconhecido como um dos mais importantes escritores negros das últimas décadas. Sua obra abrange gêneros e temas da cultura negra.

Em uma entrevista concedida a mim, em sua casa no bairro de Lauzane Paulista, em São Paulo, Oswaldo de Camargo (2022) destacou repetidamente que Nair Araújo, como era conhecida, era uma mulher notavelmente bonita e bem vestida, sempre com o cabelo bem cuidado e trajando elegantes vestidos. Ele enfatiza que, além de seu trabalho como doméstica em uma casa de família, ela era considerada uma excelente candidata para um relacionamento, não fosse o fato de ser mãe solteira, o que, na época, enfrentava severos preconceitos. Também percebemos na fala de Camargo uma mistura de elogio e machismo, ao se referir a Nair.

IMAGEM 19– POETA OSWALDO CAMARGO E ÉRICA APARECIDA



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2022.

De fato, a beleza e o talento de Nair Theodoro de Araújo, conforme destacado por Oswaldo de Camargo (2015), também são confirmados por Nascimento (2023) que a apresentava:

Nair, negra, doméstica na casa de um médico na Rua Rio de Janeiro, ali perto do Estádio do Pacaembu, e que militava como atriz e declamadora no Teatro Experimental do Negro de São Paulo (TEN-SP), sob a direção de Dalmo Ferreira tirava meu poema de dentro do coração (CAMARGO, 2015, p.70).

Conforme relatado em entrevista por Martha Araújo (2022), os trabalhos de Nair Araújo no Teatro Experimental do Negro (TEN-SP) em São Paulo foram diversos e marcantes. Com sua exímia habilidade de declamadora obteve certo reconhecimento no contexto dos meios de Comunicação Negro como a Revista Niger de julho de 1960, que a cita em duas páginas distintas (4 e 7) ressaltando a sua participação em atividades que por meio de seu talento, dava voz e brilhantismo aos poemas e poesias de alguns poetas negros que se mantinham à margem da sociedade.

Nair atuou com o renomado artista brasileiro Dalmo Ferreira, cuja carreira incluiu atuações como ator, diretor, carnavalesco, escritor, autor e roteirista, além de ter começado sua trajetória artística no TEN.

IMAGEM 20 - DIRETOR TEATRAL DALMO FERREIRA



Fonte: https://www.elencobrasileiro.com//2018/05/dalmo-ferreira-i_25.html#:~:text=Nome%20real:%20Dalmo%20Ferreira%20Créditos:%20Dalmo%20Ferreira

Nair Araújo também realizou trabalhos com o ator Raul Cortez no Teatro Centro Cultural Banco do Brasil, onde participaram da peça *O Cordão*. Além disso, ela manteve uma estreita amizade com a atriz negra Ruth de Souza. Juntas, elas atuaram na peça *Veredas da Salvação*, que foi dirigida pelo destacado diretor Antunes Filho. Sua filha, Martha Araújo, desempenhou o papel de Jovina nessa produção, que também contou com a participação da atriz Cleide Yáconis. Nair Araújo frequentemente visitava o apartamento de Ruth de Souza, onde eram realizados jantares após os ensaios.

Com certa frequência, Nair Araújo visitava o apartamento de Ruth de Souza, tanto durante os ensaios quanto nas performances, visto que foi Ruth de Souza quem interpretou o papel da mãe de Martha Araújo na peça *Veredas da Salvação*. Geralmente, jantávamos no apartamento dela, e lembro-me de que o cardápio incluía itens como creme cracker, maionese e Nissin Miojo, devido à situação financeira apertada e ao fato de que todos estavam ocupados com os ensaios da peça. Preparar grandes jantares exigia recursos financeiros que estavam além das possibilidades daquele momento.

Quando Nair Araújo foi convidada a participar de um filme dirigido por Antunes, optou por não incluir a participação de sua filha. A peça *Veredas da Salvação* foi adaptada para o

cinema, mas com um elenco diferente. Nair Araújo decidiu que Martha deveria focar nos estudos em vez de seguir a carreira artística, afirmando que essa profissão não seria vantajosa e incentivando-a a investir na Educação.

IMAGEM 21 – ATRIZ TEATRAL RUTH DE SOUZA



Fonte: Correio da Manhã/Acervo Arquivo Nacional

Durante essa época, Nair Araújo também trabalhava como doméstica, além de vender ingressos e ajudar no palco do teatro, desempenhando diversas funções. Martha Araújo (2022) nos conta com detalhes como era estética da sua mãe:

-” Minha mãe costumava usar saia, meia de nylon e sapatos de salto baixo. Seu estilo era discreto, sem os saltos extravagantes que muitas vezes associamos a uma mulher 'perua'. Ela tinha uma forma própria de se vestir, com cores e colares de pérolas que frequentemente me provocavam risos. Também trabalhou na casa da minha madrinha, onde atuava como cozinheira. No entanto, decidiu deixar esse emprego porque queria seguir seu próprio caminho. Era uma cozinheira excepcional; seu prato de camarão com catupiry era notável. Ela costumava falar em preparar quitandas quando se reunia com outras mulheres para cozinhar. A madrinha, Iracema, já falecida, foi uma figura significativa, mas o trabalho na casa dela não era completamente satisfatório para a minha mãe” (MARTHA ARAÚJO, 2022).

Segundo Martha Araújo (2022), sua mãe foi aluna de um renomado curso de oratória em São Paulo, denominado Curso de Oratória Rui Barbosa, coordenado pela União Brasileira de Escritores (UBE). Esta formação possibilitou sua atuação em diversas produções no Teatro

de Arena, fundado em 1956, destacando-se particularmente no aclamado espetáculo *Arena Canta Zumbi* é uma peça teatral que misturou elementos de música e dramaturgia para celebrar a figura histórica de Zumbi dos Palmares, líder do Quilombo dos Palmares e símbolo da resistência negra no Brasil.

A obra utilizou canções e performances para explorar a luta pela liberdade e a cultura afro-brasileira, revisitando a relevância do legado de Zumbi na atualidade. Com uma abordagem inovadora, a peça buscou conectar o passado com o presente, ressaltando a importância da memória e da identidade na construção da sociedade contemporânea.

Como ressalta Silva (2022):

De maio a outubro de 1960, as atividades do TEN-SP se intensificaram numa tríade composta por recitais, encenações e o aniversário de quinze anos. As reapresentações seriam de *A grande estiagem* e *Onde está marcada a cruz*, com a preparação de *O auto da Compadecida*, de Aria no Suassuna (“Espetáculo do TEN-SP”, 8/7/1960, p. 9). Também houve uma parceria com o Teatro de Arena e o Teatro Popular Brasileiro, em que Nair Araújo do TEN-SP, interpretaria a *Rapsódia afro-brasileira*, com textos de Solano Trindade, (“Teatro Popular Brasileiro no Arena”, 4/9/1960, p. 13) (SILVA, 2022, p. 15).

Além de seu trabalho teatral, Nair Araújo, também se envolveu com a televisão e contribuiu financeiramente com dois outros ativistas e viabilizou a publicação do primeiro volume da série “Cultura Negra”, organizada pela Associação Cultural do Negro (ACN) (SILVA, 2010, p. 35).

Ela era uma pessoa inquieta e que realmente investia tanto o seu tempo como também as suas finanças para proporcionar aos demais atores a possibilidade de se realizarem como artistas.

**IMAGEM 22 - PARTICIPAÇÃO DE NAIR NA PEÇA TEATRAL
VEREDAS DA SALVAÇÃO EM 1964 - TEN-SP**



Fonte - Editores da Enciclopédia Itaú Cultural, SP, 08.07.1964.

Assim, o ideal para atrizes negras são representações focadas na pluralidade, subjetividade e experiências históricas, buscando vivências que não sejam estereotipadas, muito menos depreciativas. Estas representações devem adotar possibilidades de caráter político e social, ressaltando a naturalização e protagonismo de suas atuações para construir identidades. Não há como dissociar a história de Nair Araújo das questões raciais e de gênero.

Assumir o papel de livreira e atriz em uma sociedade que ainda rechaça pessoas pretas, fez de Nair uma exceção, uma transgressora por assumir um lugar que a sociedade branca não construiu para ela, algo que para nós mulheres negras é inalcançável. Ela passou de doméstica a livreira e o seu processo de ascensão foi permeado por muitos esforços e desafios.

Nair Theodoro de Araújo desenvolveu importantes trabalhos em uma sociedade ainda muito distante de superar as amarras do racismo, sexismo e preconceito que ainda pratica atitudes perversas contra mulheres negras. Nas dissidências de sua narrativa, reside muita força e enfrentamento. Assim, trazer à luz – mesmo que seja um breve recorte – suas diversas narrativas culturais podem ser uma contribuição nas lutas com os preconceitos de raça, gênero e classe.

2.2 - A PARTICIPAÇÃO DE NAIR THEODORO DE ARAÚJO NA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DO NEGRO - (ACN)

A ACN tinha como propósito realizar atividades que envolviam palestras, debates e aulas de oratória, Inglês, datilografia, Matemática e Português destinadas tanto à comunidade negra, aos imigrantes estrangeiros do pós-guerra, bem como aos demais cidadãos que tivessem interesse. “Pois se acreditava estar na educação, na cultura e na preservação da memória do negro o caminho para a valorização e conquista da cidadania desse segmento populacional” (DOMINGUES, 2007, p. 2).

Como destaca Domingues (2007) em:

“[...] seu apogeu, a Associação Cultural do Negro chegou a ter mais de 700 sócios. Tinha entre seus afiliados membros hoje conhecidos, como o bibliófilo José Mindlin, os sociólogos Florestan Fernandes e Otávio Ianni. O penúltimo, inclusive, tornou-se o representante da entidade para fins culturais” (DOMINGUES, 2007, p. 4).

Na Associação, Nair Theodoro de Araújo desempenhou o cargo de Diretora do Departamento de Cultura e declamadora. Sua habilidade artística como declamadora e atriz, e sua paixão pela literatura a levaram a utilizar a arte da declamação como forma de expressar a identidade negra e disseminar a construção da consciência racial.

Por meio da Associação Cultural do Negro (ACN), Nair Araújo teve a oportunidade de participar de eventos, debates e iniciativas que visavam o combate às atitudes racistas, a propagação do estudo da história e tradições afro-brasileiras, bem como promover a valorização da cultura negra em todas as suas manifestações.

Como afirma Domingues (2007), a Associação Cultural do Negro iniciou suas atividades em 1955, depois da aprovação do Estatuto Social. No primeiro artigo deste documento, ficava estabelecido que a ACN era uma sociedade civil, com a “finalidade de propugnar pela recuperação social do elemento afro-brasileiro”. No terceiro artigo, ficava estipulado que a entidade visava:

- a) coordenar, esclarecer e orientar em todas as atividades de caráter econômico, educacional, cultural, político e social, o elemento negro preferencialmente;
- b) estimular e desenvolver o pensamento cooperativista, procurando instituir cooperativas econômicas e culturais, principalmente cooperativas de ensino;
- c) promover, na medida de suas possibilidades financeiras, a prestação de serviços de assistência social e jurídica;
- d) estimular a arregimentação à base de famílias, para um maior

congregamento, no sentido do permanente espírito de solidariedade e fraternidade;

e) dedicar especial atenção e amparo à mulher e à infância de maneira a consolidar as bases da educação como fator fundamental da recuperação social do elemento afro-brasileiro (DOMINGUES, 2007, p. 3).

Na ACN, viviam novidades que faziam parte do cotidiano, como por exemplos, um dia apareceu na Associação, um negro que se chamava Carlos Assumpção. A esse respeito, diz José Correia Leite (2003), ao se referir às atividades realizadas na Associação Cultural do Negro. Fizemos um auditoriozinho pela primeira vez. Ele realizou a declamação de obras de escritores negros brasileiros. Em uma entrevista para a revista Cult (2020), ao comentar sobre seu poema mais conhecido, "Protesto", o poeta Carlos Assumpção fez a seguinte referência sobre Nair:

Muita gente queria declamar o "Protesto", mas é muito difícil, porque ele não segue uma linha. Passa de um assunto para outro, vai, vem, volta, fica difícil. Muita gente tinha medo de declamar o "Protesto". Quando eu estava lá, perto de mim, ninguém declamava, porque achavam que era uma usurpação. A Nair Araújo, uma das atrizes do Teatro Experimental do Negro, foi a melhor declamadora do poema "Protesto" (REVISTA CULT UOL, 2020).

IMAGEM 23 - POETA CARLOS ASSUMPÇÃO AMIGO DE NAIR



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos_de_Assump%C3%A7%C3%A3o.

Em uma entrevista telefônica realizada em agosto de 2022, o senhor Carlos Assumpção, que se encontrava doente e bastante idoso, não pôde receber minha visita em sua residência na

cidade de Franca, no interior de São Paulo. Durante a conversa, ele compartilhou detalhes sobre seu encontro com Nair Araújo.

“Cheguei em São Paulo em um dia muito frio para um almoço na casa de Nair em Pinheiros. Me perdi e cheguei atrasado. Ela ainda estava me esperando e me levou até a livraria. Passei o dia inteiro na livraria contexto com ela e a filha” (CARLOS ASSUMPÇÃO, 2022).

Percebe-se que o poeta ficou feliz em encontrá-las e, ao mesmo tempo, em relembrar esse bom momento vivido entre amigos, pois Nair era a sua declamadora favorita e ele declarava para todos a sua preferência.

(PROTESTO)

- *Carlos Assumpção* -

Mesmo que voltem as costas
Às minhas palavras de fogo
Não pararei de gritar
Não pararei
Não pararei de gritar

Senhores
Eu fui enviado ao mundo
Para protestar
Mentiras europeias nada
Nada me fará calar

Senhores
Atrás do muro da noite
Sem que ninguém o perceba
Muitos dos meus ancestrais
Já mortos há muito tempo
Reúnem-se em minha casa
E nos pomos a conversar
Sobre coisas amargas
Sobre grilhões e correntes
Que no passado eram visíveis

Sobre grilhões e correntes
Que no presente são invisíveis
Invisíveis, mas existentes
Nos braços no pensamento
Nos passos nos sonhos na vida
De cada um dos que vivem
Juntos comigo enfeitados da Pátria

Senhores
O sangue dos meus avós
Que corre nas minhas veias
São gritos de rebeldia

Um dia talvez alguém perguntará
Como vivo ante meu sofrimento
Quem é que está gritando
Quem é que lamenta assim
Quem é
E eu responderei
Sou eu irmão
Irmão tu me desconheces
Sou eu aquele que se tornou
Vítima dos homens
Sou eu aquele que sendo homem
Foi vendido pelos homens
Em leilões em praça pública
Que foi vendido ou trocado
Como instrumento qualquer
Sou eu aquele que plantara
Os canaviais e cafezais

E os regou com suor e sangue
Aquele que sustentou
Sobre os ombros negros e fortes
O progresso do País
O que sofrera mil torturas
O que chorara inutilmente
O que dera tudo o que tinha
E hoje em dia não tem nada
Mas hoje grito não é
Pelo que já se passou
Que se passou é passado
Meu coração já perdoou
Hoje grito meu irmão
É porque depois de tudo
A justiça não chegou

Sou eu quem grita sou eu
O enganado no passado
Preterido no presente
Sou eu quem grita sou eu
Sou eu meu irmão aquele
Que viveu na prisão
Que trabalhou na prisão
Que sofreu na prisão
Para que fosse construído
O alicerce da nação
O alicerce da nação

Tem as pedras dos meus braços
Tem a cal das minhas lágrimas
Por isso a nação é triste
É muito grande mas triste
E entre tanta gente triste
Irmão sou eu o mais triste
A minha história é contada
Com tintas de amargura
Um dia sob ovações e rosas de alegria
Jogaram-me de repente
Da prisão em que me achava

Para uma prisão mais ampla
Foi um cavalo de Troia
A liberdade que me deram
Havia serpentes futuras
Sob o manto do entusiasmo
Um dia jogaram-me de repente
Como bagaços de cana
Como palhas de café
Como coisa imprestável
Que não servia mais pra nada
Um dia jogaram-me de repente
Nas sarjetas da rua do desamparo
Sob ovações e rosas de alegria

Sempre sonhara com a liberdade
Mas a liberdade que me deram
Foi mais ilusão que liberdade
Irmão sou eu quem grita

Eu tenho fortes razões
Irmão sou eu quem grita
Tenho mais necessidade
De gritar que de respirar

Mas irmão fica sabendo
Piedade não é o que eu quero
Piedade não me interessa
Os fracos pedem piedade
Eu quero coisa melhor
Eu não quero mais viver
No porão da sociedade
Não quero ser marginal
Quero entrar em toda parte
Quero ser bem recebido
Basta de humilhações
Minh'alma já está cansada
Eu quero o sol que é de todos

Quero a vida que é de todos
Ou alcanço tudo o que eu quero
Ou gritarei a noite inteira
Como gritam os vulcões
Como gritam os vendavais
Como grita o mar
E nem a morte terá força
Para me fazer calar.

(In: *Quilombo*, p. 33-38)

Desse modo, Oliveira (1998, p. 208) afirma, “como a sua especialidade era a declamação, Nair Araújo sabia fazer desse gênero uma autêntica obra de arte como poucos conseguiram na sua época”. A fim de enriquecer essa análise, é fundamental incorporar um trecho da entrevista de Teda Pelegrini, que foi colega de Nair Araújo na ACN. Sua perspectiva oferece um testemunho valioso sobre a atuação de Araújo no cenário cultural paulistano.

“Conheci a ACN através de um anúncio de jornal, não lembro se foi na Folha de São Paulo ou em outro jornal, mas acredito que seja na folha mesmo. O anúncio me chamou muito atenção porque falava de reuniões com pessoas negras e nunca tinha visto falar nisso antes.

Eu muito curiosa fui lá conhecer. Chegando lá, pra minha surpresa, eu começo a namorar meu marido que já era membro da ACN. Não chego a me tornar amiga de Nair Araújo, mas nossa relação é bem próxima. Que mulher encantadora e dona de uma inteligência fora do comum. Era lindo de ver a Nair declamando o poema *TEM GENTE COM FOME* de Solano Trindade” (TEDA PELEGRINI, 2022).

IMAGEM 24- TEDA PELEGRINI



Fonte - <https://doisdobrasil.com/lideres-mundiais/conselho-de-notaveis/>

Da mesma forma, vale ressaltar que o poema *Tem Gente com Fome*, de Solano Trindade, expõe de maneira contundente a desigualdade social e a miséria enfrentada pela população brasileira da época. Por intermédio de uma linguagem direta e repetitiva, o poeta dá voz às camadas mais pobres da sociedade.

Em última análise, Nascimento cita Oswaldo de Camargo (2023), que destaca,

“O que Nair realizava era uma tarefa bastante sofisticada. Quando alguém declama uma poesia de peito cheio, em público, assume pelo menos duas obrigações; dizer bem as palavras para presentificar quem escreveu e apresenta a emoção que chega no corpo quando, fazendo uso da voz, vai se decifrando a angústia traçada no papel” (CAMARGO, 2023, p. 81).

TEM GENTE COM FOME

-Solano Trindade-

Trem sujo da Leopoldina
correndo, correndo
parece dizer
tem gente com fome
tem gente com fome
tem gente com fome

Piiiiiii

Estação de Caxias
de novo a dizer
de novo a correr
tem gente com fome
tem gente com fome
tem gente com fome

Vigário Geral
Lucas
Cordovil
Brás de Pina
Penha Circular
Estação da Penha

Olaria
Ramos
Bom Sucesso

Carlos Chagas
Triagem, Mauá

trem sujo da Leopoldina
correndo, correndo

parece dizer
tem gente com fome
tem gente com fome
tem gente com fome

Tantas caras tristes
querendo chegar
em algum destino
em algum lugar

Trem sujo da Leopoldina

parece dizer
tem gente com fome
tem gente com fome
tem gente com fome
dá de comer
se tem gente com fome
dá de comer

Mas o freio de ar
todo autoritário
manda o trem calar
Pisiuuuuuuuuu

"Tem gente com fome e outros poemas, Antologia Poética.

(Rio de Janeiro. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1988").

2.3 - NAIR THEODORO DE ARAÚJO E O PERÍODO DA DITADURA MILITAR

Desde a independência aos dias atuais, todo um pensamento e uma prática político-social, preocupados com a chamada questão nacional, têm procurado excluir a população negra de seus projetos de construção da nação brasileira (GONZALEZ, 2021, p. 94).

Discutir a situação das mulheres negras durante a Ditadura Militar no Brasil envolve inúmeros desafios permeados pelas desigualdades de gênero, raça e classe, sendo a principal dificuldade a escassez de referências específicas sobre o tema. Dessa maneira, reconhecer e informar essas lacunas é essencial, pois evidencia as complexidades nas pesquisas sobre a realidade das mulheres negras.

A Ditadura Militar no Brasil, que perdurou de 1964 a 1985, foi um período marcado por repressão política e violações de direitos humanos. O regime militar, instaurado após um golpe de Estado, restringiu liberdades civis e perseguiu opositores políticos, impactando

significativamente as formas de resistência e as experiências de diversos segmentos da sociedade, incluindo mulheres negras (LARA; SILVA, 2015).

O Período Militar no Brasil (1964-1985)

O regime militar no Brasil foi uma época marcada por autoritarismo, iniciada com a tomada de poder pelos militares em 31 de março de 1964, que resultou na queda do presidente João Goulart. Durante 21 anos, o país viveu sob censura, limitações políticas e perseguição a quem se opunha ao governo.

O Movimento de 1964

O golpe foi motivado pelo medo de que as propostas de Goulart, vistas como radicais, levassem o país ao comunismo. Com a saída de Jânio Quadros em 1961, Goulart assumiu, mas enfrentou forte oposição das Forças Armadas. Em 1964, após protestos e pressão militar, ele foi removido do cargo, e os militares tomaram o controle.

O Regime dos Militares

O governo militar implementou medidas que fortaleceram o poder central. Dois partidos foram permitidos: a Aliança Renovadora Nacional (Arena), alinhada ao regime, e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que representava a oposição, mas com atuação limitada.

A repressão foi severa, com órgãos como o Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI), atuando para identificar e punir dissidentes. Economicamente, o país cresceu durante o chamado "milagre econômico", mas a desigualdade social se agravou.

A Transição para a Democracia

A partir de 1974, sob o comando de Ernesto Geisel, o país começou a caminhar para a redemocratização. Em 1985, após a campanha "Diretas Já", Tancredo Neves foi escolhido de forma indireta, encerrando o período militar.

Líderes do Período Militar

- Castelo Branco (1964-1967): Estabeleceu o Sistema Nacional de Informações (SNI) e cortou laços com Cuba.

- Costa e Silva (1967-1969): Implementou o Ato Institucional Número Cinco (AI-5) e aumentou a repressão.
- Emílio Garrastazu Médici (1969-1974): Famoso pelo crescimento econômico e pela luta contra a guerrilha.
- Ernesto Geisel (1974-1979): Deu início à abertura política.
- João Figueiredo (1979-1985): Conduziu o país de volta à democracia.

A violência política perpetrada durante a Ditadura Militar não apenas intensificou, mas também aprofundou as desigualdades estruturais preexistentes na sociedade brasileira. A imposição de um regime autoritário e a repressão sistemática das liberdades civis contribuíram para a ampliação das disparidades sociais e econômicas. Nesse contexto, o golpe de 1964 procurou estabelecer uma “nova ordem” na sociedade brasileira. De acordo com Gonzalez (1983):

O golpe Militar de 1964 procurou estabelecer uma “nova ordem” na sociedade brasileira, já que, de acordo com aqueles que desencadearam, “o caos, a corrupção, e o comunismo” ameaçavam o país. Tratou-se, então, do estabelecimento de mudanças na economia mediante a criação do que foi chamado de um novo modelo econômico em substituição ao anterior. Mas para que isso se desse, os militares determinaram que fosse necessário impor a “pacificação “da sociedade civil. E a gente sabe o que significa esse termo, “pacificação”, sobretudo na história de povos como o nosso: silenciamento, a ferro e fogo, dos setores populares e sua representação política. Ou seja, quando se lê pacificação, entenda-se repressão” (GONZALEZ, 1983, p. 17).

Durante a ditadura militar no Brasil, o regime autoritário exacerbou as desigualdades estruturais que já existiam na sociedade, incluindo a exclusão das mulheres negras do mercado de trabalho formal. A repressão política e a censura impostas pelo governo não apenas silenciou a oposição, mas também intensificou as barreiras enfrentadas por essas mulheres.

Nesse período de repressão militar, Nair Araújo realizou alguns encontros, reunindo-se com pessoas negras em um espaço de resistência e reflexão sobre as condições da população negra no contexto sociopolítico e cultural da cidade de São Paulo. Tais encontros ocorriam na casa da família Herz e tornaram-se momentos importantes para discutir as desigualdades, as injustiças e os desafios enfrentados pela população negra sob o regime repressivo da época. Também fazia parte da pauta dessas reuniões, os eventos para o TEN-SP e a ACN.

Em um contexto em que a liberdade de expressão era severamente limitada e qualquer organização autônoma podia ser vista como uma ameaça ao regime militar que governava o país, as reuniões promovidas por Nair representaram um ato de coragem e fortalecimento coletivo, estimulando debates e promovendo a conscientização sobre os direitos e as lutas da comunidade negra.

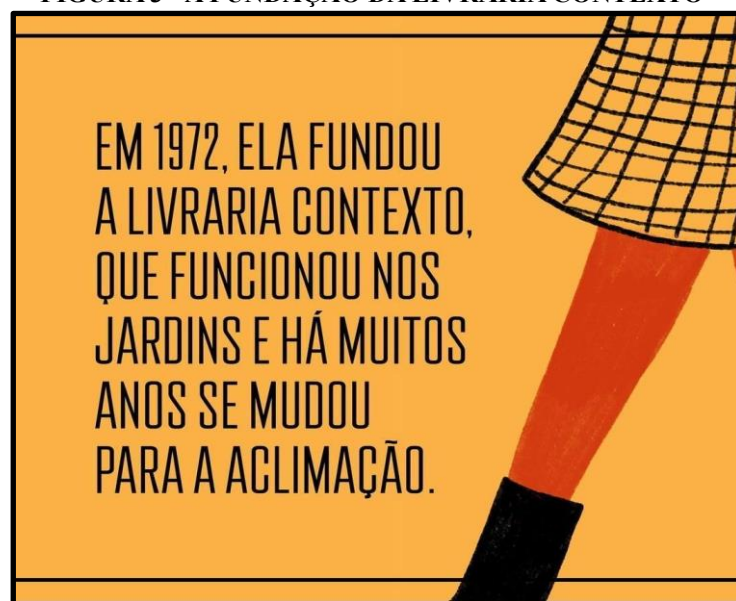
Os colegas de Nair eram artistas, poetas, intelectuais e um médico negro que, sempre que podia, participava das reuniões. Ele era uma incógnita para os HERZ porque eles não entendiam o porquê de um médico formado estar participando dessas reuniões, além de nunca terem visto um médico negro. Veladamente, o racismo permeava o olhar e entendimento dos padrões de Nair.

“Com o passar do tempo, a Nair formou um grupo de reflexão com intelectuais negros. Naqueles anos de liberdades controladas, em plena ditadura militar, havia a moda de formar grupos de reflexão, conscientização, análise de conjuntura etc. Com certa regularidade, ela reunia artistas e escritores em nossa casa. Participava desse grupo até um médico negro, algo raro ainda hoje no Brasil” (HERZ, 2017, p. 3).

O regime militar deixou cicatrizes profundas no Brasil, com violações de direitos e aumento da desigualdade. A redemocratização foi um processo crucial para restaurar a liberdade e a justiça no país.

2.4 - A FUNDAÇÃO DA LIVRARIA CONTEXTO

FIGURA 3 - A FUNDAÇÃO DA LIVRARIA CONTEXTO



Fonte: Podcast A Livreira Pioneira - Megafauna, SP, 14/8/2024.

Nair Araújo utilizou toda a sua experiência como atendente de balcão, leitora de livros para pré-vendas e lançamentos, responsável pela seleção e escolha dos títulos para a livraria Cultura da família Herz, em que adquiriu conhecimento na gestão de um espaço de literatura e cultura. Ressaltamos, portanto, seu papel como produtora e incentivadora da cultura negra e geral.

Ao inaugurar, em 1972, a livraria Contexto, localizada na Alameda Tietê, no bairro de Cerqueira César. Este bairro é conhecido por abrigar uma combinação de casas e prédios altos, bem como importantes pontos culturais e turísticos da cidade, incluindo a Avenida Paulista. Nessa região, é possível encontrar centros culturais, museus, teatros, cinemas e livrarias, sendo um verdadeiro centro de efervescência cultural de São Paulo.

Com o intuito de proporcionar um ambiente tradicional e acolhedor para os amantes da literatura, Nair Araújo, em parceria com dois sócios israelitas, fundou a Livraria Contexto. Após alguns anos de funcionamento, em 1977, a livraria mudou-se para a Rua Pires da Mota, no bairro da Aclimação, região central da cidade. Durante esse período, houve o rompimento da sociedade com os sócios.

Com uma programação cultural vibrante, a livraria Contexto passou a sediar lançamentos de livros, saraus, debates, palestras e apresentações artísticas, em parceria com várias instituições sociais e culturais da época, como a Associação Cultural do Negro (ACN). Nair Araújo, segundo depoimentos de pessoas que conviveram com ela neste lugar, acreditava na importância de promover a diversidade de vozes e perspectivas, oferecendo um espaço de diálogo e troca entre diferentes grupos sociais na sociedade. Seu compromisso com a inclusão racial, de acordo com quem a conheceu, permeia todas as atividades da livraria, buscando criar um ambiente acolhedor e inspirador para todos que a frequentavam.

As memórias narradas sobre as atividades realizadas na Livraria Contexto e a atuação de Nair Araújo como atriz no Teatro Experimental do Negro (TEN-SP), acompanhado das memórias de outras mulheres negras que viveram no período de repressão, mobilizam este capítulo. Essas imagens e memórias ajudam a conectar o passado, as experiências e os desafios enfrentados pelas mulheres negras durante a ditadura militar. Em um certo episódio na livraria Contexto, Nair vivenciava desafios que iam desde o machismo até o racismo, como, por exemplo:

[...] Quando minha mãe abriu a livraria, eu acho que foi uma coisa inusitada para uma mulher negra abrir a livraria. Uma vez, em Pinheiros, minha mãe estava limpando os vidros [da livraria]. Aí, uma mulher ali perto do Alto de Pinheiros, parou e falou: assim:

- “Nossa, como você limpa bem os vidros!

” Minha mãe respondeu: - “Eu gosto dos vidros bem limpinhos!”. Ela: “Você não quer ir trabalhar lá em casa?” Aí, minha mãe [ironicamente]: “Não vai dar, o meu patrão não vai querer”. “Mas eu pago o dobro dele...”

E aqui na loja, uma vez, ela estava aqui na loja, no balcão. Aí veio não sei quem, todo engravatado, branco. Ele falou assim: “O patrão está?” Aí, minha

mãe: “Não, neste horário ele não está”. “Que horas que ele volta?” Minha mãe: “Olha, eu acho que lá pelas 3, 4 da tarde.” O cara voltou. Aí, ele: “O patrão chegou?” Minha mãe: “Sou eu mesma”. Ele: “Por que não me falou?” Ela: “O senhor me perguntou o patrão. Sou eu (Martha Araújo, 2022).

A Livraria Contexto desempenhou um papel significativo, tornando-se um ponto de encontro e espaço para a expressão e preservação das narrativas de mulheres e homens, trabalhadores negros de diversas profissões, contribuindo para a construção de uma memória mais inclusiva e representativa da resistência durante o período militar.

2.5 A LIVRARIA COMO UM ESPAÇO DE AQUILOMBAMENTO SOCIOCULTURAL

FIGURA 4 - A LIVRARIA POLO AGREGADOR



Fonte: livraria Megafauna, Programa Livros no Centro - Podcast, 13/8/2023.

A livraria Contexto se destacou por ser um espaço sociocultural dedicado à circulação de obras produzidas e editadas por autores intelectuais negros, além de ser um ponto de encontro para discussões e eventos culturais promovidos por sua proprietária, que era uma mulher negra, ativista e defensora da cultura, da história, dos direitos e do reconhecimento das contribuições dos negros para a construção da sociedade brasileira (BRASIL, 2003).

Ela também tinha como objetivo a preservação da memória, da literatura e da identidade da comunidade negra que integrava a sociedade paulistana da época. Era evidente que no movimento da Nair estava presente o desejo de conquistar o direito de expressão, utilizando

suas vozes para contar suas próprias histórias através dos palcos, livros, músicas, declamações de poemas e saraus.

FIGURA 5 - MOVIMENTO NEGRO E COMUNIDADE JUDAICA



Fonte: livraria Megafauna, Programa Livros no Centro - Podcast, 13/8/2023.

Como um espaço de interação sociocultural, a livraria também agregava pessoas de nacionalidades e religiões diversas, sendo a própria Nair alguém que conhecia de perto as religiões de seus colegas. A diversidade era um fator que ampliava o acesso à livraria de clientes de outros bairros, além dos Jardins e Aclimação.

Por meio do quilombamento, que se refere à criação de espaços de resistência e autonomia pela população negra, inspiradas nos quilombos históricos. Os quilombos eram comunidades formadas por escravos fugitivos no Brasil colonial, que buscavam liberdade e viviam de forma autônoma.

No contexto contemporâneo, o quilombamento abrange iniciativas de auto-organização comunitária, movimentos culturais e educacionais que promovem a valorização da história, identidade e cultura negra, contribuindo para a luta contra o racismo estrutural e as desigualdades sociopolítico-culturais (NASCIMENTO, 2006).

Diante do exposto, a maneira como a Nair realizava suas reuniões pode ser caracterizada como quilombamento que acontecia na sala da casa da família Herz, em que ela recebia os seus companheiros negros para debater temas que envolviam tanto o Teatro como a Associação Cultural do Negro (ACN) e as desigualdades que permeavam a sociedade em relação a negros e brancos.

Os Herz deram autorização para ela receber os seus colegas e, semanalmente, fazer suas reuniões com questões que afetam diretamente a comunidade negra em São Paulo e também no exterior.

A relação da família Herz e Nair foi uma história marcada pelo senso comum e pela persistência de se acharem pessoas excepcionais. Ignorando fatos que estamos o tempo todo diante de tensões e movimentos, processos e capacidades de construções e transformações marcadas pela História.

Essa relação foi vista pela família de Pedro Herz como traição. Colaborou para que Nair e seus amigos negros se enxergassem de modo próprio, dentro de suas trajetórias no tempo e no espaço em que se encontravam inseridos.

A trajetória que se iniciava ali com a participação que chegava ser até assombrosa para a família Herz de contar com a presença de um médico negro em suas reuniões lutando e resistindo deveria ser silenciada porque essa luta, embora ancestral estava trazendo prejuízos para os negócios lucrativos da família branca, rica e do oriente médio.

FIGURA 6 - A LIVREIRA PIONEIRA



Fonte: livraria Megafauna, Programa Livros no Centro - Podcast, 13/8/2023.

CAPÍTULO III

LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO DOS REGISTROS SOBRE NAIR THEODORO DE ARAÚJO (NAIR ARAÚJO)

Este capítulo aborda todo o percurso realizado no levantamento bibliográfico dos materiais pesquisados, analisados e interpretados que fazem menção a Nair Theodoro de Araújo ou apenas Nair Araújo, como era conhecida no meio sociocultural. Constam os registros acadêmicos e não acadêmicos, como: teses de doutorado, dissertações de mestrado, capítulos de livros, artigos, sua participação no Teatro Experimental do Negro de São Paulo (TEN-SP), na Associação Cultural do Negro em São Paulo (ACN), blogs, enciclopédias, noveleta, notas de rodapé e podcast.

3.1- O MAPEAMENTO DAS PUBLICAÇÕES QUE CITAM NAIR THEODORO DE ARAÚJO

As consultas bibliográficas foram realizadas em sites de blogs, enciclopédias, podcast, livros, artigos e no Portal de Periódicos da CAPES, no Banco de Teses e Dissertações da mesma instituição, além do Google Acadêmico.

Fonseca (2002) afirma que a:

“Pesquisa Bibliográfica é realizada a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta” (FONSECA, 2002, p. 32).

Dessa maneira, a revisão de literatura (ou revisão narrativa) é sempre recomendada para o levantamento da produção científica disponível e para a (re)construção de redes de pensamentos e conceitos, que articulam saberes de diversas fontes na tentativa de trilhar caminhos na direção daquilo que se deseja conhecer.

TABELA 1 – PESQUISA S SOBRE NAIR T. ARAÚJO

Identificação dos Materiais	Quantidades
Tese	3
Dissertação	3
Artigo	13
Livro	6
Blog	2
Podcast	1
Noveleta	1
Enciclopédia	1
Total	30

Fonte: Elaborada pela autora, 2024.

Encontramos uma quantidade considerável de artigos, dissertações, teses e trabalhos publicados em Anais de eventos. No entanto, muitos deles apresentam informações de forma sucinta. As palavras-chave utilizadas, como *Nair Araujo*, *Nair Theodoro de Araújo*, *Nair Theodora*, *Nair Araújo*, *Nair e o TEN-SP*, *Nair Araújo e o teatro experimental do negro de São Paulo*, *Nair e a ACN*, *Nair Araújo e a Associação Cultural do Negro* e *Livraria Contexto*, não foram suficientes para aprofundar a análise sobre a trajetória e as contribuições dessa mulher negra no contexto sociocultural.

Além disso, esses textos frequentemente incluem notas de rodapé que, em sua maioria, oferecem apenas referências superficiais ou de caráter secundário, sem um aprofundamento adequado sobre a figura de Nair Araújo ou sobre a Livraria Contexto. A abordagem dos temas é limitada, oferecendo uma análise rasa e pouco significativa sobre a história e a relevância de suas contribuições. Esses trabalhos não exploram as complexidades de sua trajetória nem o impacto de sua atuação nas áreas cultural e social.

3.1.1 - QUADRO 1 - TESES E DISSERTAÇÕES QUE CITAM NAIR THEODORO DE ARAÚJO

Tipo	Autoria	Título	IES	Ano	Área	Categorias
Tese de doutorado	Maria Aparecida Oliveira Lopes	História e Memória do Negro em São Paulo: efemérides, símbolos e identidade (1945-1978)	UNESP	2007	História	História Memória Raça Símbolo Identidade Efemérides
Tese de doutorado	Mário Augusto Medeiros da Silva	A Descoberta do Insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil	UniCamp	2011	Sociologia	Raça Gênero Literatura
Tese de doutorado	Rosália de Oliveira Lemos	Do Estatuto da Igualdade Racial à Marcha das Mulheres Negras- 2015: uma análise das feministas negras brasileiras sobre políticas	UFF	2016	Serviço Social	Gênero Raça
Dissertação de mestrado	Cristina Gamino Gomes Tonial	Narrativas Autobiográficas de Maria Helena Vargas da Silveira no Livro “É fogo!”: docência, representações de gênero e raça e pedagogias culturais	ULBRA	2019	Educação	Narrativas Autobiográficas Docência Gênero Raça Pedagogias Culturais
Dissertação de mestrado	Angélica Azeredo Garcia Caporal	Pedagogia Decolonial Aplicada ao Movimento de Mulheres Negras: um estudo sobre a ampliação da participação social e luta por direitos na intersecção de raça e gênero	UNESC	2020	Direito	Gênero Raça Pedagogia Participação Social Direitos
Dissertação de mestrado	Jéssica Gomes do Nascimento	“OLAEGBÉKIZOMBA” festas, dramaturgias e teatros negros na cidade de São Paulo	PUC-SP	2022	História	Arte Teatral

Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados coletados, 2024.

3.1.2- BREVE RESUMO DAS TESES E DISSERTAÇÕES MAPEADAS QUE CITAM NAIR THEODORO DE ARAÚJO

Título - História e Memória do Negro em São Paulo: efemérides, símbolos e identidade (1945-1978). (2007)

Este trabalho analisa as efemérides e os símbolos da história do negro nos discursos da imprensa e dos ativistas. Esta abordagem propicia o entendimento da participação de alguns setores da sociedade na formação das identidades negras, discute as representações culturais e sociais expressas nas memórias da escravidão, bem como suscita reflexões referentes às relações raciais na segunda metade do século XX em São Paulo.

Título - A Descoberta do Insólito: Literatura Negra e Literatura Periférica no Brasil (2011)

Discute-se, centralmente, a produção recente de escritores auto identificados negros e periféricos, bem como seus livros, por vezes, relacionados às ideias de Literatura Negra e Periférica. Selecionaram-se, entre 1960 e 2000, Carolina Maria de Jesus (Quarto de Despejo, 1960; Casa de Alvenaria, 1961), Cadernos Negros (1978-2008), Paulo Lins (Cidade de Deus, 1997) e Ferréz (Capão Pecado, 2000). Autores e obras permitem aproximações acerca de suas trajetórias pessoais e literárias, aspectos das discussões empreendidas no sistema literário, bem como dos problemas envolvidos nas definições do que sejam Literatura Negra e Literatura Periférica.

Título - Do Estatuto da Igualdade Racial à Marcha das Mulheres Negras-2015: uma análise das feministas negras brasileiras sobre políticas (2016).

Esta tese investiga o ativismo e o protagonismo social e político das feministas negras brasileiras estabelecendo como ponte para a análise, o Estatuto da Igualdade Racial e a organização da Marcha das Mulheres Negras 2015 contra o Racismo, a Violência e Pelo Bem Viver. Esta pesquisa é uma fração do meu ativismo acadêmico e sociopolítico, nos estudos de gênero, relações raciais e educação. Tem como meta o registro histórico de exemplos de autodeterminação e colaborar na ampliação de referenciais teóricos sobre mulheres negras e sobre os feminismos negros, para maior visibilidade desta temática e assuntos relacionados na Academia. Na introdução, tecerei considerações sobre as motivações para a pesquisa. Os estudos de Silva (2005):

[...] vão resgatar as primeiras reflexões sobre a especificidade das mulheres negras a partir do olhar das escritoras negras entre 1945 e 1964, dando luz ao protagonismo do Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina. A autora faz a análise das ações políticas de Maria de Lourdes Nascimento, Nair Theodoro de

Araújo e Antonieta de Barros, que já naquela época escreviam sobre a interseção de raça e gênero realizando, assim, uma epistemologia feminista negra, ampliou as fronteiras do aspecto só racial, para situar as mulheres negras em diferentes zonas de confluências de opressão, como as moradoras das áreas territoriais discriminadas.

Título - Narrativas Autobiográficas de Maria Helena Vargas da Silveira no livro “é fogo!”: docência, representações de gênero e raça e pedagogias culturais (2019)

Esta dissertação tem como tema as narrativas autobiográficas da professora e escritora negra Maria Helena Vargas da Silveira no seu primeiro livro, “É Fogo”. O objetivo central do estudo é analisar e problematizar as narrativas autobiográficas de Maria Helena Vargas da Silveira, examinando os processos de construção de sua identidade, articulado às suas experiências de docência, às representações de gênero e raça que atravessam as suas narrativas e aos ensinamentos ou pedagogias culturais que suas narrativas produzem e disseminam. A abordagem teórica que adoto é a do campo dos Estudos Culturais em Educação, Pedagogias Culturais. Também empreendi algumas discussões sobre a interseccionalidade de gênero e raça. Em termos metodológicos, trata-se de uma pesquisa qualitativa e de uma análise cultural das narrativas autobiográficas de Maria Helena em seu livro “É Fogo!”

Título - Pedagogia decolonial aplicada ao movimento de mulheres negras: um estudo sobre a ampliação da participação social e luta por direitos na intersecção de raça e gênero. (2020)

Embora com a redemocratização do Brasil em 1988, tenha havido um fortalecimento dos movimentos sociais, e ampliação dos instrumentos de participação democrática, os avanços promovidos pelo movimento de mulheres negras elas ainda possuem dificuldades para alçar à categoria de “sujeitas” políticas, o que muitas vezes acontece como forma de mantê-las em seus locais de subalternidade. Neste sentido, a pesquisa tem como objetivo geral verificar como a pedagogia decolonial aplicada aos movimentos de mulheres negras amplia a participação social na luta por direitos na intersecção com a raça e o gênero no Brasil. O problema de pesquisa se relaciona com o objetivo geral e consiste em verificar como a pedagogia decolonial aplicada aos movimentos de mulheres negras amplia a participação social na luta por direitos na intersecção com a raça e o gênero no Brasil?

Título – “Olaegbékizomba”: festas, dramaturgias e teatros negros em São Paulo (2022)

A partir do gesto coletivo e do passo pessoal, esta dissertação percorre memórias, confluências e insurgências dos Teatros Negros na cidade de São Paulo. A pesquisa flagra a

imaginação dramatúrgica como fonte para contar caminhos que foram mobilizados pela arte para a convivência no espaço comum da metrópole paulistana. O trabalho comenta memórias e insurgências poéticas da Cia Negra de Revistas (1926-1927), Teatro do Sentenciado (1942-1944), Teatro Experimental do Negro Paulista (1944-1965), CECAN (1972-1974), Capulanas Cia de arte Negra (2013) e Carcaça de Poéticas Negras (2017), e relembra o trabalho de atuentes como: De Chocolat, Augusto Stuart, Armando Valdomiro, Abdias do Nascimento, Geraldo Campos de Oliveira, Tereza Santos, Eduardo de Oliveira e Oliveira, Cidinha da Silva e Jonny Salaberg.

COMENTÁRIOS

As teses de Lopes (2007), Silva (2011) e Lemos (2016) abordam a trajetória de Nair Araújo sob diferentes perspectivas, mas convergem na valorização de sua importância como atriz, militante política e cultural com voz da resistência negra. Lopes (2007) foca em sua ascensão no teatro, destacando a transformação de Nair em uma autodidata e a luta contra a marginalização da cultura negra nas Artes brasileiras, enfatizando sua trajetória de superação e autoformação. Já Silva (2011) expande essa análise, mergulhando nas dimensões socioculturais da sua atuação, não apenas no teatro, mas também na construção de um legado de resistência e emancipação cultural, incorporando relatos de pessoas próximas e materiais que ilustram a profundidade de sua contribuição tanto no TEN-SP como na ACN. Lemos (2016) analisa as ações políticas das mulheres negras, Maria de Lurdes Nascimento, Nair Theodoro de Araújo e Antonieta de Barros, afirmando que essas mulheres escreviam sobre a interseção entre raça e gênero, cada uma a sua época. Dessa forma, elas realizaram uma ampliação das fronteiras sobre a questão racial.

Enquanto Lopes (2007) e Silva (2011) apresentam uma análise mais detalhada e pessoal sobre a trajetória de Nair, com ênfase em sua ação política e artística, Lemos (2016) aprofunda a análise de sua resistência cultural e racial. Além disso, todas essas perspectivas são ampliadas pelo trabalho de Nair como fundadora da Livraria Contexto, um espaço importante para a promoção da literatura negra e da reflexão sobre questões raciais, que também se inserem no legado cultural que ela construiu ao longo de sua vida.

No entanto, todas essas abordagens se complementam, revelando a importância de Nair Araújo como uma figura central na luta por igualdade racial e pelo reconhecimento da cultura negra na cidade de São Paulo, seja no teatro, na militância ou na construção de uma consciência feminista e antirracista.

Sabe-se que Nair não saiu da cidade de São Paulo e todo o seu movimento ficou entre 3 a 5 bairros da cidade, porém mesmo transitando por uma cartografia restrita, ela conseguiu realizar muitas ações que impactaram e impactam a vida de algumas personalidades que seguem vivas. Temos conhecimento de que alguns poetas ainda recebem reconhecimentos sociais por conhecerem a Nair e são convidados para eventos e participações em Podcast para contarem um pouco sobre a trajetória dela entre o período de 1950-1970.

Por sua vez, Caporal (2020) contextualiza Nair Araújo em um movimento maior, ressaltando seu papel no feminismo negro, particularmente entre os anos de 1945 a 1964, e sua contribuição para a construção de uma consciência racial e feminista no contexto paulistano. Caporal (2020) coloca sua atuação dentro de um contexto mais amplo, focando no impacto coletivo das mulheres negras da época.

Tonial (2019) destaca as importantes contribuições femininas de Sebastiana Vieira e Nair Theodoro de Araújo na produção e organização de atividades culturais promovidas pela Associação Cultural do Negro (ACN). Ambas, segundo a autora, foram fundamentais no fortalecimento das artes negras paulistanas, especialmente em iniciativas como apresentações de poesia, teatro e música, que tinham como objetivo não só fomentar o orgulho negro, mas também conscientizar a população sobre a importância da preservação e valorização da cultura afro-brasileira. Tonial também destaca que uma das principais realizações da ACN foi a publicação do jornal "O Mutirão" no qual foram editados os Cadernos de Cultura.

Já a autora Nascimento (2022), em sua dissertação, enfatiza que Nair Araújo se destacou no Teatro Experimental do Negro (TEN-SP), especialmente por sua interpretação dos textos de Solano Trindade. Segundo o jornal O Estado de S. Paulo (4 de setembro de 1960, p. 13), Nair Araújo se tornou uma figura central no TEN-SP, reforçando sua relevância no cenário teatral e cultural negro paulistano.

3.2 – QUADRO 2 - DOS ARTIGOS E LIVROS QUE CITAM NAIR THEODORO DE ARAÚJO

Modalidade	Autoria	Título	Fonte	Ano	Área	Categoria
Artigo	J.C. F.F.	Poesia Negra e Declamadores (p.4) - A Respeito... (p.7)	Revista NIGER Nº 1, Imprensa Negra Paulista.	1960	Literatura Negra	Raça Literatura
Livro	Oswaldo Camargo	O Negro Escrito	Secretaria de Estado da Cultura, Assessoria de Cultura Afro-Brasileira	1987	Literatura Afro-Brasileira	Raça Literatura
Livro	Eduardo Oliveira	Quem é quem na negritude	Congresso Nacional Afro-Brasileiro (CNAB)	1988	Cultura	Raça Literatura
Livro	José Correia Leite; Cuti	E disse o velho militante José Correia Leite	Secretaria Municipal de Cultura, de São Paulo	1992	Teatro	Gênero Teatro Cultura Raça
Artigo	Joselina da Silva	Feministas negras entre 1945 e 1964: o protagonismo do Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina	Revista Fazendo Gênero	2005	Gênero	Gênero Temporalidade
Artigo	Joselina da Silva	Vozes Soantes no Rio de Janeiro, São Paulo e Florianópolis: mulheres negras no Pós 1945.	Revista da ABPN	2010	Cultura	Gênero Raça

Artigo	Elizabeth R. Azevedo	Jorge Andrade: uma polêmica	Revista Pitágoras 500	2012	Cultura Teatral	Cultura
Livro	Nei Lopes	Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana	Selo Negro - Grupo Summus	2014	Cultura Africana e Afro-Descendente	Cultura Africana e Afro-Descendente
Livro	Pedro Herz	O livreiro	Editorial Planeta	2017	Biografia	Cultura Livraria
Artigo	Petrônio Domingues	Em Defesa da Humanidade”: A Associação Cultural do Negro	Revista de Ciências Sociais	2018	Cultura	Humanidade Cultura
Artigo	Alberto Pucheud	O grito como herança	Revista Cult	2020	Cultura	Cultura
Artigo	Ligia Fonseca Ferreira	Entrevista com Oswaldo de Camargo	Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana Ano XIII, nºXXIII	2020	Cultura Africana Ancestralidade	História da África e de Estudos da Diáspora Africana Literatura Cultura
Noveleta	Oswaldo de Camargo	Negro Disfarce	Editora Ciclo Contínuo	2020	Cultura Negra	Cultura Raça Romance
Artigo	Mário Augusto Medeiros da Silva	Carolina Maria de Jesus e o associativismo político cultural negro nos anos 1960	Literafro – Portal da Literatura Afro-Brasileira	2021	Cultura	Raça Gênero Literatura Cultura
Artigo	Cleber Santos Vieira	Clóvis Moura e a Fundação do IBEA - Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas	Revista da ABPN	2021	Estudos Africanistas	Movimento Negro

Artigo	Henrique Cunha Junior	Movimentos de Operários Negros	Revista Espaço Acadêmico	2021	Cultura	Raça Resistência Política
Artigo	Mário Augusto Medeiros da Silva	O Teatro Experimental do Negro de São Paulo, 1945 e 1966	Novos Estudos. CEBRAP	2022	Cultura Teatral	Teatro Experimental do Negro de São Paulo Cultura Gêneros Raça
Livro	Mário Augusto Medeiros da Silva	A Descoberta do Insólito: Literatura negra e literatura periférica (1960-2020)	Editora Sesc	2023	Cultura Negra e Periférica	Literaturas Negra e Periférica
Artigo	Lariane Casagrande Ronaldo de Oliveira Corrêa	Nair Theodora e Maria Mazzarelo Rodrigues: ausências e apagamentos na historiografia feminina negra e a prática editorial nos anos 1970-1980	Revista Arco e Design	2024	Cultura	Historiografia Feminina Negra
Artigo	Mário Augusto Medeiros da Silva	Livrarias Negras no Sudeste Brasileiro (1972-2018)	Revista de Ciências Sociais	2024	Livraria	Livraria Raça Cultura

Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados coletados, 2024.

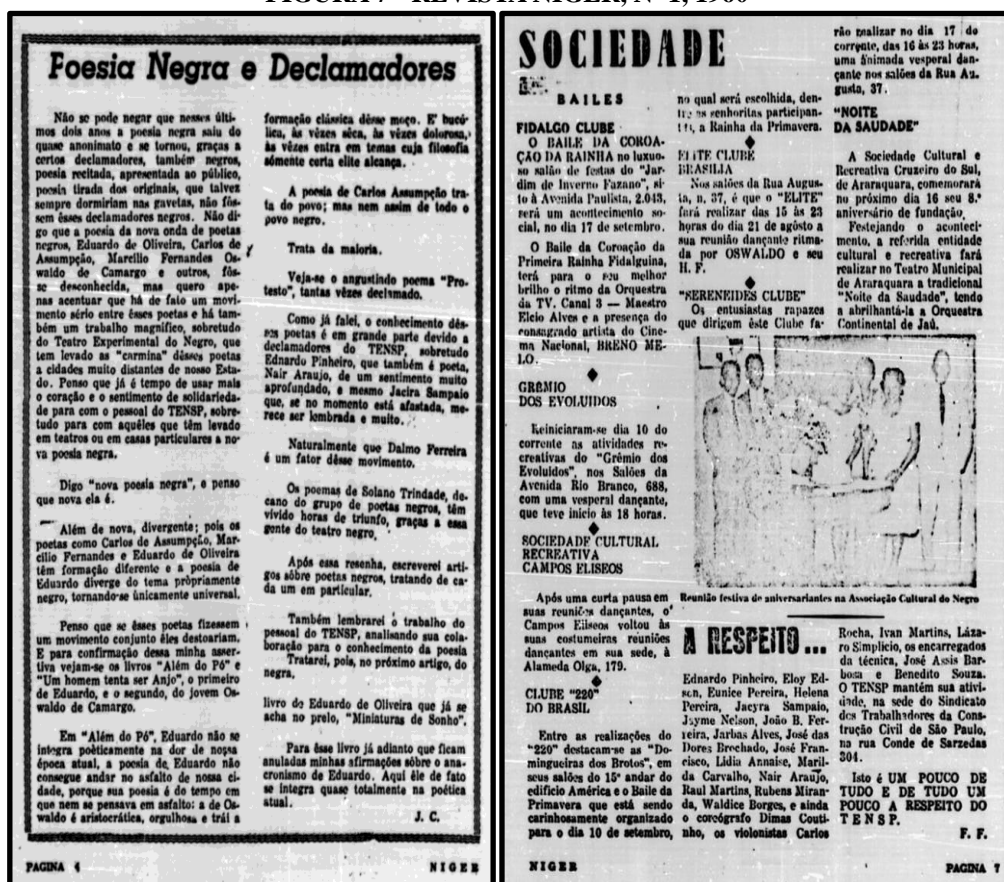
3.2.1 BREVE RESUMO DOS ARTIGOS E LIVROS MAPEADOS QUE CITAM NAIR THEODORO DE ARAÚJO

Título - **Poesia Negra e Declamadores** (p. 4) - **A Respeito...** (p. 7)

Não se pode negar que a nesses últimos dois anos a poesia negra saiu do quase anonimato e se tornou, graças a certos declamadores, também negros, poesia recitada, apresentada ao público, poesia tirada dos originais, que talvez sempre dormiriam nas gavetas, não fossem esses declamadores negros (J.C., 1960, p. 4).

Isto é UM POUCO DE TUDO E DE TUDO UM POUCO A RESPEITO DO TEN-SP (F.F., 1960, p. 7).

FIGURA 7 - REVISTA NIGER, Nº 1, 1960



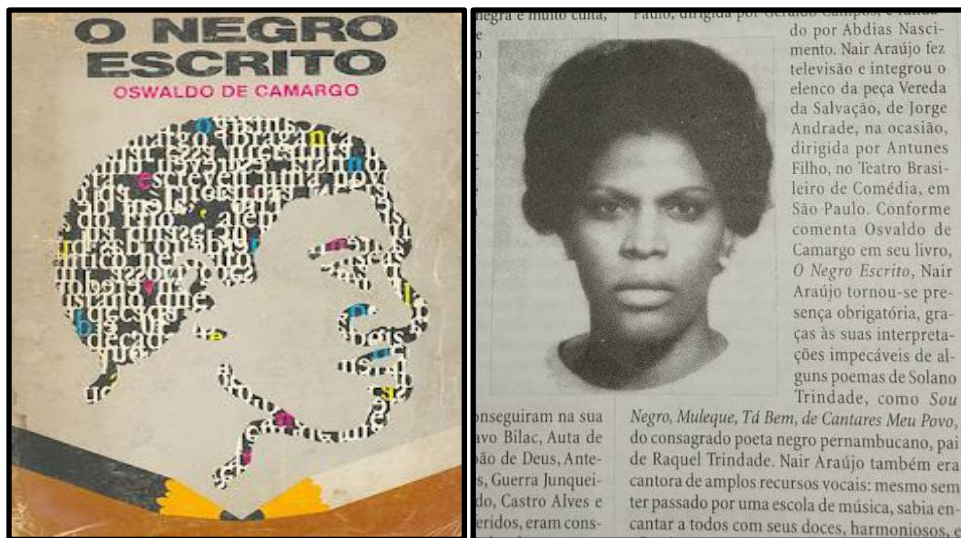
Fonte -. Imprensa Negra Paulista.

Título - O Negro Escrito: apontamentos sobre a presença do negro na literatura brasileira (1987)

O negro escrito é, sem sombras de dúvida, um livro indispensável a todos que desejam uma visão crítica do panorama histórico da literatura afro-brasileira: além de fornecer informações biográficas e apreciações críticas, proporciona um contato direto com o texto dos escritores desde a reprodução de alguns de seus poemas e/ou contos.

O negro escrito: apontamentos sobre a presença do negro na Literatura Brasileira, em cujo prefácio Paulo Colina ressalta a importância do trabalho do autor para a “depuração da bibliografia afro-brasileira”.

FIGURA 8 - O NEGRO GRITO E NAIR



Fonte - Foto tirada pela pesquisadora.

Fonte imagem da p. 208, livro - Quem é quem na negritude brasileira, 1988.

Título - Quem é quem na negritude Brasileira (1988)

Quem é quem na Negritude Brasileira é um livro contendo biografias, entrevistas e depoimentos, publicados numa iniciativa do Congresso Nacional Afro-Brasileiro e que se constitui, no universo editorial moderno, em obra única e pioneira.

FIGURA 9 - LIVRO QUEM É QUEM NA NEGRITUDE BRASILEIRA, 1988.



Fonte - Capa e imagem da p. 208, livro Quem é quem na negritude brasileira, 1988.

Título - E disse o velho militante José Correia Leite (1992)

Este trabalho, sem sombra de dúvida, deverá ser leitura obrigatória a todos que militam no Movimento Negro, pois o mesmo é repleto de ações de milhares de figuras anônimas, sem a persistência dos quais seria impossível a nossa existência, o avanço contínuo das ideias e das

ações coletivas. Alguns militantes tiveram o privilégio de conviver com pessoas como o Sr. Correia Leite, Jayme de Aguiar (falecidos), Henrique Cunha, Aristides Barbosa e outros de uma geração que foi fundamental para este processo de politização.

FIGURA 10 - CAPA DO LIVRO DO CUTI



Fonte – Acervo da Autora

Título - Feministas Negras entre 1945 e 1964: o protagonismo do Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina (2005)

Inúmeras foram as manifestações da sociedade civil com o fim da ditadura do Estado Novo (Skidmore, 1982; Gohn, 1995). A segunda metade dos anos quarenta foi marcada por diferentes efemérides de âmbito nacional que influenciaram de forma direta a constituição do movimento social negro (Andrews, 1991/ Nascimento, 1982). É neste cenário que os nomes de várias mulheres tomam lugar de destaque, num ambiente de luta antirracista. Nosso exercício será de analisar três expressivas lideranças negras e suas demandas que se realizavam na intercessão entre o gênero e a raça, numa perspectiva de associar suas trajetórias à superação das desigualdades. São elas: Maria de Lourdes Nascimento, Nair Theodoro de Araújo e Antonieta de Barros.

Título - Vozes Soantes no Rio de Janeiro, São Paulo e Florianópolis: mulheres negras no Pós 1945 (2010)

Grandes eventos marcaram a segunda metade dos anos 1940 e foram influenciadores diretos da constituição do movimento social dos negros brasileiros, provocando o surgimento de novos grupos. É neste cenário que o nome de várias mulheres toma lugar de destaque. Nosso

intento, neste texto, é procurar analisar, parte do pensamento de três expressivas lideranças negras e suas demandas que se realizavam na intercessão entre o gênero e a raça, numa perspectiva de superação das desigualdades que se desenhavam naquela conjuntura: Maria de Lurdes Nascimento do Congresso Nacional de Mulheres Negras (RJ, 1950); Nair Theodora Araújo da Associação Cultural do Negro (SP, 1948) e Antonieta de Barros, deputada estadual negra (Florianópolis, 1951).

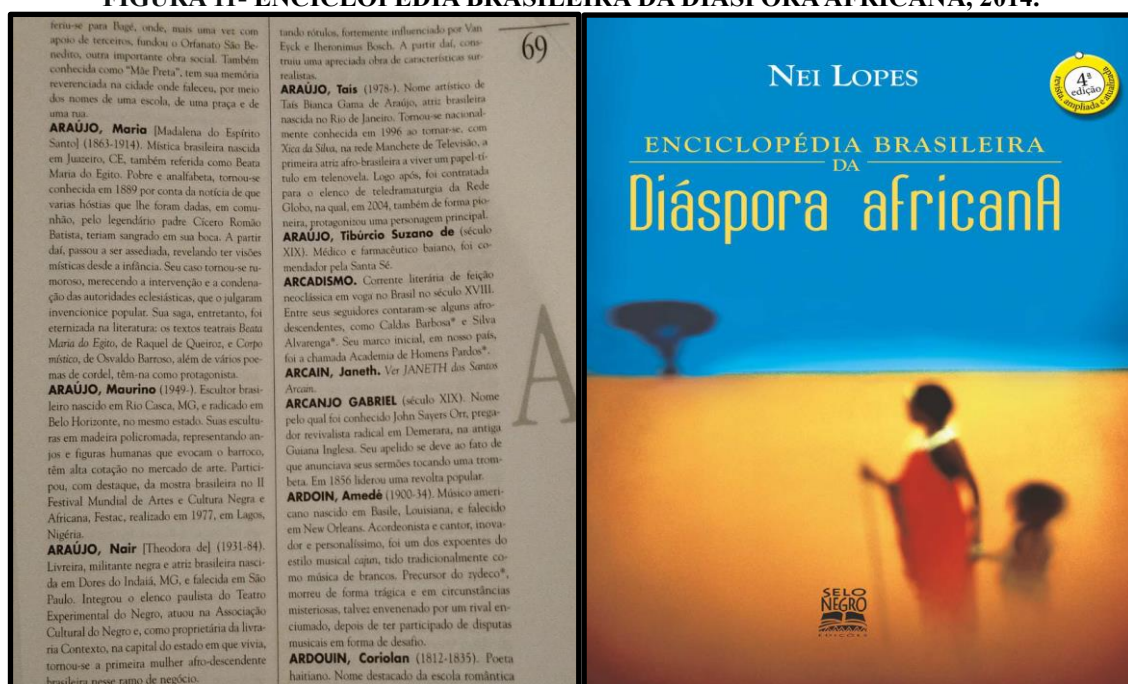
Título: Jorge Andrade: uma polêmica (2012)

Vereda da Salvação foi encenada pelo Teatro Brasileiro de Comédia entre 8 de julho de 1964 a 27 de agosto do mesmo ano, com sessões duplas em vários dias. De autoria de Jorge Andrade, teve como encenador Antunes Filho, assistido por Stênio Garcia, música de Damiano Cozzella, cenários e figurinos de Norman Westwater. O elenco contava com as presenças de: Raul Cortez (Joaquim), Cleyde Yáconis (Dolor), Renato Restier (Manoel), Esther Mellinger (Artuliana), Aracy Balabanian (Ana), Stênio Garcia (Geraldo), Sylvio Rocha (Onofre), Lélia Abramo (Durvalina), Anita Sbrana (Conceição), Ruth de Souza (Germana), José Antonio Sbrana (Pedro), Yola Maia (Daluz), Marta Helena Araújo Ferreira, Fiorella, Roberto Azevedo, Potyguar Lopes, Eugênio Nascimento, José Pereira, Leilah Assunção, Carmem Pascal, Therezinha Mello, Regina Célia Rodrigues e Nair Araújo.

Título - Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana (2014)

Obra que reúne, num único volume, uma significativa massa de informações multidisciplinares sobre o universo da cultura africana e afrodescendentes. Traz ao conhecimento de um público amplo assuntos até agora restritos a especialistas e de difícil acesso ao público leigo. Os verbetes, em ordem alfabética, abrangem uma vasta área de conhecimentos, incluindo personalidades, fatos históricos, países, religiões, fauna, flora, festas, instituições, idiomas, etc.

FIGURA 11- ENCICLOPÉDIA BRASILEIRA DA DIÁSPORA AFRICANA, 2014.

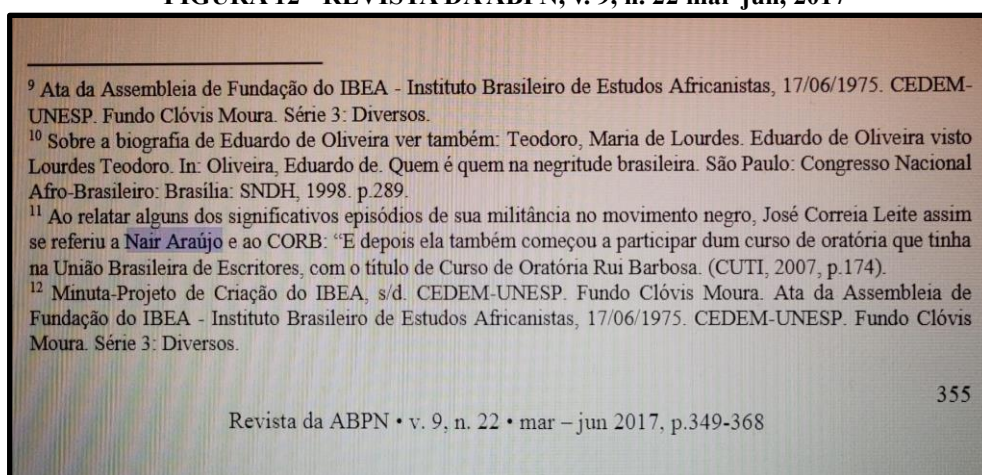


Fonte - Foto da p. 69 e capa tirada da enciclopédia, acervo da pesquisadora, 2014.

Título - **Clóvis Moura e a Fundação do IBEA** - Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas (2017)

O Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas (IBEA) foi criado em 1975 com o objetivo de pesquisar e debater os problemas do negro no Brasil. O artigo analisa sua fundação com ênfase no papel desempenhado pelo escritor Clóvis Moura, bem como destaca a contribuição decisiva de intelectuais e ativistas de diferentes instâncias, destacadamente do movimento negro, União Brasileira de Escritores (UBE) e organizações políticas de esquerda, principalmente os partidos comunistas. Neste artigo, o nome de Nair aparece na nota de rodapé n.º 11 da página 355.

FIGURA 12 - REVISTA DA ABPN, v. 9, n. 22 mar-jun, 2017

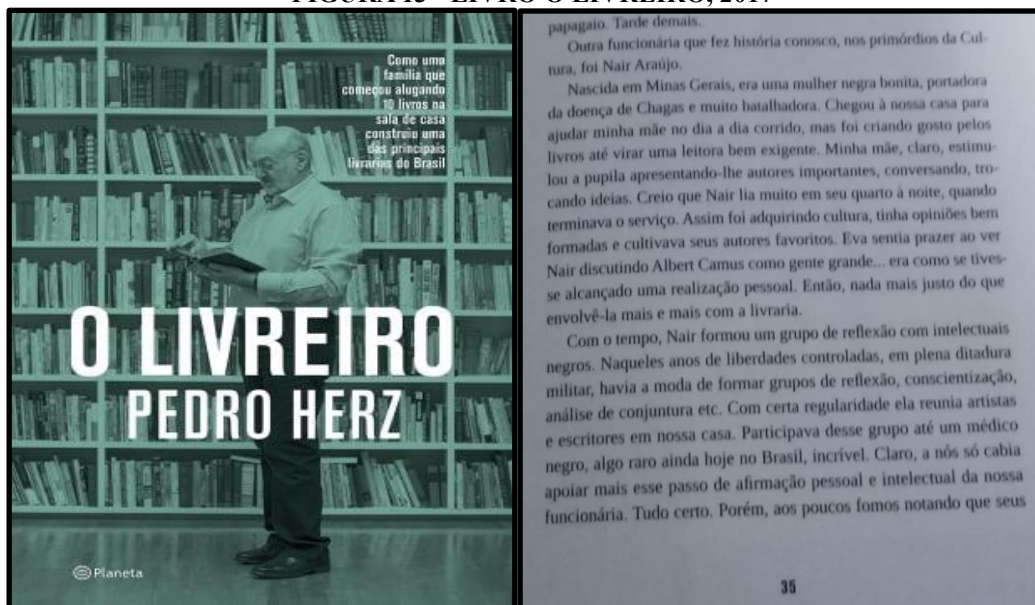


Fonte - <https://abpn.emnuvens.com.br/site/article/view/252/366>

Título - **O Livreiro** (2017)

Impulsionada pela necessidade de complementar a renda da família, Eva Herz – imigrante judia que veio para o Brasil fugindo da perseguição nazista – decidiu investir na compra de alguns best-sellers para alugar a seus compatriotas alemães em São Paulo. A engenhosa iniciativa deu origem, em 1947, à Biblioteca Circulante, que posteriormente se estabeleceria no cenário nacional como Livraria Cultura, marco artístico e cultural da cidade e referência quando o assunto é leitura. Em *O livreiro*, Pedro Herz, filho mais velho do casal Eva e Kurt Herz, faz um relato biográfico de como a família se firmou na nova cidade e, mais do que isso, fundou uma das principais livrarias do país.

FIGURA 13 - LIVRO O LIVREIRO, 2017

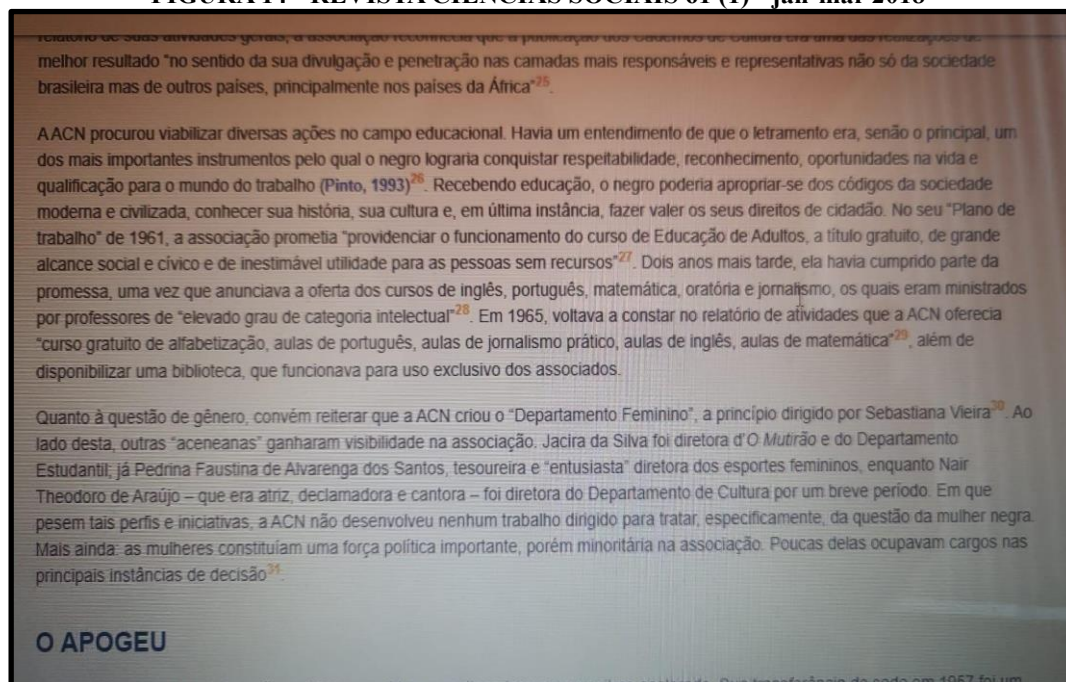


Fonte: Acervo da pesquisadora, 2024.

Título - **Em Defesa da Humanidade**”: A Associação Cultural do Negro (2018)

O objetivo deste artigo é analisar a trajetória histórica da Associação Cultural do Negro, fundada em São Paulo em 1954. Serão discutidas suas formas de organização, luta e interlocução na arena nacional e internacional. A agremiação é abordada especialmente à luz de seu papel na rede afro-atlântica, uma dinâmica de rede de conexões político-culturais na qual os africanos e seus descendentes do Mundo Atlântico estabeleceram contatos e interligações, trocaram informações e experiências, discutiram ideias e projetos emancipatórios, influenciando uns aos outros.

FIGURA 14 - REVISTA CIÊNCIAS SOCIAIS 61 (1) • jan-mar 2018



Fonte - Autor: Petronio Domingues.

Título - **O grito como herança** (2020)

Muitos refugiados políticos, muitos poetas e intelectuais passavam por ali. O meu encontro com o Nicolás Guillén eu acredito que tenha sido na Associação Cultural do Negro. Eu nunca o ouvi falar um poema. Mas gostei muito dele. Depois, adquiri um livro dele, gostei muito do *West Indies* e, por isso, decorei parte desse poema. Ele era formidável. O Léon Damas, grande poeta da Guiana Francesa, frequentou a ACN, mas a gente sempre se desencontrava, nunca deu certo conversar com ele. Uma outra que frequentava a Associação era a Ruth de Souza, que faleceu este ano. Ela vem do Teatro Experimental do Negro (TEN), ela, a Jacyra Sampaio... Muita gente queria declamar o "Protesto", mas é muito difícil, porque ele não segue uma linha. Passa de um assunto para outro, vai, vem, volta, fica difícil. Muita gente tinha medo de declamar o "Protesto". Quando eu estava lá, perto de mim, ninguém declamava, porque achavam que era uma usurpação. A Nair Araújo, uma das atrizes do Teatro Experimental do Negro, foi a melhor declamadora do poema "Protesto".

Título - **Entrevista com Oswaldo de Camargo** (2020)

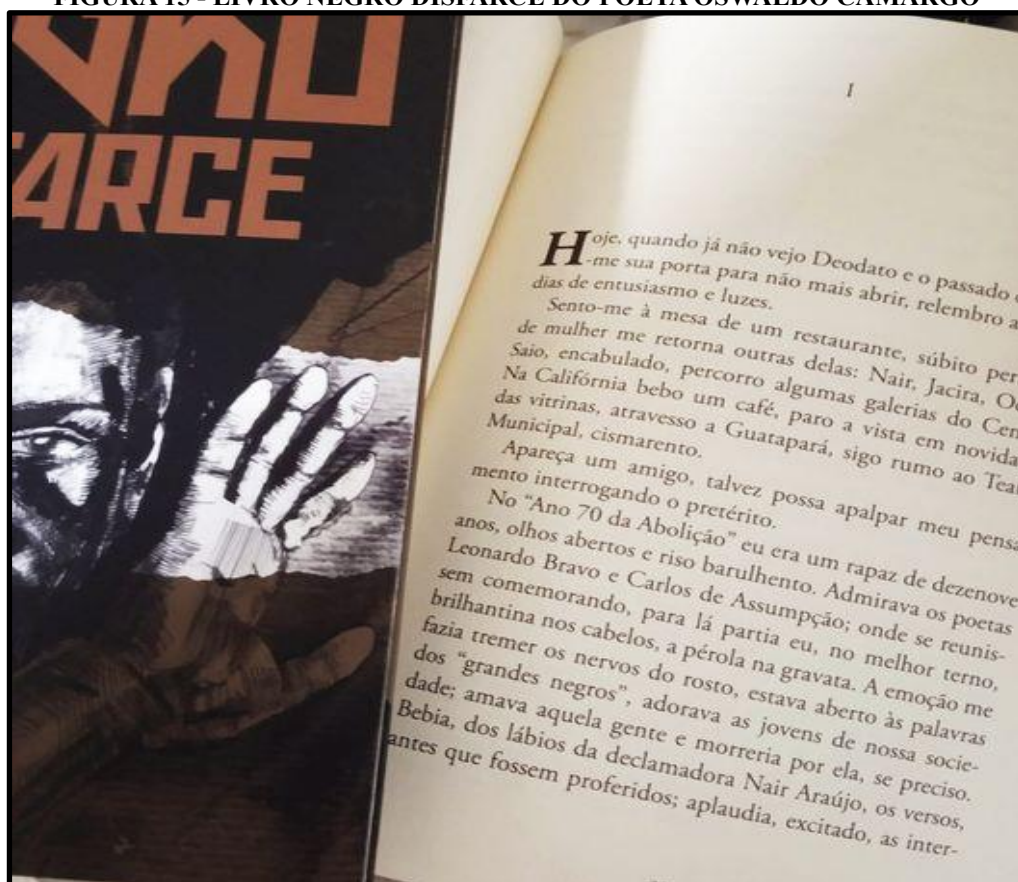
Em 1990, entrevistei, em dois momentos, o escritor Oswaldo de Camargo. Interessada nas formas enunciativas do "eu-negro", o objetivo era levantar dados e registrar a voz do escritor em evocações de períodos anteriores e posteriores à sua chegada a São Paulo,

onde se tornou uma referência e um elo entre gerações. Nesta entrevista inédita, que conta com a participação do poeta Paulo Colina, Camargo fala de sua formação, das associações negras, de crises existenciais, de “malungos” negros e brancos, de sua fé e do lugar de um escritor negro na literatura brasileira.

Título - **Negro Disfarce** (2020)

Em 2020, Camargo lançou a noveleta *Negro disfarce* para retratar o ano de 1958, especial para a ACN, pois comemorava o septuagésimo aniversário da abolição da escravatura, e trata das vivências iniciais de um jovem negro nessa Associação. O autor inova ao transgredir a autoficção, a partir de um jogo narrativo que explora a ambiguidade entre fato/ficção, autobiografia/imaginação, explorando a fragmentação de si em outros, reinventando a sua história em diferentes pontos de vista, tanto do narrador quanto de personagens, construindo, assim, uma alterficção negra. A estratégia narrativa da alterficção proporciona ao autor revisitar o seu passado, os anos iniciais como militante negro, poeta e jornalista, como reencenar os debates e as polêmicas na Associação Cultural do Negro.

FIGURA 15 - LIVRO NEGRO DISFARCE DO POETA OSWALDO CAMARGO

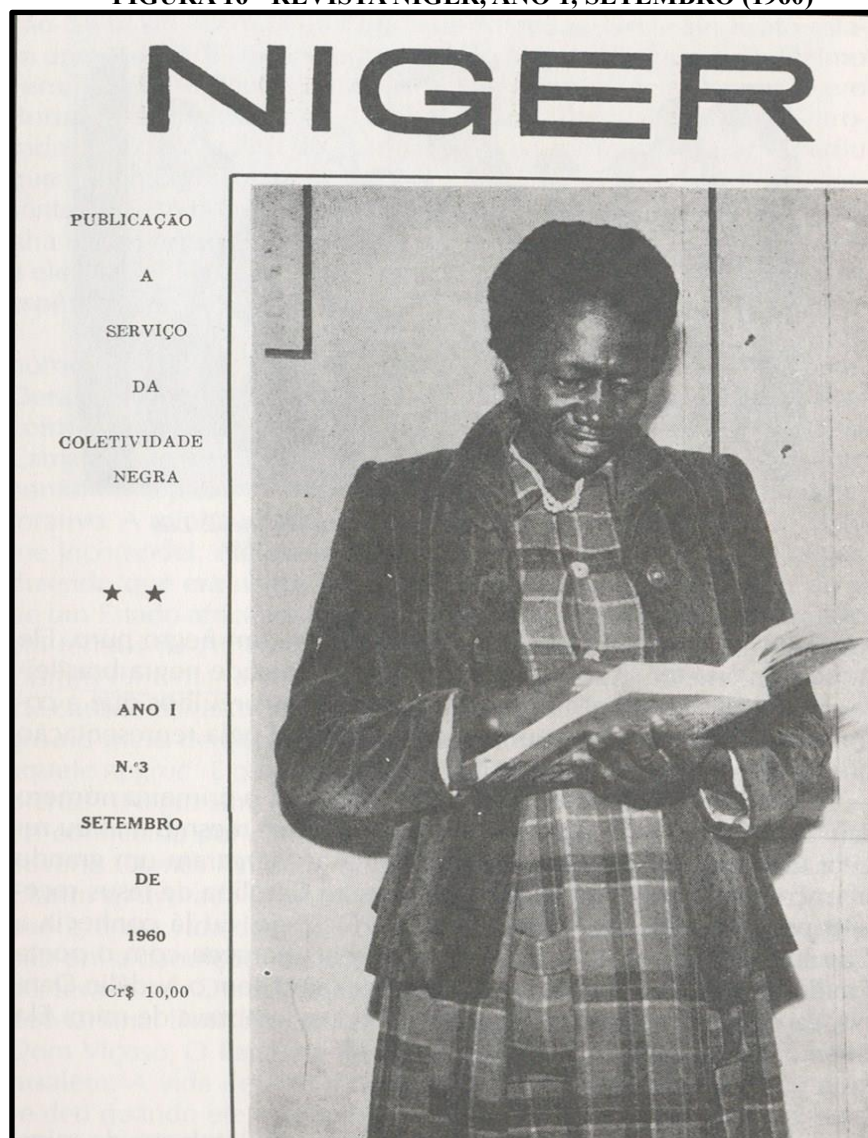


Fonte - fotografia tirada pela pesquisadora do livro *Negro Disfarce*, p.1.

Título - **Carolina Maria de Jesus e o associativismo político cultural negro nos anos 1960.**
(2021)

[...] Talvez ele quisesse dizer que todo autor negro deveria entrar nesse campo. Não. Entra quem vive, quem quer. Há outros campos muito poderosos da Literatura que não são exatamente de desmesura social. Porque, na verdade, a Carolina era desmesurada: ela estava fora de todo padrão. Mas você não precisa viver daquele jeito, para ser escritor. [...] Não altera nada a Literatura nossa. A Literatura continuou sendo feita pelos mesmos autores. As reuniões que nós fazíamos na década de 60, na casa da Nair Araújo membro do TEN-SP e do setor cultural da ACN e outros autores, na minha casa... ninguém pensou: “Ah, convida a Carolina para...”.

FIGURA 16 - REVISTA NIGER, ANO 1, SETEMBRO (1960)

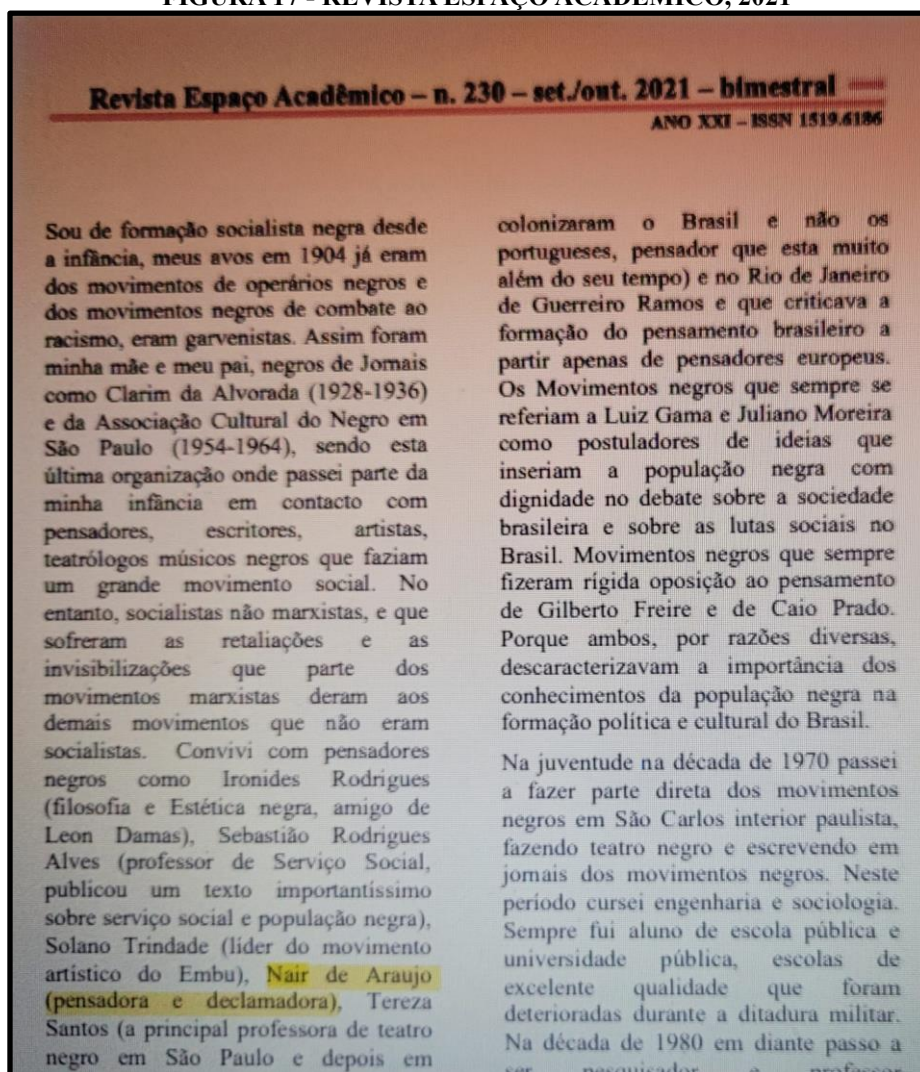


Fonte - Figura: Carolina Maria de Jesus em NIGER da ACN, setembro de 1960.

Título - Revista Espaço Acadêmico (2021)

Assim foram minha mãe e meu pai, negros de Jornais como Clarim da Alvorada (1928-1936) e da Associação Cultural do Negro em São Paulo (1954-1964), sendo esta última organização onde passei parte da minha infância em contacto com pensadores, escritores, artistas, teatrólogos músicos negros que faziam um grande movimento social. No entanto, socialistas não marxistas, e que sofreram as retaliações e as invisibilizações que parte dos movimentos marxistas deram aos demais movimentos que não eram socialistas. Convivi com pensadores negros como Ironides Rodrigues (filosofia e Estética negra, amigo de Leon Damas), Sebastião Rodrigues Alves (professor de Serviço Social, publicou um texto importantíssimo sobre serviço social e população negra), Solano Trindade (líder do movimento artístico do Embu), Nair de Araújo (pensadora e declamadora), Tereza Santos (a principal professora de teatro negro em São Paulo e depois em Angola). (Henrique Cunha Júnior).

FIGURA 17 - REVISTA ESPAÇO ACADÊMICO, 2021



Título - Movimentos de Operários Negros (2021)

Convivi com pensadores negros como Ironides Rodrigues (Filosofia e Estética Negra, amigo de Leon Damas), Sebastião Rodrigues Alves (Professor de Serviço Social, publicou um texto importantíssimo sobre Serviço Social e População Negra), Solano Trindade (Líder do Movimento Artístico do Embu), Nair de Araújo (Pensadora e Declamadora), Tereza Santos (a principal professora de teatro negro em São Paulo e depois em Angola). Também iam a nossa casa professores da USP como Florestan Fernandes e Otavio Ianni, que travavam grandes debates como os intelectuais negros que elegantemente discordavam das posições políticas e intelectuais destes.

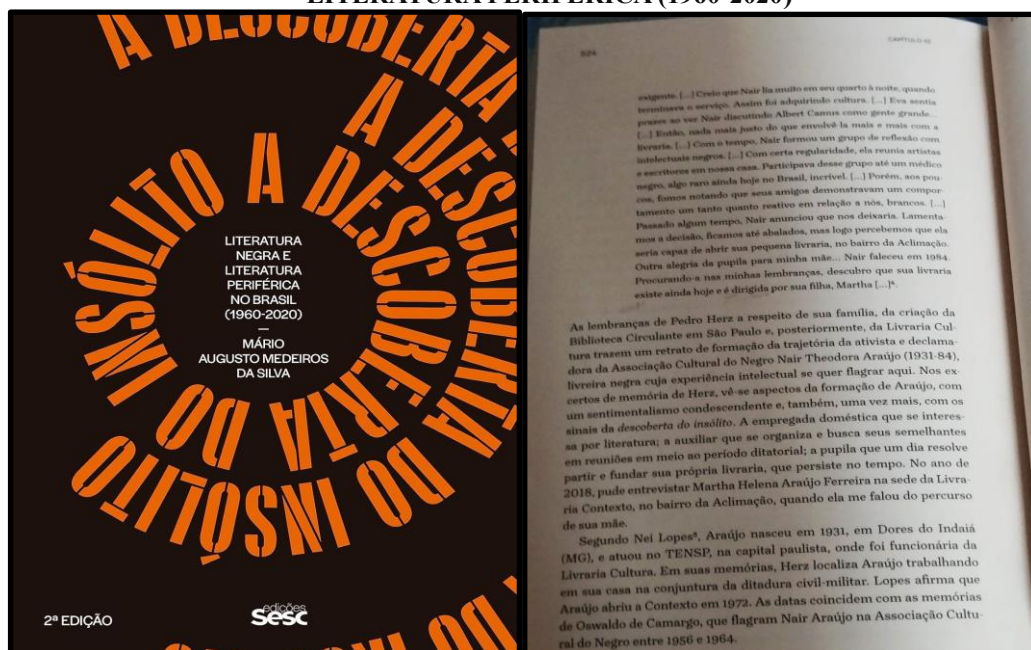
Título - O Teatro Experimental do Negro de São Paulo, 1945 e 1966 (2022)

Trato da experiência do Teatro Experimental do Negro de São Paulo, companhia teatral menos conhecida que o grupo no qual se inspirou, o Teatro Experimental do Negro do Rio de Janeiro, criado em 1944. Analiso a formação do grupo, propostas, parcerias e engajamentos antirracistas e anticolonialistas, assumidos entre 1945 e 1966. Acervos de jornais e bibliografia disponível sobre o tema foram as principais fontes de consulta e análise.

Título - A descoberta do insólito: Literatura negra e literatura periférica (1960-2020) (2023)

O percurso das literaturas negra e periférica a partir dos anos 1960 enfrentou questionamentos, barreiras, invisibilidade, oposição, pouca valoração. Mas, ao negarem o que sempre lhes fora naturalizado no senso comum e na história social do país, escritores, ativistas e intelectuais negros e periféricos escavaram com enfrentamento e resistência um espaço incontestável na história da literatura brasileira. Isso pode ser observado no reconhecimento que o presente, por fim, confere a nomes como Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Paulo Lins, Conceição Evaristo, Marcelo D'Saete, Oswaldo de Camargo, Sérgio Vaz, Kiusam de Oliveira, entre tantos outros – hoje celebrados, premiados e objetos de estudo. Nesta segunda edição, Mário Medeiros revisita a primeira edição de sua obra, de 2013, atualizando-a e ampliando-a com um novo capítulo, voltado à história das livrarias e das editoras dedicadas à literatura negra, e ressaltando o poder da literatura negra feminina no Brasil atualmente.

FIGURA 18 - A DESCOBERTA DO INSÓLITO: LITERATURA NEGRA E LITERATURA PERIFÉRICA (1960-2020)



Fonte - Acervo da pesquisadora, 2024.

Título - Nair Theodora e Maria Mazzarelo Rodrigues: ausências e apagamentos na historiografia feminina negra e a prática editorial nos anos 1970-1980. (2024)

O artigo analisa as trajetórias de Nair Theodora Araújo e Maria Mazarello Rodrigues, fundadoras da Livraria Contexto e Mazza Edições, respectivamente, destacando a participação feminina negra na prática editorial nos anos 1970-1980. Utilizando revisão assistemática da literatura e teóricos como Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez, o texto reflete sobre as ausências e apagamentos de gênero, raça e classe nas narrativas historiográficas, especialmente no contexto editorial. A pesquisa enfatiza a importância dessas fundações femininas negras na circulação de literatura e visualidades produzidas por pessoas negras.

Título - Livrarias Negras no Sudeste Brasileiro (1972-2018) (2024)

O artigo apresenta e analisa a história e as conexões de diferentes experiências de comércio livreiro em São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, entre 1972 e 2018, a saber: Livraria Contexto, Livraria Eboh, Livraria Griot, Sobá Livraria e Café, Kitabu Livraria Negra, Iná Livros, Livraria Africanidades. Especificamente, livrarias negras, de proprietárias negras e donos negros, que se dedicaram a fazer circular a literatura produzida e editada pela autoria negra e/ou africana. Por vezes, com conexões com associações e movimentos negros coetâneos. Considerando a escassez de pesquisas sobre este objeto específico, foi utilizado como método principal a entrevista estruturada com os sujeitos envolvidos na atividade, análise de fontes secundárias bem como o recurso a pesquisa em jornais, que se revelou bastante importante para

compreender alguns dos sentidos sociais atribuídos pelos comerciantes negros em sua atividade, seus alcances, conexões de sentidos e limites.

COMENTÁRIOS

Oliveira (1988) destaca, nesse livro, a trajetória de Nair Araújo em uma seção abrangente, que apresenta não só uma fotografia que eterniza sua imagem, mas também uma descrição detalhada de sua atuação em diversas frentes. Entre suas contribuições estão seu envolvimento com a Associação Cultural Negra (ACN), o Teatro Experimental do Negro de São Paulo (TEN-SP) e sua atividade como declamadora. A obra também fornece um panorama da Livraria Contexto, incluindo sua localização e a rotina de Nair nesse espaço, que desempenhou um papel relevante na valorização da cultura afro-paulista. Há ainda a menção de que a livraria permanece em atividade, agora sob os cuidados de sua filha, Martha Helena, perpetuando o legado de Nair e sua contribuição cultural. Esse livro é especialmente significativo para mim, pois representou meu primeiro contato com a memória e o legado de Nair Araújo.

Lopes (2014), na *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*, aborda a trajetória de personalidades importantes, como Nair Araújo, mas de maneira menos detalhada do que *Quem é Quem na Negritude Brasileira*, de Oliveira (1988). Enquanto a obra de Oliveira dedica uma seção extensa à vida e atuação de Nair Araújo, com uma análise mais aprofundada de sua contribuição cultural e social, a enciclopédia de Lopes apresenta um perfil mais conciso. A obra de Lopes oferece uma visão geral das contribuições de Nair, sem entrar em detalhes sobre seu envolvimento com o Teatro Experimental do Negro de São Paulo (TEN-SP), a Associação Cultural Negra (ACN) ou a Livraria Contexto, que são aspectos centrais na obra de Oliveira. Embora a enciclopédia de Lopes seja valiosa por reunir informações de forma acessível, ela não oferece o mesmo nível de profundidade e detalhamento que o trabalho de Oliveira, que explora de forma mais rica a relevância de Nair Araújo na cultura afro-paulistana.

Camargo, em *O Negro Escrito* (2007), adota uma abordagem mais pessoal ao tratar da participação de Nair Araújo na Associação Cultural do Negro (ACN). Sua visão é marcada por um tom subjetivo e introspectivo, resultando em uma descrição breve e menos detalhada em comparação com a análise minuciosa de Oliveira. No livro *Quem é Quem na Negritude Brasileira* (1988), Oliveira cita *O Negro Escrito*, reforçando a importância do trabalho de Camargo ao abordar a trajetória de figuras negras na literatura brasileira, mas oferecendo uma perspectiva mais abrangente e aprofundada sobre Nair e seu papel no cenário cultural.

Já no livro *Negro Disfarce* (2020), apresenta um pequeno verbete sobre Nair Araújo, oferecendo uma descrição breve e resumida de sua participação na Associação Cultural do Negro (ACN). Embora essa apresentação seja curta, ela contribui para ressaltar a relevância de Nair na história da ACN e na construção da cultura na cidade de São Paulo. A abordagem de Camargo é ainda mais sintética em comparação a outras obras, pois não se aprofunda nos aspectos que marcaram a trajetória de Nair, mas destaca, de forma concisa, sua importância no contexto da ACN e sua contribuição para o movimento negro.

No livro *O Livreiro* (2017), o autor destaca a participação de Nair Araújo, que desempenhou um papel importante na família Herz, inicialmente como empregada doméstica, e posteriormente como livreira, desde a época da Biblioteca Circulante até a consolidação da Livraria Cultura. Nair teve uma contribuição fundamental para o sucesso da livraria, sendo essencial para a organização e o crescimento do negócio. O livro também menciona as reuniões que ela realizava em sua casa, onde discutia temas com outros intelectuais negros, fomentando um ambiente de troca de ideias. Sua atuação, tanto como funcionária quanto como influente na construção do império da Livraria Cultura, foi decisiva para solidificar a posição da empresa no cenário cultural e literário de São Paulo.

Por sua vez, no livro *A Descoberta do Insólito* (2023), Silva dedica várias páginas à Livraria Contexto, fundada por Nair Araújo, detalhando a importância do espaço para a cena literária e cultural paulistana. A obra inclui passagens de entrevistas com pessoas que conviveram com Nair, revelando a influência que ela exerceu nas discussões literárias e culturais da época. A trajetória de Nair é analisada de forma profunda, com ênfase em sua contribuição essencial para a literatura negra brasileira, principalmente ao oferecer um espaço para a difusão de obras de autores negros em um período de grande repressão política e cultural. Além disso, Silva destaca o papel da Livraria Contexto como um ponto de encontro para intelectuais e ativistas, onde se construíam não apenas discursos literários, mas também estratégias de resistência à opressão racial e social no Brasil. A análise também abrange como o legado de Nair e sua livraria continua a moldar a literatura e a cultura negra na cidade de São Paulo.

Nos treze artigos analisados, é possível constatar a ausência de trabalhos inteiramente dedicados a Nair Araújo, sendo sua presença mencionada de maneira breve e resumida, muitas vezes em notas de rodapé ou como parte de um conjunto maior de discussões sobre outras personalidades históricas, especialmente mulheres negras. Nenhum dos artigos oferece uma abordagem aprofundada ou uma análise exclusiva sobre sua trajetória, ou contribuição para a

cena cultural e literária, o que limita significativamente a compreensão detalhada e contextualizada de sua importância. Essas referências, por mais valiosas que sejam, não possibilitam um estudo da complexidade de sua atuação, tampouco fornecem uma visão ampla de sua relevância no contexto sociocultural. Assim, a falta de um trabalho dedicado inteiramente a Nair Araújo, o que nos dificulta a construção de um panorama mais robusto e completo sobre seu legado.

Esses artigos, em sua maioria, a abordam de forma tangencial, muitas vezes como um nome que aparece em meio a uma discussão maior sobre a participação das mulheres negras em movimentos culturais sem aprofundar-se nas especificidades de sua atuação, como ocorreu com a fundação da Livraria Contexto ou seu envolvimento com a Associação Cultural Negra (ACN) e no TEN-SP. É possível perceber que, embora o nome de Nair Araújo figure com alguma frequência, sua presença nesses trabalhos parece ser mais simbólica ou pontual, sem um esforço para compreender a profundidade e a complexidade de sua atuação.

Em contrapartida, há uma série de artigos que discutem coletivamente a participação de mulheres negras, incluindo Nair Araújo, em contextos como a resistência cultural e política na época da ditadura militar, ou sua contribuição à literatura e à arte afro-brasileira. Esses textos oferecem uma visão mais ampla, mas nunca se dedicam de maneira exclusiva a Nair, muitas vezes, a mencionando como parte de um grupo de mulheres cuja atuação foi fundamental para a criação de espaços culturais negros em São Paulo. O que se observa é uma fragmentação das informações, que exige um esforço maior para compor o panorama completo de sua trajetória.

3.3 - QUADRO 3 - MATERIAIS AUDIOVISUAIS QUE CITAM NAIR THEODORO DE ARAÚJO

Modalidade	Autoria	Título	Fonte	Data	Área	Categorias
1. Blog	Cláudio Zeiger	Nair Araújo	https://meus-albuns.blogspot.com/search/label/Nair%20Araujo	19/5/2011	Cultura Livreira Teatral	Gênero Raça
2. Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira	Itaú Cultural	Veredas da Salvação Participação de Nair Araújo	http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa399045/nair-araujo	14/08/2019	Cultura Arte	Teatro

3. Blog	William S. Santos	Programa TUSP de Leituras Pública TENSF, o Teatro Experimental do Negro de São Paulo, no período entre 1945 e 1963.	http://www.usp.br/tusp/?portfolio=leituras-publicas-tusp-ciclo-xxiii-tensf/	4 de abril a 23 de maio de 2022	Teatro Cultura	Teatro Experimental do Negro de São Paulo Leitura
4. Podcast	Rita Palmeira	A Livreira Pioneira (Nair Theodoro de Araújo)	Livraria Megafauna https://open.spotify.com/episode/0N0hIsAfYGAybVH3sOjDI0?si=9ewt36KjQpmvntpTGJFf	14/8/2024	Cultura Audiovisual	Gênero Raça Cultura

Fonte - Elaborada pela autora com base nos dados coletados, em 2024.

3.3.1 BREVE RESUMO DOS MATERIAIS AUDIOVISUAIS QUE CITAM NAIR ARAÚJO

1. Título - **Nair Theodoro** - <https://meus-albuns.blogspot.com/search/label/Nair%20Araujo>

Claudio Zeiger relata o seu encontro com a amiga querida de longa data e demonstra o carinho e admiração que sentia por ela.

“A nossa história ficou interrompida por uns anos, depois desse primeiro contato, mas a lembrança permaneceu.

Fui reencontrar novamente a Nair em 1975, aos 25 anos, quando ela tinha acabado de sair da livraria Cultura para montar a sua própria, a Contexto, na região dos Jardins.

Eu sempre fui extremamente curioso, além de ser um rato de livrarias e de sebos de livros e discos. Lá estava essa mulher, que eu lembrava o rosto, mas não conseguia saber de onde.

Papo vai, papo vem, desvendamos o mistério. Era ela, a fada madrinha de nossa infância em pessoa. Ela tinha uma sócia, mas na verdade a alma da livraria era a Nair.

Ficamos conversando por horas e ela sabia exatamente quem eu era também pelo fato de eu ser gêmeo e ruivinho, o que ajudou muito na hora de refrescar a memória.

Lembro-me dela mostrando com todo carinho os livros e principalmente, algo do qual ela se orgulhava, que era a seção infantil”.

“Conheci a Nair quando eu tinha uns doze anos, indo com o meu irmão gêmeo Sergio comprar material na livraria Cultura, que ficava num sobradinho na Rua Augusta.

O ano era 1962. Subimos a escada que levava ao primeiro andar e entramos no espaço da loja, e me recordo de ter ficado meio perplexo diante de tanta coisa para ver.

De repente surgiu essa moça que veio em nossa direção para dar assistência. Com sua voz doce, começou a conversar de uma maneira cativante e que jamais nos esquecemos.

Além de perguntar o que queríamos, começou a nos mostrar livros e a falar sobre eles [...]” (CLAUDIO ZEIGER, quinta-feira, 19 de maio de 2011).

A Nair nos deixou em 1984 com 53 anos e eu estou hoje com 61. Através dela conheci pessoas maravilhosas como a sua irmã Nezinha, sua filha Martha, a Dra. Rebeca e outros amigos dela como o Renato, algumas personalidades ligadas à cultura como Estevão Maya Maya, Dr. José Correia Leite e Júlio Gouveia.

“A Nair estava engajada nos movimentos de emancipação do negro no Brasil e num universo espiritualista, que me cativava muito naquela época. Mas recordo com carinho as horas sem fim que ficávamos discutindo e filosofando sobre tudo isso e, dos lindos romances que ela me deu para ler e que guardo com todo o coração como parte dessa deliciosa lembrança que me faz chorar só de pensar” (CLAUDIO ZEIGER, quinta-feira, 19 de maio de 2011).

2. Título - **Veredas da Salvação - 08.07.1964** (2019)

Montagem de impacto do Teatro Brasileiro de Comédia (TBC) em sua fase nacionalista, dirigida por Antunes Filho (1929), com base em intenso trabalho de preparação dos atores, com exercícios específicos e laboratórios que visam a uma recriação naturalista de um ambiente rural tomado pela histeria religiosa.

3. Título - Programa TUSP de Leituras Pública - **TENSP, o Teatro Experimental do Negro de São Paulo, no período entre 1945 e 1963.** (2022)

Em sua 23^a. edição, o Programa TUSP de Leituras Públicas propõe, a cada ciclo, a leitura de peças teatrais pelos participantes, a partir de recortes temáticos e autores selecionados. Trata-se de uma experiência participativa de plateia que vai além do espectador pontual, buscando um público intergeracional que acompanha continuamente os ciclos. Desde seu início em 2009, o programa teve desdobramentos e parcerias diversas, nacionais e internacionais.

4. Podcast - Megafauna - Livros no Centro - **A Livreira Pioneira** - (2024)

<https://open.spotify.com/episode/0N0hIsAfYGAybVH3sOjDI0?si=9ewt36KjQpmvntpTGJFfog>

Nesse episódio intitulado “A Livreira Pioneira”, participam a filha da Nair, Martha e mais um amigo que fazem relatos interessantes sobre a vida agitada da Nair com lembranças

de passagens entre a Associação Cultural do Negro, o Teatro Experimental do Negro de São Paulo, a Livraria Contexto e os amigos intelectuais, artistas, poetas e músicos que ela tinha.

“A pioneira Nair Araújo fundou não apenas uma livraria – o que, por si só, já seria um grande feito. Ao criar a Livraria Contexto, ela também abriu as portas para intelectuais, escritores e artistas negros.

Dona de diversos predicados, Nair foi um elo entre os dois mundos. Sua história e a história da Contexto se misturam com a de importantes instituições do ativismo e do pensamento negro no Brasil nos anos 1950 a 1970.

E também com a comunidade judaica da mesma época. O que poderia parecer um encontro improvável é, na verdade, uma história de diversas formas de resistência” (Megafauna Livraria, 14 de agosto de 2024).

COMENTÁRIOS

Observamos que nos materiais pesquisados a presença de Nair esteve com maior relevância por realmente se tratar da história dela no contexto sociocultural da época. No Blogspot, o blogueiro Claudio Zeiger abre o texto com uma foto linda dela na cidade de São Paulo. Ele escreveu uma página completa contando sobre a alegria do reencontro com a amiga querida que lhe apresentou muitos livros interessantes, conversavam sobre Filosofia, Literatura e Esoterismo. Destacando a beleza, inteligência e engajamento político dela. Ele também afirma que a foto não faz jus a beleza da amiga.

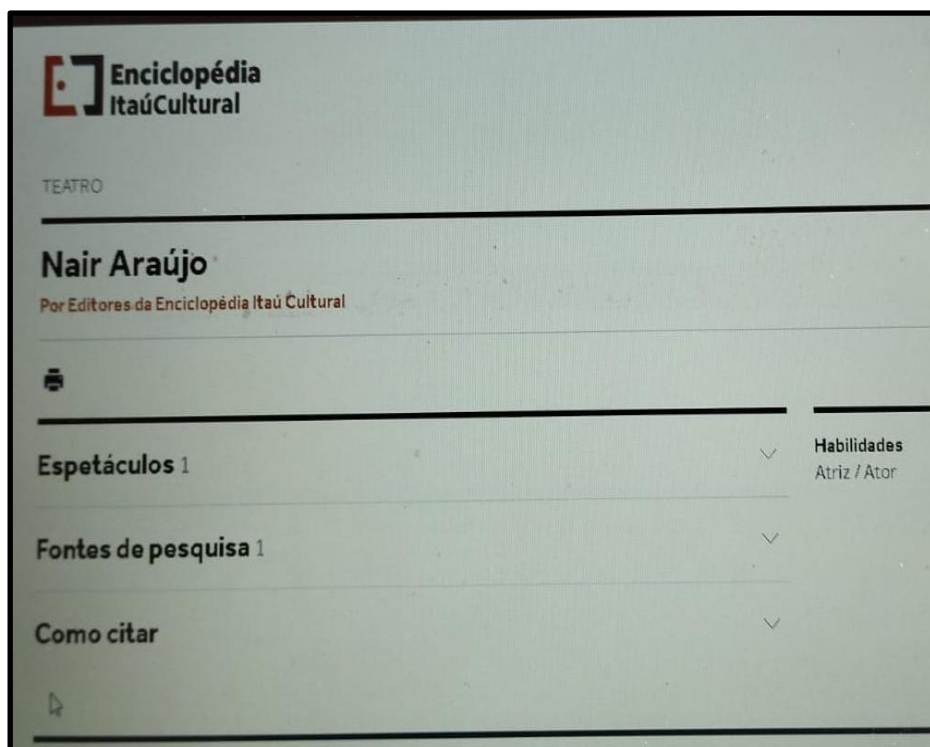
IMAGEM 25 - NAIR THEODORO DE ARAÚJO EM 1975



Fonte - <https://meus-albuns.blogspot.com//search/label/Nair%20Araujo>, 2011.

Já na **Enciclopédia Itaú Cultural**, o nome da Nair aparece como participante do elenco da peça *Veredas da Salvação*, porém como elenco de apoio e não encontramos seu registro na fotografia que consta no site.

**FIGURA 19- PÁGINA QUE REGISTRA A PARTICIPAÇÃO
DA ATRIZ NAIR ARAÚJO**



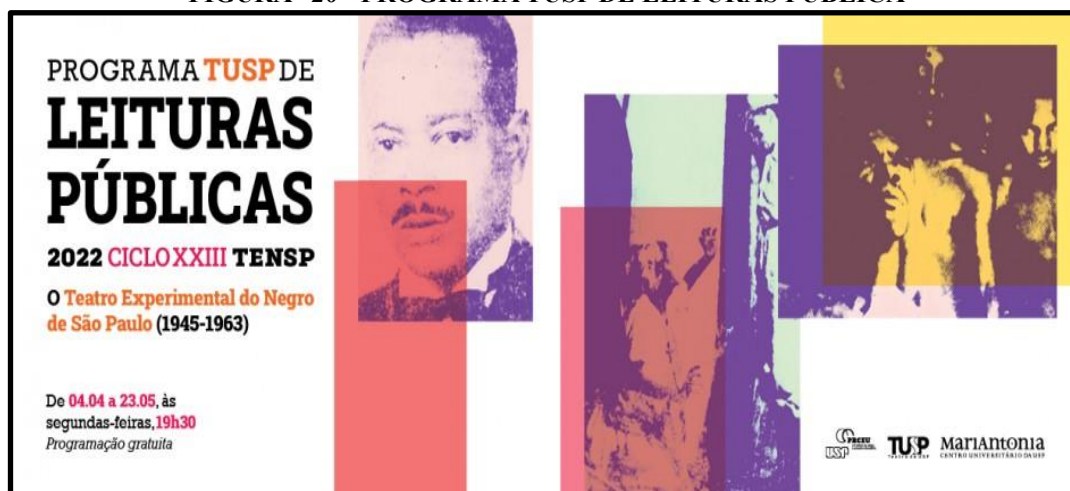
Fonte - <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa399045/nair-araujo>

No **Programa TUSP de Leituras Pública**, o nome de Nair aparece nos registros das declamadoras, ofício em que ela era expert e que havia alguns poetas que exigiam que ela fosse a declamadora de seus poemas pela beleza dada às suas escritas.

“Mais de cinquenta pessoas passaram pelo TENSF, formando toda uma geração de artistas negros, que seguiram trajetória em diversas outras companhias e em carreiras no cinema e televisão. Cabe destaque aos diretores Geraldo Campos de Oliveira (também tradutor), Dalmo Ferreira e Raul Martins (os dois últimos também atores); às atrizes e atores Jacira Sampaio, Áurea Campos, Cynthia Bastos, Nair Araújo, Samuel dos Santos, Gentil de Oliveira, José Francisco e Ednardo Pinheiro (também poeta); e ao dramaturgo Milton Gonçalves (mais conhecido por seu trabalho como ator)”

(William Santana Santos, 2022).

FIGURA 20 - PROGRAMA TUSP DE LEITURAS PÚBLICA



Fonte - <http://www.usp.br/tusp/?portfolio=leituras-publicas-tusp-ciclo-xxiii-tensp>

O Podcast da série Livros no Centro da livraria Megafauna, o episódio **A Livreira Pioneira**, trouxe um resumo interessante da vida e trajetória de Nair, contou com fragmentos das entrevistas realizadas com a filha Martha Araújo e do poeta e amigo Oswaldo de Camargo. Percebemos o movimento de pesquisa por parte da jornalista e apresentadora, em que procurou ser fiel aos dados coletados e, também, ressaltando as contribuições da artista, livreira, declamadora, mãe, empregada doméstica e empresária, para a sociedade paulistana.

FIGURA 21 - A LIVREIRA PIONEIRA



Fonte: Livraria Megafauna - Livros no Centro Podcast, 2024.

FIGURA 22 - LIVRARIA CONTEXTO



Rua Lopes da Mota, 886, Aclimação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização da investigação sobre a biografia e trajetória artística e profissional de Nair Theodoro de Araújo, motivou-me a debruçar sobre a pesquisa, pois a cada busca de material que apresentava a possibilidade de constar o nome dela, era como se eu estivesse encontrando pepitas de ouro.

Fui me encantando com as leituras e os desafios das buscas que permearam materiais que foram desde uma simples nota de rodapé no final de um artigo como: teses de doutorado, dissertações de mestrado, registro em páginas de enciclopédias como do Itaú Cultural e da Brasileira da Diáspora Africana, de blog, noveleta que trazia 15 poemas dedicados a Nair, artigos, podcast, livros e jornais.

Sentimentos como alegria, paixão, frustração e emoção estiveram presentes desde o início da ideia de começar a presente pesquisa com este tema e, não foi diferente na construção e produção dos conhecimentos adquiridos.

Ao investigar como o gênero influencia no conhecimento e na produção de saberes, e no caso deste estudo, ficou muito evidente a força e determinação de uma mulher que ousou na vida e fez a diferença em um grupo reduzido de colegas que até a atualidade colhem os frutos de sua amizade.

O objeto de estudo foi sendo trabalhado perante a muitos questionamentos acumulados ao longo do desenvolvimento da pesquisa e, com o aprofundamento das análises e leituras dos dados coletados, é que me foi possível compreender a cartografia em que a protagonista brilhou. Ela transitou entre três a quatro bairros das zonas cêntrica e oeste da cidade de São Paulo.

Também destaco a sua participação na Associação Cultural do Negro (ACN) e no Teatro Experimental do Negro de São Paulo (TEN-SP), em que desempenhou-se como atriz e exímia declamadora de poemas dos colegas poetas negros. Ocupou cargo na diretoria da ACN e sempre enfatizou a valorização e resgate da história e contribuição do negro para o desenvolvimento sociocultural e político.

A sua trajetória foi marcada pela repressão militar, cerceamento de liberdade de expressão, machismo, desigualdade racial e de gênero, resistência e, ao mesmo tempo, resiliência ao continuar realizando reuniões com poetas, artistas, intelectuais e um médico negro de nome desconhecido, em que debatiam e refletiam sobre as questões da população negra.

Em sua época, militava pelos movimentos políticos, sociais, culturais, econômicos e educativos, em que objetivava a valorização e reconhecimento da raça e do gênero na sociedade brasileira.

No ano de 1972, Nair se junta a dois sócios e realiza o sonho de ter a própria livraria. Ela passou de empregada doméstica a empresária do ramo livreiro. Após sua morte em maio de 1984, a livraria Contexto continua em funcionamento, sendo administrada pela sua filha Martha Helena.

A espiritualidade, tão presente na jornada de Nair Araújo, se fez também presente no processo de construção desta dissertação, proporcionando a coragem e a clareza necessárias para enfrentar os desafios acadêmicos.

Agradeço profundamente a Nair Araújo, cuja força espiritual e luta incansável continuam a reverberar em minha pesquisa e na construção do conhecimento sobre as trajetórias das mulheres negras.

Sua memória, sua resistência e sua sabedoria orientaram este trabalho, oferecendo um caminho de resistência e superação. Ao reconhecer suas contribuições, é possível perceber que a luta das mulheres negras não se limita ao espaço físico, mas se expande para o plano espiritual, refletindo uma energia de transformação que transcende gerações.

Com gratidão e respeito, encerro este trabalho, ciente de que ele é, em grande parte, fruto da força e inspiração de Nair Araújo e das mulheres negras que, ao longo da história, mantiveram vivas suas histórias e suas lutas.

A relevância e contribuição acadêmica desta pesquisa constata-se pelo material aqui apresentado, retratado no compromisso, dedicação e perseverança da autora em recontar essa história de maneira acadêmica e organizada, respeitando cada fragmento encontrado.

Concluimos que esse trabalho pode ser considerado um marco nos estudos acadêmicos sobre Nair Theodoro de Araújo, mediante os materiais reunidos pesquisados, analisados e interpretados à luz da trajetória de vida dela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Neuma. **Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres.** Rio de Janeiro: Record, p. 85-94, 1997.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade.** São Paulo, SP: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 152 p. ISBN 978-85-98349-69-5

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: MG, Letramento, 2021.

ANDREWS, George Reid. **Blacks and whites in São Paulo, Brasil, 1988-1988.** The University of Wisconsin Press, 1991.

ASSUMPÇÃO, Carlos. 2022. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos_de_Assump%C3%A7%C3%A3o.

BASTIDE, Roger. “**A propósito do Teatro Experimental do Negro**”. In: Teatro Experimental do Negro: Testemunhos. 1966.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 224-225.

BENTO, M. A. S. **Pactos Narcísicos no Racismo: branquitude e poder nas organizações e no poder político.** São Paulo: USP, 2002.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2003.

CADERNO DE CULTURA DA ACN. Série "Cultura Negra". ACN, São Paulo, 13/12/1958. Disponível em: <https://www.danielchaiebleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=6221936> .

CALADO, Maria da Glória. **Escola e enfrentamento do racismo: as experiências das professoras ganhadoras do Prêmio Educar para a Igualdade Racial.** 2013. 217p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação - Universidade de São Paulo (FEUSP). São Paulo: SP, 2013.

CAMARGO, Oswaldo de. **Raiz de um negro brasileiro.** São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2015.

CAMARGO, Oswaldo de. **Negro disfarce.** São Paulo. Siglo contínuo, 2020.

CAPORAL, Angélica Azeredo Garcia. **Pedagogia decolonial aplicada ao movimento de mulheres negras: um estudo sobre a ampliação da participação social e luta por direitos na intersecção de raça e gênero.** 2020. 119p. Dissertação (Mestrado em Direito) - Programa de Pós-Graduação em Direito - Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Criciúma: Santa Catarina, 2020. Disponível em:

<http://200.18.15.28/bitstream/1/7777/1/Angélica%20Azeredo%20Garcia%20Caporal.pdf>. Acesso em: 30/8/2024

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. 339p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação - Universidade de São Paulo (FEUSP). São Paulo: SP, 2005.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo**: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/> Acesso em: 26/7/2024.

CASAGRANDE, Lariane; DE OLIVEIRA CORRÊA, Ronaldo. Nair Theodora Araújo e Maria Mazarello Rodrigues: ausências e apagamentos na historiografia feminina negra e a prática editorial nos anos 1970-1980. **Arcos Design**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 370–388, 2024. DOI: 10.12957/arcosdesign.2024.82126. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/arcosdesign/article/view/82126>. Acesso em: 26/9/2024.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1977.

COLLINS, Patricia Hill. **Feminismo negro e a política do empoderamento**. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=3xOO50dr3bk>>. Acesso em: 22/8/2024.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução Rane Souza. 1ª. ed., São Paulo: Boitempo, 2020.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. **Estudos Feministas**, ano 10, p. 171-188, 1º Semestre, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22/8/2024.

CUNHA JR., Henrique. **Textos para o movimento negro**. São Paulo: Edicon, 1992.

CUNHA JR, Henrique. **Afrodescendência e africanidades brasileiras**. Mimeo., 1996.

DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: as relações raciais na literatura brasileira contemporânea. **Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, v. 41, n. 2, p. 223-243, 2018.

DALCASTAGNÈ, Regina. Quem é e sobre o que escreve o autor brasileiro. [Entrevista concedida a] Amanda Massuela. **Rev. Cult**, São Paulo. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/quem-e-e-sobre-o-que-escreve-o-autor-brasileiro/>. Acesso em: 30/5/2024.

DOMINGUES, Petrônio. **Associação Cultural do Negro (1954-1976)**: um esboço histórico. Associação Nacional de História – ANPUH XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007. 6p.

DOMINGUES, Petrônio. “Em Defesa da Humanidade”: A Associação Cultural do Negro. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, vol. 61, no 1, 2018, p. 171 a 211. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/325407550_Em_Defesa_da_Humanidade_A_Associao_Cultural_do_Negro. Acesso em: 30/5/2024.

FENG, Isadora Zhong Liang Ferreira; MIRANDA, Sâmila Luísa de Faria; ARRUDA, Aline Alves. Autoria feminina e os livros didáticos do PNLD 2018: um estudo analítico. **IX Seminário de Iniciação Científica do IFMG** – 07 a 09 de julho de 2021, Planeta IFMG. Disponível em: <https://www.ifmg.edu.br/sic/edicoes-anteriores/resumos-2021/linguistica-letras-e-artes/autoria-feminina-e-os-livros-didaticos-do-pnld-2018-um-estudo-analitico.pdf>. Acesso em: 18/6/24.

FERREIRA, Dalmo. Disponível em: https://www.elencobrasileiro.com/2018/05/dalmo-ferreira-i_25.html#:~:text=Nome%20real:%20Dalmo%20Ferreira%20Créditos:%20Dalmo%20Ferreira

FERREIRA, Lígia Fonseca. Entrevista com Oswaldo de Camargo. **Revista de História da África e Estudos da Diáspora Africana**. Ano XII, nº XXIII, São Paulo, 2020.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Universidade Estadual do Ceará (UEC), 2002. Apostila.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia; Hasenbalg, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro, Marco Zero (Coleção 2 Pontos, vol. 3), 1983.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020. (1979, 2021).

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural e Pós-Modernidade**. 4ª ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

HERZ, Pedro. **O livreiro**. São Paulo: Editorial Planeta, 2017.

HERZ, Pedro. O vendedor de livros da Livraria Cultura. Publicado em 8 de agosto de 2013 às 20h13. **EXAME, Revista**. Disponível em: <https://exame.com/pme/o-vendedor-de-livros-da-livraria-cultura/> . Acesso em: 06/9/2024.

JORGE, Andrade. **100 anos: avaliações críticas**. São Paulo: ECA/USP, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/9786588640746>. Acesso em: 31/10/2024.

JUNIOR, Henrique Cunha. Movimento de Operários Negros. **Revista Espaço Acadêmico**. Ano 25, v. 2, nº 46, p. 47-54, 2021.

LARA, Ricardo; SILVA, Mauri Antônio da. A ditadura civil-militar de 1964: os impactos de longa duração nos direitos trabalhistas e sociais no Brasil. **Serviço Social & Sociedade**, n. 122, p. 275–293, abr. 2015.

LEÃO, Alice da Silva et al. Mulheres, Homossexuais, Indígenas e Negros na Ditadura Civil Militar: uma análise sobre as minorias no regime político. **Das Amazônias**, 2(2), 45-58, 2019.

LEITE, José Correia; Cuti. ... **E disse o velho militante José Correia Leite**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992. 301 p. Disponível em: <https://www.cuti.com.br/artigocorreialeite> . Acesso em: 31/8/2024.

LEMONS, Rosália de Oliveira. **Do Estatuto da Igualdade Racial à Marcha das Mulheres Negras - 2015**: uma análise das feministas negras brasileiras sobre políticas públicas. 2016. 398p. Tese (Doutorado em Política Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Política Social na Escola de Serviço Social - Universidade Federal Fluminense (UFF), Escola de Serviço Social, 2016.

LIVRO. **Série Cultura Negra**. 1 Edição da Associação Cultural do Negro - SP, 1958. Disponível em: <https://www.danielchaibleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=6221936>. Acesso em.: 04/11/2024. Leilão realizado dia 28/01/2020, terça-feira, às 15h em Porto Alegre.

LOPES, Maria Aparecida Oliveira. **História e Memória do Negro em São Paulo**: efemérides, símbolos e identidade (1945-1978), 2007. 232p. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista (UNESP). Assis: SP, 2007.

LOPES, Nei. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. São Paulo: SP, Selo Negro, 2024.

LÜDKE, Menga.; ANDRÉ, Marli. E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo, SP: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MAPA MENTAL - Ditadura militar. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiab/ditadura-militar.htm>

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 2009.

MULHERES 500 anos atrás dos panos. **Nair Theodoro de Araújo**. Disponível em: <http://www.mulher500.org.br/nair-teodoro-de-araujo-1931-1984/> . Acesso em: 15/8/2024.

NAPOLITANO, Marcos. **1964**: história do regime militar brasileiro. São Paulo: SP, Contexto, 2014.

NASCIMENTO, Beatriz. **O conceito de quilombo e a resistência cultural negra**. In: RATTS, Alex. Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Instituto Kuanza, 2006. p. 117-125.

NASCIMENTO, Jéssica Gomes do. **“Olaegbékizomba” festas, dramaturgias e Teatros Negros na cidade de São Paulo**. 2022. 163p. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo: SP, 2022. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/26015>. Acesso em 28/8/2024.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo: SP, PUC, n. 10, p. 07-28, dezembro de 1993.

NOVAS POSSIBILIDADES PARA A CARREIRA ARTÍSTICA DA RAÇA NEGRA - Declarações do prof. Geraldo Campos de Oliveira, diretor do Teatro Experimental do Negro de São Paulo”. Folha da Manhã, 30/9/1945, p. 22.

OLIVEIRA, Eduardo de. **Quem é quem na negritude brasileira**. Editora Congresso Nacional Afro-Brasileiro, 1988.

PALMEIRA, Rita. **A Livreira Pioneira**. Podcast - Megafauna - Livros no Centro. São Paulo, (13/8/2024). Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0N0hIsAfYGAYbVH3sOjDl0?si=9ewt36KjQpmvntpTGJFfo>
g

PEREIRA, Almunita dos Santos Ferreira. **Escutas e Memórias**: narrativas de jovens negras egressas da Fundação CASA no Estado de São Paulo. 2024. 180p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (Antropologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo: SP, 2024.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Revista Brasileira de História**, São Paulo: SP, v.9, n.1, p.26-44, 1989.

POLLAK, Michael. **“Memória e identidade social”**. In: Estudos Históricos, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992.

PRIORE, Mary Del. **Biografia**: quando o indivíduo encontra a história. Topoi, Rio de Janeiro: RJ, v.10, n.19, p.7-16.

REVISTA ESPAÇO ACADÊMICO, nº 230, set-out, 2021, Bimestral, ano XXI.

REVISTA NIGER. nº.1 ano 1, julho de 1960. p. 4 e 7.

SANTOS, William S. Programa **TUSP. de leituras públicas TEN-SP**, O Teatro Experimental do Negro de São Paulo no período entre 1945-1963. 04/4/2022. Disponível em: <http://www.usp.br/tusp/?portfolio=leituras-publicas-tusp-ciclo-xxiii-tensp>

SILVA, Joselina da. Feministas negras entre 1945 e 1964: o protagonismo do Rio de Janeiro. São Paulo e Santa Catarina: **Fazendo Gênero**, nº 7, 2005. Disponível em:

http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/J/Joselina_da_Silva_40.pdf. Acesso em: 09/9/2024.

SILVA, Joselina da. Vozes Soantes no Rio de Janeiro, São Paulo e Florianópolis: mulheres negras no Pós 1945. **Revista da ABPN**. v. 1, n. 1 - mar-jun. de 2010, (p. 28-38).

SILVA, Lúcia; LARA, Gisele. Jornal Nós Mulheres (1976-1978): mulheres negras e relações de trabalho na imprensa feminista. **Revista de História**, v. 20, nº. 2, p. 10-15, 1976.

SILVA, Mário Augusto da. **A Descoberta do Insólito: Literatura Negra e Literatura Periférica no Brasil (1960-2000)**. 2011. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Sociologia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Campinas, SP, 2011. 448p.

SILVA, Mário Medeiros da. O teatro experimental do negro de São Paulo, 1945-66. **Novos Estudos**. CEBRAP, SÃO PAULO, V. 41, nº 02, p. 389-410, mai.- ago. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/mdhwVdVQQdjVhwhYXNb9LCn/?format=pdf> . Acesso em: 09/9/2024.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. **A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000)**. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2023.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. Livrarias Negras no sudeste brasileiro (anos 1972 a 2018). **Rev. Ciênc. Sociais**, nº 67, v.2, maio de 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/dados.2024.67.2.319>. Acesso em: 09/9/2024.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. Carolina Maria de Jesus e o Associativismo Cultural Negros dos anos 60. **Literafro Portal da Literatura Afro-brasileira**. UFMG: Belo Horizonte, 2021.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

TELES, Maria Amélia de Almeida. O protagonismo de mulheres na luta contra a ditadura militar. **Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos**. Bauru: SP, v. 2, nº. 1, p. 9-18, 2014.

TONIAL, Cristina Gamino Gomes. **Narrativas Autobiográficas de Maria Helena Vargas da Silveira no livro “É fogo!”: docência, representações de gênero e raça e pedagogias culturais**. 2019. 94p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Canoas: RS, 2019. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/helenadosul/wp-content/uploads/2020/09/TONIAL-Dissertacao.pdf> . Acesso em: 09/9/2024.

THOMPSON, Edward P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Orgs. Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

VIEIRA, C. S. Clóvis Moura e a Fundação do IBEA - Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)**, v. 9, n. 22, mar – jun 2017, p.349–368. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/252>. Acesso em: 09/9/2024.

VIEIRA, Karine Moura. **Biografia como gênero jornalístico**: experiência narrativa na contemporaneidade, 2011. Disponível em:
<http://www.bocc.ubi.pt/pag/vieira-karinebiografia-como-genero-jornalistico.pdf>. Acesso em: 29/09/2024.

VEREDAS da Salvação. In: **Enciclopédia Itaú Cultural e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em:
<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento393924/vereda-da-salvacao>. Acesso em: 29/10/2024.